

destinada

livro 4 de
Memórias de um Vampiro

morgan rice

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Copyright © 2012 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados.

Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser

reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia do autor.

Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho do autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes, são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Jacket art ©iStock.com /© Jen Grantham

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

FATO:

Em 2009, o primeiro corpo intacto de um suposto vampire foi descoberto, na pequena ilha de Lazzareto Nuovo, na lagoa de Veneza. O vampiro, uma mulher morta pela peste no século 16, foi encontrada enterrada com um tijolo na boca – apoiando a crença medieval de que vampiros eram os responsáveis por pragas como a Peste Negra.

FATO:

A Veneza do século 18 era um lugar diferente de todos os outros na Terra. Pessoas do mundo todo viajavam para lá para participar de festas e bailes suntuosos, e para vestir-se em fantasias e máscaras elaboradas. Era normal que as pessoas andassem nas ruas com fantasias completas. Pela primeira vez na história, não havia diferenças entre os sexos. As mulheres, antes controladas pela autoridade, podiam se vestir como homens, e dessa forma conseguir acesso a qualquer lugar que quisessem...

"Meu amor, minha esposa!

A morte, que sugou-lhe o mel dos lábios,

Inda não conquistou sua beleza:

Não triunfou; A flâmula do belo

É rubra em seus lábios e seu rosto...”

CAPÍTULO UM

Assis, Umbria (Itália) - 1790

Caitlin Paine acorda devagar, completamente envolvida pela escuridão. Ela tenta abrir os olhos, ter uma ideia de onde se encontra, mas não surte efeito. Ela tenta mexer as mãos, os braços – mas isso também não funciona. Ela se sente coberta, imersa em uma textura macia, e não consegue descobrir o que é. É pesado, pressionando seu corpo, e com o passar do tempo, parece estar ficando cada vez mais pesado.

Ela tenta respirar, mas ao fazer isso, ela percebe que suas passagens de ar estão bloqueadas.

Em pânico, Caitlin tenta respirar fundo pela boca, e percebe que algo está alojado dentro de sua garganta. O cheiro preenche suas narinas, e ela percebe que se trata de terra. Ela se dá conta de que o peso é a terra em cima dela, cada vez mais pesada, sufocando-a.

Incapaz de respirar, incapaz de ver, Caitlin entra completamente em pânico. Ela tenta mover as pernas, os braços, mas eles também estão presos.

Em um surto, ela junta todas as suas forças e consegue deslocar ligeiramente os braços; e eventualmente os levanta cada vez mais alto.

Finalmente, ela rompe o solo, e sente suas mãos em contato com o ar. Com forças renovadas, ela luta com tudo que tem, escavando

freneticamente e removendo a terra de cima dela.

Caitlin finalmente consegue se sentar, com terra ao seu redor. Ela remove a sujeira do rosto e de seus cílios, tirando terra da boca e do nariz. Ela usa as duas mãos, histérica, e por fim consegue remover o suficiente para respirar.

Hiperventilando, ela respire profundamente, e nunca esteve mais agradecida por ser capaz de respirar. Ao tomar ar, ela começa a tossir, forçando os pulmões, expelindo terra pela boca e nariz.

Caitlin força seus olhos a se abrirem, com os cílios ainda pregados, e consegue abri-los o suficiente para ver onde está. É o pôr do sol. No campo. Ela está soterrada por um monte de terra, em um pequeno cemitério rural. Ao olhar a sua volta, ela vê os rostos aturdidos de uma dúzia de aldeões, vestidos com trapos, encarando-a visivelmente transtornados. Ao seu lado está o coveiro, um homem musculoso, distraído por sua escavação. Ele ainda não percebeu, nem ao mesmo olhou na direção dela ao esticar o braço, enchendo mais uma pá de terra e a lançando sobre ela.

Antes que Caitlin possa reagir, uma nova pá de terra a acerta no meio do rosto, cobrindo seus olhos e nariz mais uma vez. Ela remove a sujeira, sentando-se e movendo as pernas, se esforçando para conseguir sair de debaixo daquela terra fresca e pesada.

O coveiro finalmente percebe. Ao se preparar para lançar mais uma pá de terra, ele a vê e salta para trás. A pá cai lentamente de suas mãos, e ele recua vários passos.

Um grito rompe o silêncio. Ele vem de um dos aldeões, um grito estridente de uma velha supersticiosa, que observa o que deveria ser o cadáver fresco de Caitlin, agora surgindo da terra. Ela grita sem parar.

Os outros aldeões dividem-se em suas reações. Alguns se viram e fogem, correndo para longe. Outros simplesmente cobrem as bocas com as mãos - atônitos demais para esboçar outra reação.

Mas alguns dos homens, segurando tochas, parecem vacilar entre o medo e a raiva. Eles ensaiam alguns passos na direção de Caitlin, e ela pode ver em suas expressões, e em seus equipamentos rurais erguidos, que estão prestes a atacar.

Onde estou? Ela desesperadamente se questiona. *Quem são essas pessoas?*

Desorientada, Caitlin ainda tem a presença de espírito de perceber a necessidade de agir rápido. Ela tenta remover o monte de terra que mantém suas pernas presas, escavando furiosamente. Mas o solo está molhado e pesado, e seu progresso é lento, fazendo Caitlin se lembrar de uma ocasião com seu irmão Sam, em alguma praia, quando ele a tinha enterrado até o pescoço. Ela não conseguia se mover e tinha pedido a ele que a soltasse, e ele a tinha feito esperar por horas.

Ela se sente tão impotente, tão sem saída que, apesar de tudo, começa a chorar. Ela se pergunta onde teria ido sua força vampira. Ela é apenas uma humana? Parecia que sim, mortal, fraca, igual a todos os outros.

Ela de repente sente medo. Muito, muito medo.

“Alguém, por favor, me ajude!” grita Caitlin, tentando prender o olhar de uma das mulheres do grupo, torcendo para encontrar alguma empatia.

Mas não encontra: Ao invés disso, vê apenas olhares de choque e medo. E raiva. Um grupo de homens, armados de instrumentos rurais, está se aproximando dela. Ela não tem muito tempo.

Caitlin tenta apelar diretamente a eles.

“Por favor!” ela grita, “não é o que vocês estão pensando! Não lhes desejo mal algum. Por favor, não me machuquem! Ajudem-me a sair daqui!”.

Mas isso parece apenas lhes dar mais ânimo.

“Mate a vampira!” um aldeão grita do meio da multidão. “Mate-a de novo!”

O grito é recebido com entusiasmo. A multidão a quer morta.

Um dos aldeões, menos receoso que os demais, um homem bruto, se aproxima dela. Ele a observa com raiva e indiferença, e então ergue sua picareta. Caitlin pode ver que ele está mirando na sua cabeça.

“Você vai morrer *desta* vez!” ele grita, se preparando.

Caitlin fecha os olhos e, de alguma parte, de algum lugar dentro dela, invoca o ódio. É um ódio primitivo, de alguma parte dela que ainda existe, e ela sente a raiva subindo pelos seus pés e tronco, atravessando todo seu corpo. Ela queima de raiva; *Não é justo*, morrer desse jeito, sendo atacada, sentindo-se tão indefesa. Ela não lhes tinha feito nada. *Isso é simplesmente injusto* ecoa em sua mente repetidamente, enquanto sua raiva aumenta.

O aldeão ataca com força, mirando o rosto de Caitlin, e ela repentinamente sente a explosão de força que ela precisava. De uma única vez, ela salta para fora da terra e agarra a picareta pelo cabo, no meio do golpe. Caitlin pode ouvir a reação de surpresa da multidão – que assustada, recua alguns metros. Ainda segurando a picareta, ela olha para o rosto dele e vê que agora exprime apenas o medo.

Antes que ele possa reagir, ela arranca o machado de sua mão e bate com força no peito dele. Ele é lançado para trás, pelo ar, uns

dez metros, parando no meio do grupo de aldeões e derrubando alguns deles.

Caitlin levanta o machado, dá diversos passos na direção deles e, com a expressão mais feroz que consegue fazer, dá uma rosnada.

Os aldeões, aterrorizados, levam as mãos aos rostos, e gritam. Alguns fogem para a mata, e os que permanecem ficam acovardados.

É o efeito que Caitlin esperava. Ela os tinha assustado apenas o suficiente para atordoá-los.

Ela derruba a picareta e corre por eles, atravessando o campo rumo ao por do sol.

À medida que corre, ela espera – deseja - que seus poderes vampiros voltem e que suas asas brotem para que ela possa levantar voo e voar para longe dali.

Mas ela não tem tanta sorte. Por algum motivo, isso não acontece.

Será que eu os pedi? Ela se pergunta. Ou sou uma mera humana mais uma vez?

Ela corre com a velocidade de um simples humano, e não sente nada em suas costas, nenhuma asa, por mais que as deseje. Ela agora seria tão indefesa e fraca quanto os outros?

Antes que ela possa descobrir, ela ouve um barulho cada vez mais alto atrás dela. Ela olha para trás e vê o grupo de aldeões; eles estavam começando a persegui-la. Gritando, carregando tochas, instrumentos de trabalho, tacos e pedras, eles correm atrás dela.

Por favor, Deus, ela reza. Faça com que este pesadelo termine. Apenas tempo o suficiente para que eu descubra onde estou. Para que me torne forte novamente.

Caitlin olha para baixo e percebe, pela primeira vez, as roupas que está usando. É um vestido longo e elaborado, bordado com capricho, e a cobre do pescoço aos pés. É apropriado para uma ocasião formal – como um velório – mas certamente não para corrida. Suas pernas ficam restritas por ele. Ela se abaixa e o rasga acima dos joelhos, o que a ajuda, e ela corre mais rápido.

Mas ainda não é rápido o suficiente. Ela sente que está se cansando rapidamente, e o grupo que a persegue parece ter energia de sobra. Eles se aproximam rápido, diminuindo a distância.

Ela subitamente sente um objeto cortante na parte de trás da cabeça, e cambaleia de dor. Ela tropeça ao ser atingida, e levanta o braço para tocar o local com a mão. Sua mão é coberta de sangue; ela tinha sido atingida por uma pedra.

Ela vê várias pedras passarem voando ao lado dela e ao se virar, percebe que está sendo apedrejada; outra pedra a acerta na parte baixa das costas; o grupo está apenas a 10 metros dela.

Ao longe ela enxerga uma colina íngreme, e no topo dela uma gigantesca igreja e convento medievais. Ela corre nessa direção, torcendo para conseguir alcançá-la e, talvez, encontrar refúgio destas pessoas.

Mas ao ser atingida por outra pedra mais uma vez, no ombro, ela percebe que não faria diferença alguma. A igreja é distante, ela está ficando cansada e o grupo cada vez mais próximo. Ela não tem escolha a não ser encará-los e lutar.

Depois de tudo pelo que tinha passado, as batalhas vampiras, tinha até mesmo sobrevivido a uma viagem no tempo, e agora está prestes a ser morta por um grupo de aldeões estúpidos.

Caitlin para no meio do caminho, se vira, e encara a multidão. Se tivesse que morrer, morreria tentando.

Parada ali, ela fecha os olhos e respira fundo.

Ela se concentra, e tudo fica mais claro. Caitlin pode sentir seus pés sobre a grama enraizada e, lenta e continuamente, sente uma força primitiva subir por suas pernas, tomando conta de todo seu corpo. Ela se esforça para lembrar; para lembrar a raiva; para se lembrar de sua força nata, primitiva. Ela já havia treinado e lutado com força sobrehumana antes e ela a quer de volta, sentindo que em algum lugar dentro dela, a força está adormecida.

Enquanto espera, se lembra de todos que já tinha enfrentado na vida, todos os valentões e tiranos.

Ela pensa na mãe, que com muita relutância demonstrava pouco carinho por ela; nos valentões que haviam perseguido ela e Jonah até um beco em Nova Iorque. Ela se lembra dos tiranos, amigos de Sam, em um celeiro no Vale do Hudson. E também se recorda de quando havia conhecido Cain, na Ilha Pollepel. Sua vida sempre havia sido repleta deles, e fugir nunca a tinha ajudado, como sempre tinha feito, seria necessário encará-los e lutar.

Enquanto pondera sobre a injustiça de toda aquela situação, seu ódio aumenta e toma conta dela. Ele duplica e depois triplica, até que ela pode sentir suas veias aumentando, e seus músculos prestes a estourar.

Bem naquele momento, o grupo a alcança. Um aldeão levanta o taco e dá um golpe visando a cabeça dela. Com seu recém-descoberto poder, Caitlin desvia bem a tempo, se abaixa e o joga por cima de seus ombros. Ele é lançado vários metros no ar, e cai de costas na grama.

Outro homem ergue a mão segurando uma grande pedra, preparando-se para esmagar a cabeça de Caitlin; mas ela levanta o braço e agarra seu pulso e o torce, o homem cai de joelhos, gritando.

Um terceiro aldeão a golpeia com sua enxada, mas Caitlin é rápida demais: ela se vira e impede que ele a acerte, arrancando-lhe a enxada das mãos e golpeando a cabeça dele com ela. A enxada, com quase dois metros de comprimento, é exatamente do que ela precisa.

Ela gira, esticando-a e derrubando todos ao seu alcance; dentro de poucos minutos, ela cria um perímetro ao seu redor. Outro aldeão se prepara para lançar uma grande pedra na direção dela, e ela joga a enxada nele. Ela o acerta na mão, e ele deixa a pedra cair.

Caitlin corre contra a multidão atordoada, arrancando uma tocha das mãos de uma velha, e começa e apontá-la em todas as direções. Ela consegue acender uma parte alta da grama seca, e alguns aldeões recuam, gritando assustados.

Quando a parede de fogo entre eles cresce o suficiente à medida que o fogo se alastra, Caitlin joga a tocha para cima da multidão. Ela voa pelo ar, indo cair nas costas de um homem, cuja túnica pega fogo, incendiando a pessoa ao lado. O grupo rapidamente se fecha em torno deles, tentando apagar as chamas.

É a chance que Caitlin precisava. Os aldeões finalmente se distraem o suficiente para que ela corra. Ela não quer machucá-los. Ela apenas deseja que a deixem em paz. Ela precisa se recuperar, descobrir onde está.

Ela se vira para a colina, na direção da igreja. Correndo, ela sente sua força e velocidade renovadas; disparando colina acima, Caitlin sabe que está finalmente ganhando distância deles. Ela apenas torce para que a igreja esteja aberta, e para que a deixem entrar.

Enquanto corre, sentindo a grama sob seus pés, o dia escurece, e ela vê tochas sendo acesas no meio do vilarejo, e ao longo dos muros do convento. Ao se aproximar, ela vê um guarda noturno em cima do muro. Ele olha para baixo e, ao vê-la, seu rosto é

transformado pelo medo. Ele levanta o braço, balançando tocha e gritando:

“Vampiro! Vampiro!”.

Quando ele faz isso, os sinos da igreja tocam.

Caitlin é rodeada por tochas em todos os lados. Pessoas surgem de todas as direções, enquanto o guarda continua a gritar acompanhado pelo som dos sinos da igreja. É uma caça às bruxas, e todos parecem ir em direção a ela.

Caitlin acelera, correndo tão rápido que suas costelas doem. Lutando para respirar, ela alcança as portas de carvalho no último segundo. Ela abre uma das portas, entrando e batendo a porta atrás dela em seguida.

Lá dentro, ela olha agitada para todos os cantos, e se depara com o cajado de um pastor. Ela usa o cajado para trancar as portas, barrando a entrada dos aldeões.

No momento em que faz isso, ela ouve um tremendo estrondo na porta, à medida que dezenas de pessoas a forçam. As portas tremem, mas não cedem. O cajado estava conseguindo segurá-los - ao menos por enquanto.

Caitlin rapidamente examina o local. A igreja, por sorte, está vazia. Ela é enorme, com tetos abobadados altíssimos. O lugar está frio, vazio, há centenas de bancos espalhados pelo chão de mármore; do outro lado, acima do altar, ela pode ver diversas velas suspensas acesas.

Enquanto observa, Caitlin pode jurar ter visto algum movimento do outro lado da sala. As batidas se intensificam, e a porta começa a tremer. Caitlin parte para a ação, correndo entre os bancos, em direção ao altar. Ao chegar lá, ela percebe que estava certa: há

alguém ali. Ajoelhado silenciosamente, de costas para ela, está um padre.

Caitlin se pergunta como ele pode ignorar tudo aquilo, sua presença ali; como ele pode estar tão envolvido em suas orações em um momento como aquele. Ela espera que ele não a entregue aos aldeões.

“Olá?” diz Caitlin.

Ele não se vira para ela.

Caitlin se dirige até o outro lado, de frente a ele. Ele é um homem mais velho, de cabelos brancos e barba feita, e olhos azuis que parecem encarar o vazio enquanto ele reza. Ele não se incomoda em olhar para ela. Há algo a mais também, que ela pode pressentir. Mesmo em seu estado atual, ela sabe que há algo de diferente a respeito deste homem. Ela sabe que ele é como ela, - um vampiro.

As batidas voltam a se intensificar, e quando uma das dobradiças cede, Caitlin olha para trás assustada. O grupo parece determinado, e ela não sabe aonde ir.

“Ajude-me, por favor!” pede Caitlin.

Ele continua suas orações por mais diversos segundos. Finalmente, sem olhar para ela, ele diz:

“Como eles podem matar algo que já está morto?”

Há um barulho de madeira partindo.

“*Por favor,*” ela implora, “Não me entregue a eles.”

Ele se levanta vagorosamente, quieto e com postura, e aponta para o altar.

“Ali dentro,” ele fala. “Atrás da cortina. Há um alçapão. Vá!”

Ela segue a direção do seu dedo, mas vê apenas um grande pódio, coberto por um tecido de cetim. Ela corre até ele e, ao erguer o pano, vê o alçapão. Ela o abre, e se enfiar com dificuldade no pequeno espaço apertado.

Enfiada ali dentro, ela espia por uma pequena fresta. Ela vê o padre se apressar até uma porta lateral e abri-la com um chute, com tremenda força.

Assim que faz isso, as portas da frente da igreja são derrubadas pela multidão, e eles avançam entre os bancos.

Caitlin fecha as cortinas depressa, e torce para que não a tenham visto. Ela assiste por uma fresta, e pode ver o suficiente para enxergar o grupo que se encaminha na direção do altar, aparentemente direto para seu esconderijo.

“Por ali!” grita o padre. “A vampira fugiu naquela direção!”

Ele aponta para a porta lateral, e o grupo passa correndo por ele, voltando para a escuridão da noite.

Vários segundos se passam enquanto o fluxo aparentemente infindável de pessoas deixa a igreja, e o silêncio volta a tomar conta do lugar.

O padre fecha a porta, trancando-a em seguida. Ela pode ouvir os passos dele, andando em sua direção, e Caitlin, tremendo de medo e frio, lentamente abre a porta do alçapão. Ele abre a cortina e olha para ela, gentilmente estendendo-lhe a mão.

“Caitlin,” ele diz sorrindo. “Estamos esperando você há muito tempo.”

CAPÍTULO DOIS

Roma, 1790

Kyle fica em pé no escuro, com a respiração ofegante. Há poucas coisas que ele deteste mais que espaços restritos, e ao esticar a mão na escuridão e se deparar com a rocha à sua volta, ele começa a transpirar. Preso. Não há como piorar.

Ele cerra o punho e dá um murro que abre um buraco na parede de pedra. Ela quebra em pedaços, e Kyle rapidamente cobre os olhos, protegendo-os da luz do sol.

Se há algo que Kyle odeie mais que estar preso, é ser acertado de frente pela luz do sol, especialmente sem suas proteções de pele. Ele rapidamente salta sobre os escombros da parede e se protege atrás de um muro.

Kyle respira fundo e analisa o seu entorno, desorientado, enquanto retira a poeira dos olhos. Isso é exatamente o que ele mais detestava sobre a viagem no tempo: ele nunca sabia onde iria parar. Ele não havia tentado há séculos e, não teria enfrentado a viagem agora se não fosse pela eterna pedra em seu sapado, Caitlin.

Não muito tempo depois da partida dela de Nova Iorque, Kyle tinha percebido que a Guerra estava somente parcialmente ganha. Com ela ainda à solta, e sua busca pelo Escudo, ele logo havia percebido que não poderia relaxar. Ele estava prestes a ganhar a guerra, e escravizar toda a raça humana, prestes a se tornar o único líder de toda a raça vampira; mas Caitlin, aquela garotinha patética, o estava impedindo. Enquanto o Escudo estivesse desaparecido, ele não

poderia assumir o poder absoluto. Ele não teria escolha a não ser rastreá-la e matá-la. E se isso significasse que ele teria que viajar no tempo, era isso que ele faria, e assim o fez.

Quase sem fôlego, Kyle retira uma proteção de pele do bolso e as envolve em torno dos braços, pescoço e torso. Ao prestar mais atenção ao local, ele se dá conta de que está em um mausoléu. As marcações na parede parecem escritas em romano.

Roma.

Ele não visitava Roma há anos. Ele tinha levantado poeira demais ao estourar a parede de mármore, e era possível ver a poeira suspensa no ar contra a luz, e ele não consegue ter certeza de onde está. Respirando fundo, ele se prepara e caminha até a saída.

Ele estava certo: É Roma. Ele olha para fora, vê os Ciprestes Italianos, e tem certeza de sua localização. Ele percebe estar no Fórum Romano, com seu gramado, colinas, vales esparramados à sua frente em uma leve descida.

As lembranças não demoram a aflorar; ele havia matado muitas pessoas aqui, quando ainda se costumava fazer isso. Ele mesmo quase havia sido morto, sorri Kyle ao lembrar, era exatamente o seu tipo de lugar. É o lugar perfeito para estar. O Partenon não é muito longe, e dentro de minutos, ele estaria diante dos juízes do Grande Conselho Romano, e seu poderoso coven, e conseguir as respostas que tanto quer. Ele logo saberia onde Caitlin está e, se tudo corresse bem, conseguiria a permissão deles para matá-la.

Não que ele precisasse de permissão, seria uma questão de cortesia - de etiqueta - seguir a milenar tradição. Sempre se pede permissão para matar no território de outro coven.

Mas se eles recusassem, ele dificilmente desistiria. Isso poderia tornar sua vida mais difícil, mas ele mataria qualquer pessoa que tentasse impedi-lo.

Kyle respira o ar romano, sentindo-se em casa. Há muito tempo ele não visitava aquele lugar. Ele tinha se envolvido demais em Nova Iorque, com a política da era moderna. Isso é mais seu estilo; ele pode ver cavalos à distância e estradas de terra, e supõe que esteja em algum momento do século XVIII. Perfeito. Roma é urbana, mas ainda inocente, ainda tem 200 anos de aprendizado pela frente.

Ao analisar seu estado, Kyle percebe ter sobrevivido relativamente bem à viagem no tempo. Em outras viagens, ele tinha chegado bem destruído, havia precisado de mais tempo para se recuperar. Mas não desta vez. Agora ele se sente mais forte do que nunca, pronto para qualquer situação, como se suas asas pudessem brotar a qualquer momento; sentindo como se pudesse voar direto até o Partenon se assim desejasse, e colocar seu plano em ação imediatamente.

Mas ele não está exatamente preparado. Ele não viajava no tempo a muitos anos, e a sensação de estar de volta lhe agrada. Ele pretende explorar um pouco, ver e recordar como tinha sido viver ali. Kyle desce a colina com sua supervelocidade, e em poucos instantes, está fora do Fórum e no meio das movimentadas ruas de Roma.

Ele se surpreende que mesmo 200 anos antes, Roma já tem mais gente do que aparentemente pode comportar.

Kyle diminui o ritmo ao misturar-se à multidão, caminhando lado a lado. É uma massa humana; a larga avenida, ainda feita de terra, está repleta de milhares de pessoas, apressando-se em todas as direções. Há também cavalos de todos os tipos e tamanhos, assim como carrinhos puxados por cavalos, carroças e carruagens. As ruas cheiram a esterco e suor humanos; Kyle começa a

se recordar, da falta de água encanada e de banhos, o fedor dos tempos antigos, isso o enoja.

Kyle é empurrado para os lados, à medida que o grupo se torna mais denso, pessoas de todas as raças e classes sociais indo e vindo em todas as direções. Ele se encanta com as vitrines antigas, vendendo velhos chapéus italianos. Ele fica maravilhado com os garotinhos vestidos com trapos que correm até ele, oferecendo pedaços de fruta para vender; algumas coisas nunca mudam.

Kyle vira em um pequeno beco decadente de que se recordava, na esperança de que ainda fosse o que costumava ser. Ele fica feliz ao constatar que sim: diante dele, dezenas de prostitutas, encostadas contra os muros, chamam por ele enquanto ele caminha.

Kyle abre um largo sorriso.

Ao se aproximar de uma delas, – uma mulher grande e peituda, com cabelos vermelhos intensos e maquiagem demais – ela estende a mão e acaricia seu rosto.

“Oi garotão,” ela diz, “você quer se divertir? Quanto dinheiro você tem?”.

Kyle sorri, abraçando a mulher, e a acompanha até um beco lateral.

Ela o segue, satisfeita.

Logo que viram a rua, ela diz:

“Você não respondeu minha pergunta. Quanto você...”.

É uma pergunta que ela nunca terá a chance de terminar.

Antes que ela complete a frase, Kyle perfura o pescoço dela com suas presas afiadas. Ela tenta gritar, mas ele fecha a boca dela

com sua mão livre, e a puxa para mais perto, sugando sem parar. Ele sente o sangue humano correr por suas veias, e se sente excitado. Ele estava sedento, desidratado. A viagem no tempo o havia deixado exausto, e é exatamente disso que ele precisava para restaurar seu ânimo.

Quando o corpo da mulher relaxa, ele continua bebendo, sugando mais do que possivelmente poderia precisar. Finalmente, se sentindo completamente saciado, ele deixa seu corpo inerte cair até o chão.

Ao se virar para sair, um homem robusto, barbudo e sem um dente, se aproxima, retirando um punhal do cinto.

O homem olha a mulher morta e depois para Kyle, e faz uma careta.

“Ela era minha propriedade,” ele diz. “é melhor você ter dinheiro para pagar.”

Ele dá dois passos na direção de Kyle e o ataca com o punhal.

Kyle, com seu super-reflexo, dá um passo ao lado, agarra o braço do homem e o dobra para trás de uma única vez, partindo-o ao meio. O homem grita, mas antes que possa terminar, Kyle retira o punhal de suas mãos e, com um gesto rápido, corta seu pescoço. Ele deixa o corpo do homem cair no chão.

Kyle olha para o punhal, pequeno com um cabo de marfim, e balança a cabeça, - não é tão ruim. Ele enfia o punhal no cinto, limpando o sangue da boca. Kyle respira profundamente e, finalmente satisfeito, sai do beco e caminha em direção à rua.

Ah, como ele tinha sentido falta de Roma.

CAPÍTULO TRÊS

Caitlin acompanha o padre pela igreja, enquanto ele termina de fechar a porta de frente e todas as outras entradas. O sol já se pôs, e ele acende tochas pelo caminho, gradualmente iluminando as amplas salas.

Caitlin olha para cima, vê grandes cruzes, e se pergunta por que se sente tão bem ali. Vampiros não deveriam ter medo de igrejas, e de cruzes? Ela se lembra da casa do Coven White, nos Claustros de Nova Iorque, e das cruzes, penduradas nas paredes. Caleb havia dito que certas raças vampiras aceitavam a igreja. Ele tinha dado uma extensa explicação sobre a história da raça vampire e de sua relação com o Cristianismo, mas ela não tinha prestado muita atenção na época, - estava apaixonada demais. Agora ela gostaria de tê-lo escutado.

O padre vampire dirige Caitlin até uma porta lateral, e Caitlin se vê descendo um lance de escada com degraus de pedra. Eles caminham por uma passagem medieval estreita, e ele continua acendendo tochas pelo caminho.

“Eu não acho que eles voltarão.” Ele diz, trancando outra porta por onde passam. “Eles varrerão a área atrás de você, e quando não encontrá-la, voltarão para suas casas. É o que sempre fazem.”

Caitlin se sente segura ali, e está muito grata pela ajuda. Ela se pergunta por que ele a teria ajudado, por que se tinha se arriscado por ela.

“Por que sou da mesma raça que você,” ele diz, virando-se para ela e olhando direto para ela, com seus olhos azuis penetrantes.

Caitlin sempre se esquecia de que vampiros podem ler mentes, mas por um momento também havia esquecido que ele era como ela.

“Nem todos tememos igrejas,” continua ele, respondendo suas perguntas. “Você sabe que nossa raça está dividida. Nosso grupo, o do bem, precisa de igrejas. Sobrevivemos com elas.”

Ao passarem por outro corredor e descerem outro lance de escada, Caitlin pensa sobre onde eles estariam indo. Tantas perguntas passam por sua cabeça, que ela não sabe o que perguntar primeiro.

“Onde estou?” ela pergunta, percebendo ao fazer isso, que é a primeira coisa que ela diz para ele desde que se conheceram. Todas as perguntas saem de uma vez: “Em que país eu estou? Em que ano?”

Ele sorri enquanto caminham, suas rugas se pronunciando em seu rosto. Ele era um homem baixo, frágil, de cabelos brancos e sem barba, sua voz macia como a de um avô. Ele estava vestindo os trajes elaborados de um padre, e mesmo para um vampiro, pareciam velhos. Ela se pergunta há quantos séculos ele estaria aqui na terra. Caitlin sente a bondade e calor que emanam dele, e se sente em paz ao lado do padre.

“Tantas perguntas,” ele fala finalmente, com um sorriso. “Eu compreendo, é muito para você. Bem, para começar você está na Úmbria, na pequena cidade de Assis.”

Ela se esforça, tentando lembrar onde fica esse lugar.

“Na Itália?” ela pergunta.

“No futuro, sim, esta região será parte de um país chamado Itália,” diz ele, “mas não agora. Nós ainda somos independentes. Lembre-se,” ele sorri, “você não está mais no Século XXI, como deve ter percebido pelo comportamento daqueles aldeões.”

“Em que ano estamos?” Caitlin pergunta baixinho, quase com medo de ouvir a resposta.

Seu coração bate acelerado.

“Você está no século XVIII,” ele responde. “Para ser mais preciso: no ano de 1790.”

1790. Assis. Úmbria. Itália.

A ideia a assombra. Tudo parece surreal, como se ela estivesse sonhando. Ela mal pode acreditar que isso está realmente acontecendo, que ela realmente esteja ali, naquele dia e local. Que a viagem no tempo tinha realmente.

Ela também se sente um pouco aliviada: de todos os lugares e anos em que poderia estar, a Itália de 1790 não lhe parece tão mal, não é como a pré-história.

“Por que aquelas pessoas estavam tentando me matar? E quem é você?”

“Apesar de todos os nossos avanços, ainda vivemos em uma época primitiva e supersticiosa,” ele responde. “Mesmo nessa época de luxo e decadência, há milhares de plebeus que ainda vivem com medo de nós.”

“Veja bem, o pequeno vilarejo de Assis sempre foi um reduto do nosso povo. Ele é frequentado por vampiros, e sempre foi. Nosso grupo se alimenta apenas de animais. Ainda assim, com o tempo, os aldeões começaram a perceber.”

“Às vezes eles veem um dos nossos. E quando isso acontece, a situação se torna intolerável. Então, vez ou outra, deixamos que nos enterrem. Deixamos que sigam os tolos rituais humanos, deixando que pensem que estão se livrando de nós. E quando não estão olhando, levantamos e retomamos nossa vida. Mas às vezes, um

vampiro levanta cedo demais, ou é visto quando se levanta, e lá vêm os plebeus de novo. Vai passar, essas coisas sempre passam; trazem atenção indesejada para a nossa raça, mas apenas momentaneamente.”

“Lamento muito,” Caitlin diz, sentindo-se mal pela situação.

“Não se preocupe,” ele responde, “esta foi sua primeira viagem no tempo. Você não pôde evitar, é preciso tempo até se acostumar. Mesmo os melhores de nós não conseguem controlar o despertar muito bem. É sempre difícil prever exatamente onde e quando ressurgiremos; você se saiu bem,” ele completa, colocando a mão gentilmente sobre a dela.

Eles atravessam outro corredor, este mais baixo, com o teto arqueado.

“Além disso, não foi tão mal assim,” finaliza ele. “Afinal de contas, você sabia o suficiente para vir até aqui.”

Caitlin se recorda que tinha visto a igreja enquanto corria pelo campo.

“Mas apenas me pareceu o lugar lógico aonde ir,” ela responde. “É o primeiro prédio que vi, e parecia uma fortaleza.”

Ele sorri, negando com a cabeça.

“Não existem coincidências no mundo vampiro,” diz ele. “Tudo está destinado a acontecer. Um prédio que lhe pareça seguro pode parecer frágil para outra pessoa. Não, você escolheu este lugar por um motivo, um motivo bastante específico. E você foi conduzida até mim.”

“Mas você é um padre.”

Ele balança ligeiramente a cabeça.

“Você é ainda muito jovem, e ainda tem muito a aprender. Nós temos nossa própria religião, nossas próprias crenças. Não diferem muito do que prega a igreja, é possível ser um vampiro e ainda assim, manter uma vida religiosa. Especialmente os vampiros como nós,” ele fala. “Eu até ajudo os humanos com suas vidas espirituais e cotidianas. Afinal de contas, tenho o benefício de milhares de anos de vida neste planeta e a experiência que a acompanha – diferente dos padres humanos. Por sorte, os humanos que conheço não sabem que não sou como eles. Tudo o que sabem é que sou o padre da cidade, e que sempre fui.”

A mente de Caitlin se confunde quando ela tenta absorver tudo aquilo. A ideia de um padre vampiro lhe parece um paradoxo. E ideia de uma religião vampira, trabalhando de dentro da igreja... tudo aquilo lhe parece muito estranho.

Por mais fascinante que fosse tudo aquilo, ela realmente não quer saber sobre vampiros, ou igrejas e religião. Ela quer notícias de Caleb: Ele tinha sobrevivido à viagem? Estava vivo? Onde estava ele?

E ela precisa desesperadamente saber sobre o filho deles: Ela ainda estava grávida? O bebê tinha sobrevivido?

Ela se concentra nas perguntas com força, e espera que o padre consiga ler seus pensamentos e respondê-las.

Mas ele não faz isso.

Ela sabe que ele tinha lido seus pensamentos e está escolhendo não tirar suas dúvidas. Ele quer que ela fale, e provavelmente sabe que são perguntas que ela teme fazer-lhe.

“E o que aconteceu com Caleb?” ela finalmente pergunta, com a voz embargada. Ela está nervosa demais para perguntar pelo bebê.

Ela olha pra ele e vê que seu sorriso desaparece, e uma leve preocupação cruza o seu olhar. O coração de Caitlin se aperta.

Por favor, ela pensa. Por favor, não me dê más notícias.

“Algumas coisas você vai ter que descobrir sozinha,” ele fala lentamente, “e outras eu não devo lhe dizer. É uma jornada que você deve fazer sozinha. Apenas você.”

“Mas ele está aqui?” ela pergunta esperançosa. “Ele sobreviveu?”

O padre, caminhando ao lado dela, cerra os lábios. Ele deixa a pergunta pairar no ar, sem resposta, por um tempo aparentemente interminável.

Finalmente, eles param diante de outro lance de escada, e ele se vira e olha para ela.

“Gostaria de poder lhe dizer mais,” ele diz. “Eu realmente gostaria.”

Virando-se, ele ergue a tocha, e lidera o caminho por outra pequena escadaria.

Eles adentram um longo corredor arqueado, com teto dourado e detalhadamente decorado. Eles eram inteiramente cobertos por afrescos multicoloridos, e entre eles há arcos pintados a ouro. O teto brilha. E o chão também. Ele é lindo, de mármore rosa, e parece ter sido limpo recentemente. O nível subterrâneo da igreja é maravilhoso, assemelhando-se a uma sala de tesouro medieval.

“Nossa,” Caitlin diz em voz alta. “Que lugar é esse?”

“É um lugar de muitos milagres: Você está na igreja de São Francisco de Assis. Este é também o seu local de descanso, um lugar muito sagrado para nossa religião. As pessoas – tanto humanos como vampiros – peregrinam até aqui, viajando milhares de quilômetros, apenas para estar exatamente neste local. Francisco

era o santo dos animais, e também o santo de todas as criaturas que não fazem parte da raça humana – incluindo o nosso povo. Acredita-se que milagres ocorram aqui; somos protegidos neste lugar, pela energia dele. Você não veio parar aqui por acidente,” continua ele. “Este lugar é um portal para você. O local de partida para que você comece a sua jornada, sua peregrinação.”

Ele se vira para ela.

“O que você ainda não conseguiu compreender,” ele diz, “é que você está em uma busca. Algumas peregrinações levam anos, e muitas, muitas milhas.”

Caitlin pensa. Tudo aquilo é muito para assimilar. Ela não quer estar em uma busca. Ela quer voltar para casa, com Caleb, em segurança no século XXI, com tudo isso no passado. Ela está cansada de viajar, de sempre estar fugindo, sempre em busca de algo.

Mas ela não se permite pensar assim. Isso não estava ajudando, ela sabe. As coisas haviam mudado – permanentemente – e elas nunca seriam as mesmas novamente. Ela sabe que mudanças fazem parte de sua vida agora. Ela não tem a mesma idade da velha, e entediante, Caitlin humana. Ela é mais velha agora, mais sábia. E quer quisesse ou não, ela estava em uma missão muito especial, - e simplesmente teria que lidar com isso.

“Mas qual é a minha busca?” Caitlin pergunta. “Qual é o meu destino? Onde exatamente estou indo?”

Ela a leva até o fim do último corredor, e eles param diante de uma grande e elaborada sepultura.

Caitlin pode sentir a energia vinda da sepultura, e imediatamente sabe que se trata do túmulo de São Francisco. Ele se sente reenergizada apenas pela proximidade, sentindo-se cada vez mais forte, voltando a sua antiga forma. Ela se pergunta mais uma vez se

teria voltado como humana ou como vampira, - sentia muita falta de seus poderes.

“Sim, você ainda é uma vampira,” ele diz. “Não se preocupe; vai levar um tempo até que se recupere por completo.”

Ela se sente envergonhada por ter esquecido, mais uma vez, de guardar seus pensamentos, mas sente-se confortada por suas palavras.

“Você é uma pessoa muito especial, Caitlin,” ele diz. “nossa raça precisa muito de você. Sem sua ajuda, me atrevo a dizer, toda nossa raça, e até mesmo a raça humana, estará a um passo da extinção. Precisamos de você, e da sua ajuda.”

“Mas o que esperam que eu faça?” ela pergunta.

“Precisamos que você encontre o Escudo,” responde ele. “E para que você o Escudo, você precisa encontrar seu pai. Ele - e somente ele - o possui. E para encontrá-lo, você deverá encontrar seu coven, - seu verdadeiro coven.”

“Mas não faço ideia por onde começar,” ela diz. “Nem mesmo sei por que estou neste lugar, nesta época. Por que a Itália? Por que 1790?”

“As respostas para estas perguntas você terá que encontrar sozinha. Mas lhe garanto que há razões muito especiais para você estar aqui; pessoas em especial para ver, e coisas a fazer. Tenha certeza que esta época e lugar a levarão até o Escudo.”

Caitlin considera tudo aquilo.

“Mas não faço ideia onde meu pai está. Não sei por onde começar.”

Ele olha para ela e sorri.

“Ah, mas você sabe,” ele responde. “É esse o seu problema. Você não confia em sua intuição, precisa aprender a buscar dentro de si mesma. Experimente, feche os olhos e respire fundo.”

Caitlin faz o que ele pede.

“Pergunte a si mesma: onde devo ir agora?”

Caitlin faz isso, esforçando seus pensamentos, mas nada acontece.

“Ouça o som de sua respiração. Deixe sua mente vazia.”

Quando faz isso, quando realmente se concentra e relaxa, imagens surgem em sua cabeça. Ela abre os olhos por fim, e olha para o padre.

“Vejo dois lugares,” ela diz. “Florença, e Veneza.”

“Sim,” ele fala. “Muito bem.”

“Mas estou confusa, para onde devo ir?”

“Não há escolhas erradas em sua busca. Cada caminho só nos leva a um lugar diferente. A escolha é sua. Você tem um destino muito forte, mas também tem livre arbítrio. Você pode escolher a cada etapa. Agora, por exemplo, você enfrenta uma escolha essencial para sua jornada. Em Florença, você cumpriria certas obrigações, chegaria mais perto do Escudo. E em Veneza, você estaria resolvendo questões do coração. Você deverá escolher entre sua missão e o amor.”

O coração de Caitlin se anima.

Questões do coração. Isso queria dizer que Caleb estaria em Veneza?

Ele se sente atraída para Veneza. Entretanto, intelectualmente, ela sabe que Florença era onde ela deve ir para fazer o que esperam

dela.

Caitlin já se sente dividida.

“Você já é uma mulher agora,” ele diz. “A escolha é sua, mas se escolher seguir seu coração haverá sofrimento,” ele avisa. “A estrada para o coração nunca é fácil. E é sempre inesperada.”

“Sinto-me tão confusa,” ela fala.

“Fazemos nosso melhor trabalho dormindo,” ele diz. “Há um claustro ao lado, e você pode passar a noite aqui, descansar e decidir pela manhã. Até lá, estará completamente recuperada.”

“Obrigada,” ele responde, esticando o braço e pegando mão dele.

Ele se vira para partir, e quando faz isso, o coração dela se contrai. Há mais uma pergunta que ela deve fazer - a mais importante de todas. Mas uma parte dela teme perguntá-la. Tremendo, ela abre a boca para falar, mas não consegue. Ele caminha pelo corredor, e está prestes a fazer a curva quando ela finalmente toma coragem.

“Espere!” ela grita. E completa, mais baixo, “Por favor, eu tenho mais uma pergunta.”

Ele para de caminhar, mas permanece de costas para ela. Estranhamente, ele não se volta para ela, como se pressentisse o que ela está prestes a perguntar.

“Meu bebê,” ela diz, com voz trêmula. “Ele... ela... sobreviveu? À viagem? Eu ainda estou grávida?”

Ele se vira lentamente, e a encara. Então, ele olha para baixo.

“Lamento,” ele diz finalmente, tão baixo que ela quase não tem certeza se o ouviu direito. “Você voltou no tempo; crianças podem ir

apenas pra frente. Seu filho vive, mas não agora - somente no futuro.”

“Mas...” começa ela, tremendo, “Pensei que vampiros só viajassem para o passado, nunca para o futuro.”

“É verdade,” ele responde. “Sinto que seu filho viva em um lugar e época sem a sua presença.”

Ele baixa os olhos mais uma vez, e completa.

“Lamento muito.”

Com isso, ele se vira e vai embora.

E Caitlin sente como se um punhal tivesse atravessado seu coração.

CAPÍTULO QUATRO

Caitlin senta no quarto vazio do monastério Franciscano, e olha pela janela aberta, apreciando a noite. Ela tinha finalmente parado de chorar, desde que tinha deixado o padre, horas atrás, quando recebeu notícias do filho perdido. Ela não tinha sido capaz de controlar as lágrimas, ou de parar de pensar na vida que teria levado, e era tudo muito doloroso.

Mas depois de horas, não lhe restam lágrimas, e agora tudo que ela tem são lágrimas secas em seu rosto. Ela olha pela janela, tentando se distrair, e respira fundo.

O interior da Úmbria se estende diante dela, e de seu ponto de vista, do alto da montanha, ela pode ver as colinas de Assis. A lua está cheia, e ela pode apreciar toda a beleza da paisagem. Ela vê as pequenas cabanas espalhadas ao longo do caminho, com fumaça saindo das chaminés, e pode sentir que é uma época mais calma e relaxada na história.

Caitlin se vira e observa o quarto, iluminado apenas pela luz da lua e uma pequena vela acesa na arandela da parede. Era feito totalmente de pedra, com apenas uma cama num canto. Ela acha engraçado o fato de sempre acabar em um monastério. Esse lugar não poderia ser mais diferente de Pollepel, mas ao mesmo tempo, o pequeno quarto medieval a fazia recordar seu tempo na ilha. O quarto era feito para introspecção.

Caitlin examina o chão liso de pedras e vê, perto da janela, duas pequenas marcas separadas por alguns centímetros, no formato de um joelho. Este quarto já devia ter centenas de anos de uso. Caitlin vai até a pequena cama, e se deita. É apenas um banco de pedra, coberto por uma fina camada de palha. Ela tenta encontrar uma posição confortável, virando de lado – e então sente alguma coisa. Ela enfia a mão na roupa e ao remover o objeto, fica feliz ao perceber do que se trata: seu diário.

Ela o segura, maravilhada em tê-lo consigo. Seu velho e confiável companheiro parece ser a única coisa de sua antiga vida a sobreviver à viagem.

Segurá-lo, uma coisa real e tangível, faz Caitlin perceber que tudo aquilo não é um sonho. Ela realmente está ali, e tudo aquilo realmente tinha acontecido.

Uma caneta moderna rola do meio das páginas, indo parar em seu colo. Ela pega a caneta e a examina, pensando.

Sim, decide ela; é exatamente isso que ela faria. Escrever, processar as coisas. Tudo tinha acontecido rápido demais, e ela quase não

tinha tido tempo de respirar. Ela precisa repassar tudo em sua cabeça, reconsiderar tudo, pensar. Como ela tinha chegado até ali? O que tinha acontecido? Onde estava indo?

Ela não tem certeza das respostas, mas escrevendo, espera se lembrar.

Caitlin vira as páginas frágeis até encontrar uma em branco. Ela ajusta a postura, encosta na parede dobrando os joelhos, e começa a escrever.

* * *

Como cheguei até aqui? Em Assis? Na Itália? Em 1790? Por um lado, há não muito tempo eu estava no século XXI, em Nova Iorque, vivendo a vida normal de um adolescente. Por outro lado, isso tudo parece tão distante... Como tudo isso começou?

Primeiro, me lembro das pontadas de fome, e de como eu não as compreendia. Jonah, e o Carnegie Hal, minha primeira refeição. Minha inexplicável transformação em vampira - Mestiça, é o que me chamam. Minha vontade de morrer. A única coisa que eu queria era ser como todos os outros.

E também tem o Caleb. Ele me salvou de um coven terrível, salvou minha vida. Lembro-me de seu coven nos Claustros. Mas eles não me aceitaram, pois relações entre humanos e vampiros são proibidas. Então fiquei sozinha de novo – até que Caleb me salvou novamente.

Minha busca por meu pai, pela espada mística que poderia poupar a raça humana de uma Guerra Vampira, nos tinha levado por toda parte, de um lugar histórico a outro. Quando encontramos a Espada, ela nos foi roubada - como sempre, Kyle estava apenas esperando para estragar tudo.

Mas não antes que eu tivesse percebido o que eu estava me tornando. E não antes que Kyle e eu nos encontrássemos. Depois que eles roubaram a Espada, depois que tinham me esfaqueado, enquanto eu morria, ele me transformou, e me salvou mais uma vez.

Mas nada tinha saído como eu tinha planejado.

Eu vi Sera, a ex-mulher de Caleb, e imaginei o pior. Eu estava errada, mas era tarde demais. Ele fugiu para longe de mim, e direto para o perigo. Na Ilha Pollepel, eu me recuperei e treinei, e também fiz amigos – vampiros – mais próximos do que jamais havia tido – especialmente Polly. E Blake – tão misterioso e belo – quase havia roubado meu coração. Mas eu recuperei os sentidos a tempo. Descobri que estava grávida, e me dei conta de que precisava salvar Caleb da Guerra vampira.

Tentei salvá-lo, mas era tarde demais. Meu próprio irmão, Sam, nos enganou. Ele me traiu, me fazendo pensar que ele era outra pessoa. Por sua causa eu não tinha acreditado que aquele era mesmo Caleb, e o matei, matei meu amor, - com a Espada, e minhas próprias mãos; ainda não consigo me perdoar.

Mas eu levei Caleb até Pollepel e tentei ressuscitá-lo, trazê-lo de volta a qualquer custo. Eu disse a Aiden que faria qualquer coisa, sacrificaria tudo. E pedi a ele que nos mandasse de volta no tempo.

Aiden me avisou que aquilo poderia não funcionar. Que se tentássemos, poderíamos não ficar juntos. Mas eu havia insistido.

E agora, aqui estou eu. Sozinha em um lugar e época estranhos. Sem meu filho, e possivelmente sem Caleb também.

Eu errei ao voltar?

Sei que preciso encontrar meu pai, e encontrar o Escudo. Mas sem Caleb ao meu lado, não sei se terei forças para continuar.

Sinto-me confusa, não sei o que fazer agora.

Por favor, Deus, ajude-me...

* * *

Enquanto o sol se põe como uma bola de fogo no horizonte, Caitlin corre pelas ruas de Nova Iorque. É o apocalipse. Carros estão virados, corpos estão espalhados pelas ruas, há devastação por toda parte. Ela corre sem parar por avenidas que parecem nunca ter fim. Ao correr, seu mundo parece virar de cabeça para baixo; e enquanto tudo vira, os prédios desaparecem. A paisagem muda, as avenidas se transformam em ruas de terra, os prédios em colinas. Ela se sente voltando no tempo, da era moderna para outro século. Ela sente que se pudesse correr mais rápido, encontraria seu pai, seu verdadeiro, pai, em algum lugar do horizonte.

Ela corre por pequenos vilarejos nas montanhas, e então eles também desaparecem. Logo tudo o que resta é um campo de flores brancas. Ao correr através delas, ela fica surpresa ao ver que ele está lá, no horizonte, esperando. Seu pai.

Como sempre, ela pode ver sua silueta contra o sol, mas desta vez, ele parece mais perto do que antes. Desta vez, ela pode ver seu rosto, sua expressão. Ele está sorrindo, esperando por ela, de braços abertos para um abraço.

Ela se aproxima dele. Ela envolve seus braços ao redor dele e ele a abraça, seu corpo musculoso próximo ao dela.

"Caitlin," ele diz, com a voz cheia de amor. "Você sabe o quão próxima está? Sabe o quanto eu a amo?"

Antes que ela possa responder, ela vê algo mais ao lado, e vê que, do outro lado do campo, está Caleb. Ele estende os braços para ela.

Ela dá alguns passos na direção dele, e então para e olha para seu pai. Ele também lhe estende a mão.

"Encontre-me em Florença," seu pai fala.

Ela se vira para Caleb.

"Encontre-me em Veneza," Caleb diz.

Ela olha para os dois lados, dividida sobre qual caminho seguir.

* * *

Caitlin acorda sobressaltada, sentando-se na cama.

Ela olha à sua volta, desorientada.

Finalmente, ela percebe que tinha sido um sonho.

O sol está nascendo, e ela vai até a janela, e olha para fora. A cidade de Assis pela manhã é calma, e muito bonita. Todos ainda estão dentro de suas casas, e fumaça sai de uma ou outra chaminé. Uma fina neblina paira sobre o campo, refletindo a luz.

Caitlin se assusta ao ouvir um rangido, e se prepara ao ver a porta começando a se abrir. Ela cerra os punhos, preparando-se para qualquer visitante indesejado.

Mas assim que a porta se abre, ela olha para baixo e arregala os olhos de alegria. É Rose, abrindo a porta com o focinho.

"Rose!" grita Caitlin.

Rose abre a porta até o fim, corre e pula nos braços dela. Ela lambe todo seu rosto, e Caitlin ri de felicidade.

Caitlin puxou-a para trás e a olhou. Ela tinha crescido, estava maior.

“Como você me encontrou?” pergunta Caitlin.

Rose a lambe, gemendo baixinho.

Caitlin senta na beirada da cama, acariciando o lobo, e se esforça a se concentrar, tentando limpar a mente. Se Rose tinha sobrevivido, talvez Caleb tivesse, também. Ela se sente encorajada. Intelectualmente, ela sabe, ela precisa ir até Florença. Para continuar sua busca. Ela sabe que a chave para encontrar seu pai, e o Escudo, está lá. Mas seu coração sé atraído para Veneza.

Se houvesse a mínima chance de que Caleb estivesse lá, ela teria que descobrir - simplesmente não havia outra escolha.

Ela se decide. Segurando Rose no colo, ela dá uma corridinha e salta pela janela. Ela sabe que está completamente recuperada agora, que suas asas irão brotar. E como previsto, elas brotam.

Em poucos instantes Caitlin está sobrevoando as montanhas da Úmbria, em direção ao norte, voando para Veneza.

CAPÍTULO CINCO

Kyle caminha pelas ruas estreitas de um distrito antigo de Roma. À sua volta, pessoas estão fechando suas lojas, cansados depois de um dia de trabalho. O por do sol sempre tinha sido sua hora favorita do dia, a hora em que ele se sentia mais forte. Ele sente seu sangue pulsando mais rápido, sente que se fortalece a cada passo. Ele está feliz em estar de volta às ruas lotadas de Roma, especialmente neste

século. Estes humanos patéticos ainda estavam há anos de qualquer tipo de tecnologia, qualquer tipo de monitoramento.

Ele poderia destruir todo este lugar com o coração tranquilo, sem nenhuma preocupação em ser pego.

Kyle vira na Via Del Seminario, e dentro de instantes, ela se abre e ele se encontra em uma grande praça antiga, A Piazza Della Rotonda. E lá está ele; Kyle fica parado ali, de olhos fechados, e respira profundamente. É tão bom estar de volta. Diretamente a sua frente está o lugar que ele havia chamado de lar por tantos séculos, uma das sedes vampiras mais importantes do mundo: O Partenon.

O Partenon ainda está de pé, Kyle fica feliz ao constatar, como sempre havia estado - uma construção gigantesca de pedra, cuja parte de trás avançava de forma circular, exibindo imponentes colunas de pedra na frente. De dia, era aberta aos turistas, mesmo durante este século; a presença de inconvenientes grupos de humanos era constante.

Mas à noite, após fecharem as portas para os humanos, os verdadeiros donos, os verdadeiros ocupantes daquele prédio, apareciam em massa: O Grande Conselho Vampiro.

Vampiros de covens de todos os tamanhos, de todas as partes da terra, vinham até ali para assistir a sessões que duravam a noite toda. O conselho regia tudo, dando permissão – ou tirando. Nada acontecia no mundo vampiro sem que eles soubessem e, em muitos casos, sem que permitissem.

Tudo se encaixa perfeitamente. Este prédio tinha sido originalmente construído como um templo aos deuses pagãos. Sempre havia sido um local de adoração, de encontros, para forças vampiras ocultas. Para quem quisesse ver, era óbvio: Havia odes a deuses pagãos, afrescos, pinturas e estátuas por toda parte. Qualquer turista humano que se interessasse em ler sobre a história do lugar perceberia o verdadeiro propósito do lugar. E se isso não fosse

suficiente, havia também vampiros enterrados ali. Era um mausoléu ativo, o lugar perfeito para Kyle e sua raça chamarem de lar.

Ao descer os degraus, Kyle sente-se como se retornasse ao lar. Ele caminha diretamente até as portas duplas de ferro, bate a aldrava quatro vezes – o sinal vampiro – e aguarda.

Momentos depois, as pesadas portas se abrem apenas alguns centímetros, e Kyle vê um rosto estranho. A porta abre mais um pouco, apenas o suficiente para que Kyle entre, e é fechada com um estrondo atrás dele.

O enorme guarda, ainda maior que Kyle, olha para baixo.

“Eles estão te esperando?” ele pergunta resabiado.

“Não.”

Kyle, ignorando o guarda, dá vários passos em direção à câmara, quando de repente sente uma mão gelada em seu ombro e para. Kyle espuma de raiva.

O guarda vampiro o encara com igual raiva.

“Ninguém entra sem agendamento,” ele dispara. “Você terá que partir e retornar outra hora.”

“Entro onde eu bem entender.” Kyle dispara de volta. “E se você não tirar essa mão de cima de mim, vai sofrer muito por isso.”

O guarda o encara e eles ficam em um impasse.

“Vejo que algumas coisas nunca mudam,” diz uma voz. “Está tudo bem, você pode soltá-lo.”

Kyle sente ao ser solto e, virando-se, encontra um rosto familiar: É Lore, um dos principais conselheiros do Conselho. Ele fica parado ali, olhando para Kyle e sorrindo, balançando levemente a cabeça.

“Kyle,” ele diz, “pensei que nunca mais o veria.”

Kyle, ainda nervoso por causa do guarda, arruma sua jaqueta e concorda lentamente. “Eu tenho negócios a tratar com o Conselho,” informa ele. “Negócios que não podem esperar.”

“Sinto muito, caro amigo,” continua Lore, “a agenda de hoje está lotada. Alguns estão esperando há meses. Assuntos vampiros urgentes de todas as partes do mundo, aparentemente. Mas se você retornar na semana que vem, creio que eles sejam capazes de acomodar”.

Kyle dá um passo à frente.

“Você não compreende,” diz ele, tenso, “não vim deste tempo. Venho do futuro - de um mundo completamente diferente. O julgamento final é chegado. Estamos às vésperas da vitória – da vitória completa. E se eu não os ver imediatamente, haverá consequências graves para todos nós.”

Ao observar Kyle mais de perto, Lore retira o sorriso dos lábios, ao perceber que ele fala sério; finalmente, após todos aqueles momentos de tensão, ele limpa a garganta: “Siga-me.”

Virando-se, ele começa a caminhar, e Kyle o segue de perto.

Kyle passa por um corredor comprido e largo, e em poucos instantes, entra em uma enorme câmara aberta. Ela é imensa, arejada, com o teto arredondado e chão de mármore brilhante. A sala tem o formato de um círculo, rodeada de colunas rebuscadas e estátuas que observam a sala de cima de seus pedestais.

Em torno da sala estão centenas de vampiros, de todas as raças e credos. Kyle sabe que são na maioria mercenários, todos tão maus quanto ele.

Todos assistem pacientemente enquanto o Grande Conselho permanece sentado em seu banco, no lado oposto da sala, distribuindo sentenças. Ele sente a eletricidade no ar.

Kyle entra na sala, absorvendo tudo. Vir até o Conselho tinha sido a coisa certa a fazer. Ele poderia ter tentado ignorá-los, poderia ter apenas caçado Caitlin sozinho, mas o Conselho teria informações, seria capaz de guiá-lo até ela mais rapidamente. Mais importante ainda, ele precisaria de sua aprovação oficial. Encontrar Caitlin não é apenas uma missão pessoal, mas uma questão de suma importância para a raça vampira. Se o Conselho o endossasse, ele teria não apenas seu consentimento, mas também seus recursos. Ele poderia matá-la mais rápido e voltar para casa mais cedo - pronto para terminar sua Guerra.

Sem a aprovação deles, ele seria apenas mais um vampiro mercenário. Kyle não tem problemas com isso, mas não quer passar o tempo todo preocupado com seu próprio bem-estar: se agisse sem o consentimento deles, eles poderiam enviar vampiros para matá-lo. Ele está confiante de que pode cuidar de si mesmo, mas não gostaria de ter que perder tempo e energia dessa forma. Mas se eles negarem suas exigências, ele está completamente preparado para fazer o que for preciso para chegar até ela.

Esta seria apenas mais uma formalidade em um mar de infinitos costumes vampiros. A etiqueta era a cola que os mantinha juntos – mas também era uma fonte inesgotável de aborrecimentos.

Ao avançar para dentro da câmara, ele olha para o Conselho. Eles estão exatamente como Kyle se lembrava. Do lado oposto da câmara, os 12 juízes do Grande Conselho sentam-se sobre um trono elevado. Eles vestem longas túnicas pretas, com capuzes pretos cobrindo seus rostos. Apesar disso, Kyle sabe exatamente o quê são aqueles homens. Ele os tinha enfrentado muitas vezes no decorrer dos séculos. Uma vez, e apenas uma, eles tinham removido seus capuzes, e ele tinha realmente visto seus rostos

grotescos – envelhecidos, rostos que estavam neste planeta há milhares de anos - criaturas noturnas hediondas.

Ainda assim, era o Grande Conselho de seu tempo, e tinha sempre morado ali, desde que o Partenon havia sido construído. O prédio era na verdade uma parte deles, e nenhuma pessoa da raça deles, nem mesmo Kyle, ousaria contrariar seus julgamentos. Seus poderes eram muito intensos, e os recursos disponíveis para eles, muito vastos. Kyle talvez conseguisse matar um o dois deles, mas os exércitos que eles poderiam convocar, de todas as partes do mundo, eventualmente o alcançariam.

As centenas de vampiros na sala tinham vindo para testemunhar os julgamentos do Conselho, e para aguardar suas próprias audiências. Eles sempre se alinhavam de maneira organizada ao redor do círculo, nas imediações, deixando o centro da sala completamente livre. Exceto por uma pessoa; a pessoa que precisava ficar perante eles aguardando o julgamento.

Nesse momento uma pobre alma, sozinha, tremendo de medo ao ficar diante deles, encarando seus capuzes impenetráveis, espera para ser julgada. Kyle já tinha passado por isso, e sabe que não é uma situação agradável. Se eles não gostassem da questão com que você os tinha abordado, eles poderiam, por capricho, matá-lo bem ali. Você nunca os procurava por besteiras – somente em casos de vida ou morte.

“Espere aqui,” Lore sussurra para Kyle, ao se enfiar no meio da multidão. Kyle permanece afastado, assistindo à cena.

Enquanto Kyle observa, um juiz acena positivamente com a cabeça, discretamente, e dois soldados vampiros aparecem de cada lado. Cada um deles agarra um braço da pessoa que em frente ao Conselho.

“Não! NÃO!” grita ele.

Mas isso não resolve sua situação. Eles o arrastam, enquanto ele grita e reluta, sabendo que está sendo levado para sua morte, consciente de que nada que dissesse ou fizesse mudaria isso. Ele deve ter pedido algo que o Conselho não aprovava, considera Kyle, enquanto os gritos do vampiro ecoam pelas paredes da câmara.

Finalmente, uma porta se abre, ele é levado para fora. A porta se fecha atrás deles e a sala é tomada pelo silêncio mais uma vez. Kyle pode sentir a tensão no ar, enquanto os vampiros se entreolham, temendo o momento da audiência.

Kyle vê Lore se aproximar de um assistente próximo ao Conselho, e sussurrar em seu ouvido. O assistente, por sua vez, caminha até um juiz, se ajoelha, e cochicha em seu ouvido.

O juiz vira ligeiramente o rosto, e o homem aponta para Kyle. Mesmo a essa distância, Kyle sente o olhar penetrante do juiz, escondido sob o capuz. Kyle não consegue evitar um arrepio na espinha; ele finalmente se encontra na presença do verdadeiro mal.

O atendente assente, e Kyle sabe que esse é seu sinal.

Kyle abre caminho pela multidão, e se dirige até o centro da câmara vazia: Em pé no meio do grande círculo de vampiros – no lugar. Ele sabe que se olhar pra cima, diretamente acima de sua cabeça há um buraco no teto, o óculo, aberto para o céu. Durante o dia, ele permite a entrada de raios de sol e, agora, durante o pôr do sol, a luz é escura, e muito fraca. A câmara está iluminada principalmente por tochas. Kyle se ajoelha e se curva, esperando que o Conselho se dirija a ele, como dita a etiqueta vampira.

“Kyle do Coven Blacktide,” anuncia um juiz lentamente. “Você tem coragem em nos abordar sem ter sido anunciado. Se seu pedido não tiver nossa aprovação, você sabe que está sujeito à pena de morte.”

Não é uma pergunta; é um recado. Kyle sabe que haverá consequências, mas não teme o resultado.

“Estou ciente, meu mestre,” Kyle responde simplesmente, e espera.

Finalmente, após uma leve movimentação, ele ouve um novo pronunciamento:

“Então fale logo. O quê deseja de nós?”.

“Venho de outra época, duzentos anos no futuro.”

Um murmúrio alto toma conta do lugar. Um assistente bate seu cajado três vezes no chão, e grita: “Silêncio!”.

Por fim, a sala de acalma novamente.

Kyle continua:

“Eu não me dou muito bem com viagens no tempo, assim como a maioria de nós. Houve uma emergência. No futuro, na época em que vivo, haverá uma guerra – uma gloriosa guerra vampira. Ela começará em Nova Iorque e se espalhará a partir de lá. É o apocalipse com que sempre sonhamos; nossa raça sairá vitoriosa. Nós acabaremos com a raça humana e os escravizaremos. E vamos acabar também com os covens benevolentes, qualquer pessoa que ouse ficar em nosso caminho. Sei disso, pois sou o líder desta guerra.”

Há um novo murmúrio na sala, seguido pelas batidas do cajado.

“Mas minha guerra não está completa,” Kyle grita por cima do barulho. “Ainda há uma pedra em meu caminho, uma pessoa que pode colocar tudo que conquistamos a perder, arruinando este futuro glorioso para nossa raça. Ela vem de uma linhagem especial, e voltou no tempo, provavelmente para fugir de mim. E eu voltei para encontrá-la e matá-la de uma vez por todas. Até que eu

faça isso, o futuro de todos nós é incerto. Estou diante de vocês hoje para pedir-lhes permissão para matá-la, aqui em sua área, e neste momento do tempo. Também gostaria de sua ajuda para encontrá-la.”

Kyle abaixa a cabeça e espera. Seu coração bate acelerado, enquanto ele aguarda a resposta dos juízes. Obviamente, seria do interesse deles ajudá-lo, e ele não consegue pensar em um único motivo para que negassem seu pedido. Mas por outro lado, estas criaturas, com milhares de anos de vida - mais ainda do que ele, - eram completamente imprevisíveis. Ele nunca saberia quais interesses cada um deles poderia ter, e seus julgamentos sempre pareciam tão arbitrários quanto o vento.

Ele espera em meio ao silêncio. Finalmente, o juiz se prepara para falar.

“Sabemos de quem você fala, é claro,” diz um juiz de voz grave. “Você fala sobre Caitlin, do chamado Coven Pollepel. Mas ela é, na verdade, de um coven diferente, muito mais poderoso. Sim, ela chegou a este momento do passado ontem, é claro que sabemos disso. E se quiséssemos matá-la, não acha que já teríamos feito isso?”

Kyle sabe que é melhor não responder; eles faziam questão de exibir orgulho, e Kyle deixaria que terminassem o pequeno discurso.

“Mas admiramos sua determinação, e sua futura guerra,” continua o juiz. “Sim, nós a admiramos muito.”

Outra vez, o silêncio toma conta do lugar por um instante.

“Deixaremos que a rastreie,” o juiz fala, “mas se encontrá-la, você não a matará. Você irá capturá-la viva, e trazê-la até nós. Gostaríamos muito de matá-la nós mesmos, e assistir enquanto ela morre lentamente: Ela será a candidata perfeita para Os Jogos.”

Kyle sente o ódio percorrer seu corpo. *Os Jogos.*

Claro. Era só isso com que estes velhos vampiros doentes se preocupavam. Eles convertiam o Coliseu em uma arena para suas brincadeiras, colocando vampiro contra vampiro, vampiro contra humano, vampiro contra monstros, - e adoravam assisti-los despedaçarem uns aos outros. Isso era cruel e, ao seu modo, Kyle os admirava.

Mas não é o que ele tem em mente para Caitlin. Ele a quer morta, e ponto final. Não que ele se importasse em vê-la sendo torturado. Mas ele não quer perder tempo, não quer tentar a sorte.

Naturalmente, ninguém jamais havia sobrevivido aos Jogos. Mas ao mesmo tempo, ninguém podia prever o que poderia acontecer.

“Mas, caros mestres,” Kyle protesta, “Caitlin, como vocês mesmos disseram, vem de uma linhagem poderosa, e é muito mais perigosa e ardilosa do que mesmo vocês podem imaginar. Peço suas permissões para matá-la instantaneamente; há muita coisa em risco.”

“Você ainda é jovem,” diz outro juiz, “portanto lhe perdoaremos questionar nosso julgamento. Qualquer outra pessoa já estaria morta.”

Kyle abaixa a cabeça, percebendo que foi longe demais. Ninguém *nunca* discutia com os juízes.

“Ela está em Assis; é pra lá que você vai agora. Mas corra, e não demore muito. Agora que você tocou no assunto, mal podemos esperar para vê-la morrer diante de nossos olhos.”

Kyle começa a ir embora.

“E Kyle,” chama um dos juízes.

Ele se vira de novo.

O juiz líder remove o capuz, revelando o rosto mais grotesco que Kyle já tinha visto, coberto de caroços, rugas e verrugas. Ele abre a boca em um sorriso horroroso, mostrando dentes amarelos e afiados e olhos negros brilhantes. Ele força ainda mais o sorriso:

“Da próxima vez que aparecer aqui sem ser anunciado, quem morre é *você*.”

CAPÍTULO SEIS

Caitlin sobrevoa a idílica região do interior da Úmbria, passando sobre montanhas e vales e observando a imensa paisagem sob a luz clara da manhã. Ela voa sobre pequenas comunidades rurais - pequenas cabanas de pedra, cercadas por centenas de metros de terra, com fumaça saindo pelas chaminés.

Enquanto ela voa para o Norte, a paisagem muda para as colinas e vales da Toscana. Até onde ela pode ver há vinícolas, plantadas nas montanhas com seus trabalhadores já envolvidos com as plantas desde cedo. A região é extremamente bonita, e uma parte de Caitlin gostaria de descer ali mesmo, fixar residência e criar um lar em uma das pequenas cabanas.

Mas ela tem um trabalho a fazer, e então continua, voando em direção ao norte. Ela segura Rose com força, enrolada dentro de sua camisa.

Caitlin pode sentir que Veneza se aproxima, e sente-se atraída por ela como um ímã. Quanto mais perto ela chega, mais seu coração se acelera de ansiedade; ela já consegue sentir a presença de pessoas lá que ela um dia havia conhecido – ela só não sabe quem. Ela ainda não consegue distinguir se Caleb está lá, ou mesmo se ainda está vivo.

Caitlin sempre tinha sonhado em visitar Veneza. Ela já tinha visto fotos de seus canais, das gôndolas, e sempre tinha se imaginado visitando o lugar um dia, talvez com alguém de quem gostasse. Ela tinha até mesmo sonhado em ser pedida em casamento em uma daquelas gôndolas. Mas ela nunca tinha imaginado isso.

Enquanto voa sem parar, Caitlin se dá conta de que a Veneza que visitaria agora, em 1790, provavelmente seria diferente das fotos que ela tinha visto no século XXI. Ela imagina que talvez fosse menor, menos desenvolvida e mais rural. Ela também imagina que também não seria muito lotada.

Mas ela logo se dá conta de que não poderia estar mais enganada.

Quando finalmente chega aos arredores de Veneza, ela fica chocada ao perceber que, mesmo de tão longe, a cidade abaixo dela se parece assustadoramente semelhante às fotos dos tempos modernos. Ela reconhece a famosa arquitetura histórica do lugar, reconhece as pequenas pontes e as curvas e voltas dos canais. De fato, ela fica chocada ao perceber que a Veneza de 1790 não é, pelo menos nas aparências, tão diferente da Veneza do século XXI.

Quanto mais ela pensa a respeito, mais tudo faz sentido. A arquitetura de Veneza não tinha apenas 100 ou 200 anos: ela tinha centenas e centenas de anos. Ela se lembra da aula de História, em uma de suas muitas escolas, sobre Veneza, sobre algumas de suas igrejas, construídas no século XII. Agora, ela gostaria de ter prestado mais atenção. A Veneza abaixo dela, uma massa de prédios

amontoados, não é uma cidade nova. Mesmo em 1790, a cidade já tinha centenas de anos de idade.

Caitlin se sente confortada por isso. Ela tinha imaginado que o ano de 1790 seria como um planeta diferente, e ela fica aliviada ao constatar que algumas coisas, na verdade, não tinham mudado tanto. Esta parece ser essencialmente a mesma cidade que ela teria visitado no século XXI. A única diferença que ela pode imediatamente identificar é que seus canais não possuem sequer um barco motorizado, obviamente. Não há lanchas, grandes balsas ou navios. Ao invés disso, os canais estão lotados de enormes barcos à vela, com mastros de muitos metros de altura.

Caitlin também se surpreende com a quantidade de gente. Ela mergulha mais baixo, apenas alguns metros acima da cidade, e pode ver que mesmo a esta hora, o começo da manhã, as ruas estão lotadas de gente. E os canais absolutamente congestionados pelo tráfego de barcos. Ela está chocada; a cidade é mais movimentada que o Times Square. Ela sempre havia imaginado que voltar no tempo significaria encontrar menos pessoas, grupos menores - e imagina que estivesse errada a respeito disso, também.

Ao sobrevoa-la, circulando diversas vezes, o que mais a surpreende, na verdade, é que Veneza não é apenas uma cidade, uma ilha - ela se estende por diversas ilhas, dezenas de ilhas em todas as direções, cada uma com seus próprios prédios, sua pequena cidadezinha. A ilha em que Veneza se encontra claramente possui mais prédios, a maior concentração de pessoas. Mas as dezenas de outras ilhas parecem interligadas, como uma parte vital da cidade.

A outra coisa que a surpreende é a cor da água: um azul brilhante. É tão clara, tão surreal; o tipo de água que Caitlin esperaria encontrar em algum lugar do Caribe..

Ao circular sobre as ilhas repetidas vezes, tentando se orientar, descobrir onde pousar, Caitlin se arrepende de nunca tê-la visitado

no século XXI. Bem, ao menos ela teria uma oportunidade agora.

Caitlin também se sente um pouco oprimida. O lugar é tão grande, tão extenso. Ela não faz ideia de onde descer, onde começar a procurar pelas pessoas que pode ter conhecido - se é que elas estavam ali. Ela tinha inocentemente imaginado que Veneza fosse menor, mais pitoresca. Mesmo a esta altura, ela já pode ver que poderia andar pela cidade por dias e não chegar de um lado a outro dela.

Ela se dá conta de que não teria um lugar em que pudesse descer de maneira imperceptível na ilha central de Veneza. Ela está muito lotada, e Caitlin não poderia se aproximar sem ser vista. Ela não quer chamar a atenção para si - ela não faz ideia de quantos covens existem lá embaixo, se eram territorialistas ou não; não faz ideia se eles são bons ou ruins, ou se os humanos daqui, como os de Assis, estariam à procura de vampiros, se a caçariam. A última coisa que ela precisa é outro grupo atrás dela.

Caitlin decide descer no continente, distante da ilha. Ela vê dois grandes barcos, lotados de gente, que parecem estar se dirigindo ao continente, e decide que este seria seu ponto de partida. Ao menos o barco a levaria direto ao coração da cidade.

Caitlin aterrissa discretamente atrás de um monte de árvores, no continente, não muito longe dos barcos. Ela coloca Rose no chão, e ela imediatamente corre até uma moita para se aliviar. Quanto termina, Rose olha para Caitlin e dá um gemido. Caitlin pode ver em seus olhos que ela está com fome - e se identifica: ela também está.

O voo a tinha deixado cansa, e Caitlin percebe que não está totalmente recuperada ainda. Ela também se dá conta de que sente fome. Ela quer se alimentar, mas não de comida humana. Ela olha à sua volta e não vê nenhum veado. Não há tempo para procurar, um

apito soa do barco, e ela sente que é hora de partir. Rose e ela teriam que esperar, dar um jeito mais tarde.

Subitamente, Caitlin sente saudades de casa, sente falta da segurança e conforto de Pollepel, sente falta de estar ao lado de Caleb, e de seus ensinamentos sobre caça, suas instruções. Ao seu lado, Caitlin sempre havia sentido que tudo daria certo. Agora, sozinha, ela não tem tanta certeza.

* * *

Caitlin caminha, com Rose ao seu lado, até o barco mais próximo. É um barco grande, com uma rampa de cordas levando até a costa, e ao olhar para cima, Caitlin vê que está cheio de gente. Os últimos passageiros estão subindo pela rampa, e Caitlin se apressa, com Rose, para alcançá-la antes que seja removida.

Mas ela é surpreendida por uma mão gorda que bate com força no peito dela, bloqueando sua passagem.

"Passagem," a voz diz.

Caitlin olha e vê um homem musculoso e carrancudo encarando-a. Ele é grosseiro e barbudo, e fedido, também.

Caitlin fica nervosa; ela já estava impaciente por causa da fome, e sente-se ofendida pela mão do homem bloqueando seu caminho.

"Não tenho," Caitlin dispara. "Não dá pra deixar que entremos?"

O homem nega firmemente com a cabeça e se vira, ignorando-a.

"Sem passagem, sem viagem," responde ele.

Ela fica um pouco mais nervosa, e se esforça para lembrar as palavras de Aiden. O que ele teria lhe dito? *Respire fundo. Relaxe. Use sua mente, não seu corpo.* Ele a teria feito lembrar que ela é

mais forte que este humano. Ele teria dito a ela para encontrar o equilíbrio - para se concentrar, usar seus talentos *natos*.

Ela fecha os olhos e tenta se concentrar em sua respiração. Ela tenta reunir seus pensamentos e dirigi-los àquele homem.

Você vai nos deixar embarcar, ela ordena. Você vai nos deixar entrar sem passagem.

Caitlin abre os olhos esperando vê-lo ali, oferecendo passagens. Mas para seu desgosto, ele não estava - ele ainda a estava ignorando, desamarrando as últimas cordas.

Não estava funcionando; ou ela tinha perdido seus poderes de controle da mente, ou eles ainda não tinham se recuperado totalmente. Ou talvez ela estivesse muito transtornada, sem concentração suficiente.

Ela subitamente se lembra de algo - seus bolsos. Ela rapidamente vasculha os bolsos, se perguntando o que, se é que encontraria alguma coisa, ela teria trazido do século XXI. Ela encontra algo, e sente-se aliviada ao constatar que é uma nota de \$20,00.

"Aqui," ela diz, estendendo-lhe a nota.

Ele a pega, amassando a nota e erguendo-a contra a luz para examiná-la.

"O que é isso?" ele pergunta. "Eu não sei o que é isso."

"É uma nota de \$20," Caitlin explica, percebendo, mesmo enquanto fala, o quão estúpida ela deve lhe parecer. É claro. Por que ele a reconheceria? Era uma nota americana, e não existiria antes de uns 200 anos.

Com um pouco de medo, Caitlin percebe que todo o dinheiro que tem será inútil.

“Lixo,” ele diz, devolvendo-lhe a nota.

Caitlin olha para trás e vê que estão soltando as últimas cordas, e que o barco está prestes a partir. Ela pensa rápido, enfia a mão no bolso, e encontra algumas moedas. Ela olha para as mãos, encontra vinte e cinco centavos, e os entrega para o homem.

Ele pega, mais interessado, e o analisa contra a luz. Mas ainda não está convencido. Mais uma vez, ele lhe devolve a moeda.

“Volte com dinheiro de verdade,” ele fala; e olhando para Rose, completa, “e sem cachorro.”

Caitlin pensa em Caleb. Talvez ele estivesse ali, fora do seu alcance, na ilha de Veneza, apenas uma viagem de barco de distância. Ela se sente enfurecida pela audácia deste homem em mantê-la longe dele. Ela tinha dinheiro - só não era o tipo de dinheiro que ele queria. Além disso, o barco estava caindo aos pedaços, e já tinha centenas de pessoas. Uma passagem a mais realmene não faria a menor diferença. E tudo era simplesmente muito injusto.

Ao colocar o dinheiro na mão de Caitlin, ele subitamente coloca suas mãos sobre as dela, e segura em seu pulso. Ele abre um sorriso nojento, revelando uma boca com muitos dentes faltando; o mau hálito é insuportável.

“Se você não tem dinheiro, pode me pagar de outras formas,” ele diz, abrindo outro sorriso. Ele ergue a outra mão e toca o rosto dela.

Os reflexos de Caitlin entram em ação, e ela automaticamente empurra a mão dele, e remove sua mão da dele. Sua própria força a surpreende.

Ele olha para ela, aparentemente chocado que uma garota tão pequena tenha tamanha força e seu sorriso se transforma em

indignação. Ele dá uma escarrada nos pés dela. Caitlin olha para baixo e vê que ele acerta seus sapatos, e se revolta.

“Você tem sorte de eu não cortar você,” ele fala, e então se vira abruptamente e continua a desamarrar as cordas.

Caitlin sente-se enrubescer, à medida que a raiva toma conta de seu corpo. Os homens sempre tinham sido assim? Em todos os lugares? Esta era uma amostra do que ela devia esperar como tratamento para as mulheres neste ano e local? Ela pensa em todas as mulheres lá fora, de tudo que deviam tolerar nesta época, e sua raiva aumenta.

Ela sente que deve tomar uma atitude em defesa de todas elas. Ele ainda está reclinado, desamarrando as cordas, e ela rapidamente se prepara e dá um chute na bunda dele, com força. O chute arremessa o homem pelos ares, de cabeça, direto para dentro da água, dez metros abaixo.

Caitlin corre pela rampa de cordas, seguida por Rose, e abre caminho pelo barco repleto de gente. Tudo tinha acontecido rápido, e ela espera que ninguém tivesse visto. E este parece ser o caso quando a tripulação remove as cordas e o barco começa a partir. Caitlin se apressa até a borda e olha para baixo: Ela pode ver o homem se debatendo na água, levantando a cabeça enquanto gesticula para o barco.

“Parem o barco! Parem o barco!” o homem grita.

Mas seus gritos são abafados pelas centenas de passageiros excitados, que aplaudem a partida do barco, afinal.

Um dos tripulantes percebe, corre até o lado do barco e segue o dedo do homem, que aponta na direção de Caitlin.

Caitlin não espera para ver o que acontece. Ela se enfia no meio da multidão, com Rose ao seu lado, abaixando-se e costurando para

esse e para aquele lado, até se encontrar no meio do barco, bem no meio da massa de gente. Há centenas de pessoas amontoadas, e ela espera que eles não notem a presença dela, ou a de Rose.

Dentro de minutos, o barco ganha velocidade.

Após alguns instantes, Caitlin respira aliviada. Ela se dá conta de que ninguém viria atrás dela ou, pelo menos aparentemente, ninguém estava à procura dela.

Ela começa a andar pela multidão calmamente, se dirigindo ao outro lado do barco. Quando ela finalmente o alcança, ela se espreme entre as pessoas na borda e olha para fora.

Ao longe, o brutamonte ainda estava se debatendo, tentando alcançar a doca, – mas agora era apenas um ponto no horizonte. Caitlin sorri: Bem feito.

Ela se vira e vê que Veneza se aproxima. Ela abre um sorriso, se inclinando e deixando o ar fresco do mar assoprar seus cabelos. É um dia quente de maio, e a temperatura está perfeita e o ar refrescante. Rose fica em pé ao seu lado, pressionando suas patas na grade, e também olha para o mar, farejando o ar.

Caitlin sempre tinha gostado de barcos. Ela nunca tinha visitado um autêntico barco histórico – muito menos estado á bordo de um. Ela sorri e se corrige: este não era mais um barco histórico; era um barco moderno - afinal ela estava em 1790. Ela quase ri com a constatação.

Ela olha para os altos mastros de madeira, com vários metros de altura. Ela observa os marinheiros amarrados e içados nas cordas grossas; e metros e metros de vela ser erguidos, e ela pode ouvir o barulho do tecido. Ele parece pesado, e os marinheiros transpiram sob o sol, puxando as cordas com todas as suas forças, apenas para erguer a vela alguns centímetros.

Então era assim que se fazia isso. Caitlin fica impressionada com a eficiência de todo o processo, pela maneira com que tudo parece funcionar de maneira perfeita. Ela tem dificuldade em acreditar em como este enorme barco lotado pode se mover tão rapidamente, especialmente sem a ajuda de máquinas modernas. Ela pensa sobre como o capitão reagiria se ela lhe contasse sobre os motores do século XXI, sobre a velocidade que podiam atingir. Ele provavelmente pensaria que ela tinha enlouquecido.

Ela olha para baixo e vê a mais ou menos 10 metros, a água correndo ao seu lado, suas ondas batendo contra o casco do barco. A água é tão clara, tão azul, que tudo parece mágica.

À sua volta, as pessoas se espremem, tentando alcançar a grade para poder olhar. Ela olha ao seu redor e percebe o quão simples a maioria daquelas pessoas é, vestidos com túnicas e sandálias, alguns simplesmente descalços. Outros, no entanto, estão vestidos com elegância, e parecem tentar manter distância das massas. Alguns vestem máscaras elaboradas, com um nariz comprido e pontudo. Eles riem e brincam uns com os outros, e todos parecem bêbados.

Na verdade, enquanto ela os observa, percebe que uma boa parte do grupo de passageiros está bebendo em garrafas de vinho e parecem bêbados, mesmo tão cedo de manhã. O barco inteiro, agora que ela está prestando atenção, tem uma atmosfera festiva, baderneira, como se estivessem se dirigindo a uma grande festa.

Caitlin abre caminho ao longo da grade, através da multidão de pessoas, por pais que seguram seus filhos, e lenta e certamente chega até a frente do barco. Ela finalmente tem a vista que estava procurando; se inclina sobre a borda e assiste enquanto o barco se aproxima de Veneza.

A vista livre da cidade a deixa completamente sem fôlego. Ela pode ver traçado, seus belos prédios históricos, todos alinhados de

maneira organizada lado a lado, construídos de frente para o mar. Algumas das fachadas são realmente grandiosas, com detalhes rebuscados, fachadas brancas cobertas por todo tipo de molduras e detalhes. Algumas delas têm muros arqueados e janelas arqueadas abertas para a água e, surpreendentemente, têm suas portas de entrada diretamente no nível da água. Uma pessoa poderia literalmente chegar de barco até a porta de casa e entrar.

Entre os prédios, há pináculos partindo de igrejas, e ocasionalmente, domos pontuando o horizonte. A cidade tem uma arquitetura magnífica, com estilo grandioso e rebuscado, e tudo parece ter sido desenhado para ficar de frente para a água. A cidade não parece meramente coexistir com a água – ela a incorpora.

E por toda sua extensão, conectando um lado da cidade ao outro, há pequenas pontes arqueadas, com degraus subindo em ambos os lados, e um amplo platô no meio. Estas pontes estão repletas de pessoas andando para um lado ou para o outro, ou simplesmente sentadas na borda, observando os barcos à medida que passam.

E por toda parte – *por toda parte* – há muitos barcos. Os canais estão completamente abarrotados com o tráfego, de barcos de todos os tipos e tamanhos – de tal forma que ela mal pode ver a água. As famosas gôndolas estão por toda parte, também, seus remadores em pé na ponta, guiando-as pela água. Ela fica surpresa pelo comprimento delas, algumas com até 15 metros.

Entre elas há navios e barcos menores de todos os tipos, alguns para entrega de comida, outros para descarte de lixo. Este lugar está vivo, animado – ela nunca tinha visto nada parecido com isso antes.

Ao analisar as pessoas, as massas de humanidade, ela sente um arrepio na espinha, e se pergunta se Caleb poderia estar entre eles. Era possível que neste exato momento estivesse olhando para ele? Ela sabe que está sendo tola, especialmente de tão longe, mas ainda

assim ela tenta procurar, escaneando seus rostos para ver se, talvez, ela consegue identificá-lo.

Quando Caitlin absorve a magnitude, a imensidão do lugar, as milhares de pessoas movimentando-se em todas as direções, uma parte dela, seu lado intelectual, se sente sem esperanças.

Ela se dá conta que esta missão seria fútil, não seria possível encontrar Caleb no meio de todas essas pessoas. Mas outra parte dela, o lado que Caitlin que acreditava em seu destino, sente-se animado, bastante otimista, como se de alguma forma soubesse, no fundo, que Caleb está ali, e que os dois acabariam se encontrando.

E de qualquer forma, ela não consegue evitar a sensação de animação que antecede uma aventura.

Ela estava viajando, conhecendo o mundo, prestes a experimentar a vida de uma nova cidade. E talvez, há uma possibilidade, uma pequena chance, de que Caleb esteja na costa.

* * *

Caitlin sai do barco, enfileirada com as centenas de outros passageiros, esmagada entre eles, enquanto abre caminho, seguida de Rose, para baixo da íngreme rampa de cordas. É um caos completo; nesse momento, a maior parte, senão todos, os passageiros estão agitados e bêbados, e é cada um por si para chegarem até as docas.

Caitlin fica aliviada quando seus pés tocam o solo, e ela rapidamente orienta Rose e se dirige para longe da área mais movimentada, para for a das docas, em direção às ruas de Veneza.

É assustador. Caitlin esperava que uma vez que se afastasse do barco, a quantidade de gente diminuiria – mas esse não foi o caso. Há gente por toda parte; ela é empurrada de um lado para outro.

Ela de repente se encontra em uma enorme praça aberta, cercada por grandes prédios, todos voltados para dentro. Caitlin lê uma placa: Piazza San Marco - Praça de São Marco. Dominando o centro da praça está uma enorme igreja, a Basílica de São Marco, e em frente dela uma torre fina e alta, avançando centenas de metros em direção ao céu. Como se por um sinal, o enorme sino da igreja toca, e o som preenche a praça como se fosse uma bomba. Milhares de pessoas vagam por ali, envolvidas em uma variedade vertiginosa de atividades. Ao se aventura timidamente pelo meio da praça, pessoas estranhas a abordam por todos os lados, tentando vender-lhe seus produtos. Elas oferecem pequenas bonecas de madeira, vidros coloridos e brilhantes, cantis de vinho, e mais do que qualquer outra coisa, máscaras. Mais estranhamente, para onde ela olha, fica surpresa em ver que as pessoas as estão usando. A maioria das mascaras é branca, com um nariz pontudo e muito comprido, mas há também máscaras de todos os tipos e tamanhos. E, ainda mais bizarro - muitas pessoas andam pra lá e pra cá com fantasias, alguns completamente encapuzados. É como se ela tivesse chegado à uma grande festa de Halloween. Ela não faz ideia de que ocasião é aquela, por acaso as pessoas ali sempre se vestiam assim?

Como se isso não fosse o bastante, todos parecem estar bêbados, ou rapidamente ficando bêbados. As pessoas riem muito alto, cantam canções para si mesmas, brincam umas com as outras e bebem abertamente de grandes jarros de vinho. Há música em todos os lugares, a cada dois ou três metros há um violonista ou violinista, sentado em um banco, tocando como se não houvesse amanhã e passando o chapéu, pedindo gorjetas.

Para completar a cena, há malabaristas, comediantes, palhaços e artistas de todas as qualidades. Diante dela, um malabarista brinca com bolas coloridas, enquanto outro faz malabarismo com tochas em fogo. Caitlin assiste a tudo aquilo, maravilhada.

De repente, ela é empurrada com força, e ao virar vê um homem grande, vestido com um manto e uma capa, bêbado e cambaleando,

com o braço ao redor de uma cortesã vestida de maneira elaborada. Enquanto Caitlin olha, ele abaixa o braço e aperta sua bunda com força, e ela ri, exagerada..

A cidade é como um circo. É o lugar mais caótico e barulhento que ela já tinha visto na vida.

Ela fica encantada com toda a libertinagem acontecendo diante dos olhos dela, em frente a todas essas igrejas. A dicotomia mais estranha que ela jamais havia visto. Esta cidade era uma grande e interminável festa, ou ela tinha chegado em alguma época especial?

Caitlin identifica um grupo de mulheres com roupas bastante finas, caminham entre a multidão. Todas usam vestidos elaborados, abrindo caminho, e seguram uma pequena bolsa próxima ao nariz enquanto andam.

Caitlin se pergunta o que elas estão segurando, e bem naquele momento ela se dá conta. O mau cheiro - ela estava atordoada demais a princípio para perceber, mas, agora, enquanto caminha, é tomada pelo cheiro insuportável das pessoas e de tudo à sua volta. Como se ninguém ali nunca tomasse banho durante toda a vida.

E então ela se lembra: É claro, ninguém tinha, o ano era 1790 afinal. O encanamento não tinha sido inventado ainda. À medida que o sol fica mais alto no céu, e a temperatura sobe, o cheiro piora ainda mais. Caitlin aperta o nariz, mas não importa para onde olhe, não consegue se livrar do cheiro. É por isso que aquelas mulheres estavam segurando aquelas bolsinhas no nariz: para tampar o fedor.

Caitlin de repente se sente claustrofóbica, e enxerga o que parece ser uma rua lateral; ela atravessa o grupo de malabaristas e músicos, e ao cruzar a praça, vê que há diversas ruas laterais indo e vindo da praça. Elas são mais becos do que ruas, embaixo de prédios arqueados, e ela se enfia na que está mais próxima dela.

Finalmente ela pode respirar; Rose também parece aliviada. Elas caminham para dentro do beco, que si virava para esquerda e depois para a direita. As ruas são muito estreitas, os prédios bloqueiam a maior parte da luz, e Caitlin começa a se sentir confinada dentro daquela cidade. Ela fica parada, debatendo sobre que rumo tomar. Ela mal tinha caminhado alguns quarteirões, e já se sentia desorientada, perdida. Ela não faz ideia de onde está indo, ou de onde procurar por Caleb – se é que ele está ali. Ela gostaria de ter um mapa – mas também, não tem dinheiro algum – ou pelo menos, nenhum dinheiro de verdade – para comprar um.

Pior ainda, ela sente a fome começando a incomodar novamente, e percebe que está ficando cada vez mais irritada. Rose, como se estivesse lendo seu pensamento, dá uma gemida; a coitadinha está com fome, também. Caitlin está determinada a encontrar uma maneira de conseguir comida para ambas.

Ela ouve uma veneziana se abrir acima dela, seguida de um barulho de água. Ela dá um salto para trás, bem na hora que um balde de água cai no chão, assustando-a. Ela olha para cima e vê uma velha, sem dentes, olhando para abaixo enquanto termina de esvaziar um balde, que depois bate as venezianas com força.

Caitlin sente um cheiro horrível, e não precisa que ninguém lhe explique o aquela mulher tinha acabado de fazer: Jogar um balde de urina pela janela. Ela está enojada. Ela ouve outra janela se abrindo, um pouco mais longe, e ao olhar vê outra pessoa fazer a mesma coisa. Ela olha para trás e percebe que as ruas estão cobertas de urina e fezes. Ela também percebe vários ratos rastejando pra lá e pra cá. Ela quase vomita. A constatação faz com que ela, pela primeira vez, realmente aprecie os confortos de seu tempo, coisas que ela sempre tinha considerado como básicas - encanamentos, sistemas de esgoto. Ela anseia por um local limpo, e sente mais saudade de casa do que antes. Se este era um vislumbre da vida urbana em 1790, ela não tem certeza se estaria pronta para encará-la.

Caitlin se apressa, antes que as janelas se abram de novo, e finalmente vê o que parece ser uma abertura à frente. Ela alcança o final do beco, e percebe que ele na verdade se abre para outra praça, está um pouco menos movimentada. Ela fica aliviada em estar longe das ruas laterais e novamente em um espaço aberto, fresco e arejado.

Ela atravessa a praça e se senta na beirada de uma enorme fonte circular, em uma dos poucos lugares vagos no meio da multidão. Rose pula ao seu lado e fica observando Caitlin, gemendo.

Enquanto Caitlin fica sentada ali, tentando organizar seus pensamentos, uma pessoa se aproxima, segurando uma tela e apontando para ela com um pincel. Ela olha para ele, confusa, e ele continua apontando:

“Eu desenho você,” ele fala. “Muito bonita. Muito bom. Você paga.”

Caitlin balança a cabeça.

“Sinto muito,” ela responde. “Não tenho dinheiro.”

O homem se afasta rapidamente. Caitlin olha ao redor da praça, e percebe artistas de rua em toda parte, todos tentando fazer com que as pessoas os paguem. E então ela percebe algo que a deixa alarmada: uma matilha de cães selvagens. Eles percorrem as laterais da praça, revirando lixo, e ela vê um dos cães parar e olhar na direção dela.

Ele parece se concentrar em Rose – e logo, está vindo para o lado delas.

Rose deve ter sentido também, pois se vira devagar e encara o animal que se aproxima.

Caitlin pode ver que Rose está tensa, e ela também fica nervosa. O grande animal sarnento parece um pastor alemão, e chega bem

perto de Rose, sentindo seu cheiro. Rose também cheira o cachorro, e os pelos de suas costas se levantam; quando o cachorro tenta andar atrás dela, Rose de repente começa a rosnar com uma voz estranha, mostrando os dentes, e então morde o pescoço do cachorro – com força.

O cachorro geme. Embora seja maior, Rose é obviamente mais forte, e não o deixa escapar. Por fim, o cachorro sai correndo.

Rose, agitada, fica sentada, rosnando, um barulho perverso, estranho, e várias pessoas se afastam, dando-lhes espaço.

Caitlin está atordoada; ela nunca tinha visto Rose agir dessa forma antes. Isso a faz perceber que Rose não é mais o pequeno filhote de que ela se lembrava; ela estava crescendo, e logo seria um lobo adulto, completamente desenvolvido - uma força a ser reconhecida.

Caitlin sente os olhares hostis lançados na direção delas, e decide continuar seu caminho, antes que alguém perceba que Rose não é um simples cachorro. A última coisa que ela precisa é chamar mais atenção para elas.

Caitlin se levanta e leva Rose até o outro lado da praça. Ela olha em todas as ruas e becos entrando e saindo da praça e se sente oprimida. Ela tinha sido tola em vir até ali: Como seria possível encontrar Caleb em meio aquela massa de gente, neste labirinto de cidade? Talvez ela devesse ter seguido o conselho do padre, e ido direto até Florença. Ela tinha errado em seguir seu coração?

Antes que possa complete seu pensamento, algo chama sua atenção. Do outro lado da praça, ela nota uma garota ser arrastada para dentro de um beco, e ouve seu grito abafado antes de uma mão cobrir sua boca; ela claramente estava em apuros.

Sem pensar duas vezes, Caitlin parte para a ação, correndo na direção dela. Ela entra no beco com Rose, e logo se vê correndo por

uma série de becos e ruelas sinuosos.

Ela ouve os gritos abafados à distância, e vira em outro beco, e depois outro, perdendo-se no labirinto de ruas estreitas.

Finalmente, ela localiza a garota um pouco adiante, sendo arrastada por três homens na direção do fim da rua, - um deles com a mão cobrindo sua boca, e os outros, cada um de um lado dela. Eles eram homens grandes, todos carecas, cobertos por tatuagens, e com cara de maus.

A garota reluta, mordendo uma das mãos deles, de olhos arregalados de medo enquanto chacoalha os braços, cotovelos e pernas. Mas resistir é inútil, os homens são claramente mais fortes que ela.

“Soltem-na!” Caitlin grita, correndo na direção deles e parando.

Os três homens param, se viram e olham para Caitlin. Eles devem ter ficado chocados ao ver uma única garota confrontando-os. No começo, não sabem como reagir.

“Eu disse para soltá-la,” Caitlin diz, com a voz baixa, grave. “Eu não vou pedir de novo.”

Caitlin pensa em todas às vezes em sua vida que tinha sido oprimida, subjugada, especialmente enquanto ainda era humana. Ela odeia valentões - mais do que qualquer outra coisa. E se há algo que ela odeie mais, é ver um homem tentando machucar uma mulher. Ela sente a raiva tomar conta dela, sente o calor subir desde seus pés, por suas pernas e ombros e mão; sente ele a transformar, dando-lhe um poder que ela jamais imaginou possuir. É avassalador; ela não tem escolha - ele a controla.

Os três cretinos derrubam a garota de qualquer jeito, no chão de pedras, trocam sorrisos, e caminham na direção de Caitlin. A garota

poderia correr, mas ao invés disso fica parada no mesmo lugar, assistindo. Caitlin ouve Rose rosnando ao seu lado.

Caitlin não espera: Ela dá três passos à frente e salta no ar, acertando os dois pés no peito do homem com força, chutando-o com tanta brutalidade que ele é lançado diversos metros para trás.

Antes que os outros possam reagir, ela ataca e dá uma cotovelada bem na cabeça de um deles, partindo seu rosto com um barulho terrível e mandando o homem ao chão.

O terceiro homem agarra Caitlin por trás com todas as forças que tem. Caitlin luta - surpresa por um instante, - o homem é muito mais forte do que ela imaginava.

Bem na hora em que se prepara para virar o homem sobre os ombros, ela ouve o barulho de vidro partindo, e então sente o corpo dele relaxar.

Ela se vira e vê a garota parada atrás dela, com uma garrafa quebrada nas mãos, o corpo do homem jogado inerte no chão: ela claramente tinha quebrado a garrafa em sua cabeça.

Antes que Caitlin possa agradecer, o primeiro homem, mais uma vez de pé, a ataca de novo.

Mas Rose agora está brava, e toma à dianteira e parte para cima dele, saltando no ar e mordendo o pescoço dele com força. O homem cai no chão, se contorcendo, gemendo e gritando, mas sem conseguir tirar Rose de cima dele. Por fim, ele desmaia, e Rose retorna para o lado de Caitlin. Caitlin avalia o dano: os três homens estão no chão, inconscientes.

Ela se vira e olha para a garota.

A garota olha para ela também, espantada e grata ao mesmo tempo.

Caitlin encara a garota, e Caitlin está chocada, também. Mas não por causa do que tinha acabado de acontecer.

Na verdade, por que ela conhecia essa garota. Na realidade, ela um dia tinha sido sua melhor amiga.

A garota é Polly.

CAPÍTULO SETE

Sam acorda ao som de sinos de igreja. Ele nunca imaginou que sinos pudessem ser tão altos, e sente como se estivesse dentro do próprio sino. Seu corpo todo treme com o barulho, e ele abre os olhos na escuridão absoluta. Ele estica o braço e sente a pedra na frente dele. Ele se vira freneticamente para todos os lados, e se vê dentro de uma caixa de pedra. Está deitado de costas; ele tenta se virar para o lado, mas não consegue, e é quando percebe: Ele está dentro de um caixão.

Em pânico, Sam estica os braços com toda sua força, e após alguns segundos, finalmente consegue mover a tampa de pedra; com um barulho irritante, ela desliza apenas alguns centímetros, e luz e ar fresco entram pela fresta.

Ele respira fundo, percebendo o quanto estava precisando de ar.

Ele enfia os dedos na fresta e, concentrando suas forças, empurra a tampa para o lado. Mais uma vez ela raspa, protestando, mas logo consegue enfiar todos os dedos no espaço, e depois as mãos. Dentro de instantes, ele empurra completamente a tampa de pedra,

e com um último empurrão, ela cai ao chão, partindo-se em um milhão de pedaços.

Ele se senta, lutando por ar, e protege os olhos da luz do sol.

Sam pula para fora do caixão e, cambaleando com as pernas fracas, se arrasta até o canto, se escondendo da luz direta. Ele vasculha os bolsos e logo encontra as proteções de pele, e envolve seus braços e ombros com elas. Ele pega o colírio no bolso também, e pinga duas gotas em cada olho.

Após uns instantes, sua respiração se normaliza. Ele começa a se acalmar, a se sentir normal de novo. Ele olha a sua volta. Ele está em uma espécie de sepultura, um velho túmulo empoeirado. Ele vê uma porta aberta, que leva até o lado de fora.

Sam junta coragem e se encaminha para fora, para o sol, e percebe com surpresa onde se encontra. Em cima de uma colina, do lado de fora do mausoléu de uma igreja, centenas de degraus levando até uma cidade – Roma. A cidade inteira se desdobra à sua frente, e ele tem uma vista magnífica da paisagem. Ele se volta e examina a igreja de onde acaba de sair, e depois se vira e analisa mais uma vez os degraus. Tudo aquilo de repente faz sentido: Ele sabe onde está. Ele tinha visto esta foto muitas vezes em cartões postais: Os degraus espanhóis de Roma.

A viagem no tempo tinha dado certo. Ele não sabia exatamente por que ele tinha vindo parar neste lugar, ou em que ano estava, mas espera que não seja o mesmo ano em que Kyle se encontra. Sam não consegue se lembrar de muita coisa – as lembranças de seu tempo em Nova Iorque ainda estavam um pouco confusas, como um sonho – mas ele certamente se lembra de uma coisa: sua busca obsessiva por Kyle. Ele se lembra de ter descoberto que Kyle tinha voltado no tempo para matar sua irmã, e que desde sua descoberta, não tinha conseguido descansar. Ele está determinado a encontrar

Kyle, não importa o quanto isso lhe custe, e matá-lo antes que ele possa machucar sua irmã.

Antes de descobrir isso, Sam tinha estado deprimido, contrariado, em profundo desespero pelo que tinha feito com sua irmã, e com Caleb.

Essa nunca tinha sido sua intenção. Quando descobriu os planos de Kyle, ele tinha identificado uma chance de compensar seus erros - e de se vingar de Kyle. Sam sabe que não deve esperar o perdão de Caitlin. Mas no mínimo, talvez, ele pudesse ajudá-la de alguma forma.

Ao descer os degraus, passando no meio de grandes grupos de gente, Sam percebe que muitos abrem caminho para ele, olhando-o resabiados.

Outros apontam para ele, olhando para o topo da colina. Ele se dá conta de que deve ter sido uma visão estranha, em cima da colina, coberto de poeira. A alguns deles devem tê-lo visto saindo do túmulo, e provavelmente escutaram o barulho da pedra se partindo.

Ele aperta o passo, tendo chegado a conclusão de que seria melhor não se demorar muito, descendo os degraus em ritmo acelerado, três de cada vez.

Sam atravessa a multidão, perguntando-se sobre qual direção tomam. Ele pode sentir a presença de Kyle na cidade. É difícil não senti-lo - o homem emana o mal, deixando um rastro de maldade por onde passa. Sam segue o rastro, usando seus sentidos, navegando pelas ruas e vielas de Roma.

Ele mal consegue registrar onde está, tamanha sua determinação em completar sua missão.

Sam se sente atraído para uma determinada rua, e então na direção de determinado beco.

Ele para bem a tempo, quase tropeçando: ali, embaixo dele, há dois corpos em decomposição, o corpo do que parece ter sido uma prostituta, e outro de um homem que parece um cafetão. Seus sentidos lhe dizem que Kyle tinha passado por ali, e feito aquilo.

Sam segue seus sentidos através de várias outras ruas e antes que se dê conta, se vê em uma grande praça antiga: The Piazza Della Rotonda. E ali, diante dele, o lugar que ele procura: O Partenon. Sam olha para a construção, impressionado. O lugar é magnífico. Suas enormes colunas se estendem diante da entrada, ao redor do domo circular; é impressionante e grandioso. Ele já o tinha visto online, mas a vista não era nada comparada à estar ali.

Online, ele pensa, e quase ri alto. Ele avalia o lugar onde se encontra pela primeira vez, e vê pessoas vestidas com roupas antigas, a ausência de carros e confortos da era moderna, e se espanta ao constatar quantos anos ainda faltam para que essas pessoas saibam o significado de online.

Sam se concentra. Ele sente Kyle atrás daquelas portas. Ele cerra os punhos, preparando-se para a batalha.

Sam dispara em direção à estrutura. Ele sente que, no fundo, é pelo menos tão forte quanto Kyle, e se for morrer lutando com ele, é melhor acabar logo com isso.

Sam sobe os degraus correndo e bate com os ombros nas enormes portas; estranhamente, elas estão apenas encostadas.

Ele se vê correndo pelo corredor, direto até a grande sala principal do Partenon. Ele se prepara, pronto para a luta, pronto para enfrentar Kyle e começar a atacar.

Mas ao terminar de entrar na sala, quando para e olha ao seu redor, para sua surpresa, ele vê que a sala está completamente vazia. Seus passos ecoam pelas paredes, no enorme domo e no chão de mármore. Ele se vira para todos os lados, procurando por Kyle, procurando seu adversário.

Ele está atordoado. Ele tinha certeza que Kyle estava aqui, e seus sentidos nunca tinham errado tanto. Aquilo era algum truque?

Antes que ele possa terminar de se perguntar, Sam sente algo se movendo em sua direção, incrivelmente rápido, e no último segundo, ele olha para cima para ver o que é. Centenas de vampiros, com asas como as de morcegos, estão pendurados no teto, esperando por ele. Eles pulam no chão como aranhas, mergulhando para cima dele, centenas deles, a apenas alguns metros dele.

É tarde demais para que ele possa reagir. Tudo que Sam vê é a terrível escuridão causada por centenas de vampiros, descendo para devorar sua presa. Seus gritos e rosnados são horríveis, e quando suas asas batem ao redor dele, em todos os lados, ele não pode evitar se perguntar se aquilo seria a última coisa que veria na vida.

CAPÍTULO OITO

Caitlin fica parada, atordoada. Ela não pode acreditar que realmente está olhando para Polly. Ela está igual sempre foi, com sua pele translúcida distinta, seus cabelos castanhos e olhos azuis brilhantes. Ela também parece ter a mesma idade, mais ou menos 18 anos. Racionalmente Caitlin sabe que deveria ter esperado por isso;

mas encontrá-la frente a frente a tinha pegado totalmente de surpresa.

Polly abre um grande sorriso, de um lado ao outro do rosto, mostrando seus lindos dentes brancos - o mesmo sorriso de que Caitlin se lembra. É assustador, e bom, ser capaz de reconhecer alguém. Pela primeira vez, Caitlin não se sente tão sozinha.

“Bem, você com certeza sabe lutar, não é mesmo?” Polly pergunta.

É o mesmo sotaque, a mesma voz; são os mesmos trejeitos. Polly examine Caitlin por um momento, e parece reconhecê-la por um instante, mas rapidamente sua feição muda.

“Eu sou Polly,” ela diz, esticando a mão. “E quem tenho o prazer de conhecer?”

Caitlin não sabe o que dizer. Ela está realmente espantada. Se há algo mais estranho do que ver Polly mais uma vez, é o fato dela não a reconhecer, como se Caitlin fosse uma pessoa estranha, como se nunca tivessem se conhecido, ou compartilhado experiências em Pollepel.

Obviamente, Caitlin sabe que não há por que Polly reconhecê-la; afinal de contas, Caitlin tinha voltado no tempo, e não ido para o futuro. Mesmo assim, Caitlin a conhecia tão bem, tão intimamente, que é tudo muito estranho. Ela se pergunta se Polly não estaria apenas brincando, testando-a? Caitlin estica o braço e aperta a mão dela.

“Polly,” ela fala, “sou eu. Caitlin.”

Polly olha para ela e seu rosto se transforma, confuso. Finalmente, Caitlin percebe que é verdade, Polly realmente não faz ideia de quem ela é.

“Sinto muito,” Polly responde, “já nos conhecemos? Lamento não me lembrar. Perdoe-me se já fomos apresentadas. Sou horrível com nomes e rostos. Caitlin é o seu nome? É um nome bonito. Bem, agora que já nos conhecemos oficialmente, fico muito feliz mesmo. Você salvou minha vida,” Polly diz, olhando os três homens inconscientes, ainda jogados no chão do beco. “Eles não eram muito legais.”

Rose corre para o lado de Polly, gemendo e balançando o rabo histericamente. Os olhos de Polly se abrem de alegria, e ela se agacha e faz carinho nela.

“E o que temos aqui?” ela pergunta.

“O nome dela é Rose,” Caitlin responde.

Está claro que Rose se lembra de Polly, e igualmente claro que Polly não se lembra dela. Ainda assim, Polly faz tanto carinho em Rose as quanto antigamente.

“Rose,” Polly diz, abraçando Rose enquanto ela lambe seu rosto. “Que nome mais lindo,” Polly ri. “Minha nossa, Rose!” Polly exclama. “Meu Deus, ela está tão alegre! Até parece que ela já me conhece!”

Caitlin sorri.

“Sim, e não é que parece mesmo?” ela diz.

Um dos homens inconscientes geme, e Polly de repente olha para o beco.

“Vamos sair daqui,” ela fala, e entrelaçando seu braço no braço de Caitlin, a leva para fora do beco, com Rose logo atrás.

Elas caminham, lado a lado, como melhores amigas, pelas ruas secundárias de Veneza, com Polly mostrando o caminho. Polly está tão feliz que está praticamente saltitando, e Caitlin está animada em

ver a felicidade de Rose. Mesmo que Polly não se lembre, ainda assim parece que se conhecem desde sempre. Da mesma forma que quando tinham se conhecido pela primeira vez.

“Eu não sei como lhe agradecer,” Polly diz. “Aqueles homens não tinham boas intenções comigo, para não dizer outra coisa. É tudo minha culpa, na verdade. Aiden nos alertou para nunca sairmos sozinhos. Há segurança nos números, é o que ele diz. Sou forte – não pense que não sou – mas hoje não estou completamente bem, e eles me pegaram desprevenida. Sou muito mais forte à noite. As coisas teriam acabado mal esta noite, disso tenho certeza. No mínimo, teria me deixado de cama hoje, e isso é simplesmente inaceitável.”

Caitlin tenta acompanhar tudo o que ela diz. Exatamente como se lembrava, Polly fala tão rápido, que ela mal consegue dizer alguma coisa.

A presença de Polly a faz bem, ela está feliz em estar ao lado de sua melhor amiga, mesmo que Polly não se lembre de nada. Ela espera que, com o tempo, Polly consiga se lembrar; caso contrário, ela ficaria igualmente satisfeita em começar a amizade do começo novamente.

Mais importante, Caitlin fica espantada com algo que Polly diz. Ela tinha falado *A iden*? Seria possível?

“Você por acaso falou Aiden?” Caitlin pergunta.

“Bem, sim,” Polly responde. “Você o conhece? É claro, não é possível que você o conheça. Você nunca esteve em nossa ilha, ou esteve? Não, claro que não. Eu saberia, claro. Mas você vai ver. Tenho que apresentá-la aos outros. Humanos não são permitidos, é claro. Somente a nossa raça,” Polly diz, olhando para Caitlin. “É claro, posso sentir que você é uma de nós. Soube disso no momento em que a vi.”

Caitlin tenta falar, mas Polly a interrompe.

“Você não tem um coven aqui, ou tem? Claro que você não tem. Eu conheço todos os vampiros desta cidade.” Ela agarra o braço de Caitlin, implorando, “Você tem que se juntar ao nosso. Simplesmente tem que fazer isso! Eu vou falar com Aiden. Tenho certeza que ele vai lhe dar permissão, especialmente depois que eu contar a ela como você me salvou. Eu não tenho como lhe agradecer! E por falar em chegar bem na hora; é como se isso fosse predestinado.”

Polly as leva por uma viela, através de outra pequena praça, e depois por outro beco e por baixo de um pequeno arco de pedra. Caitlin cruza uma pequena ponte, por cima de um canal estreito, e desce do outro lado. Polly parece realmente conhecer aquelas ruas.

Caitlin tentar pensar; é difícil conseguir se concentrar perto de Polly.

“Polly,” ela diz, tentando recuperar o fôlego, “você disse que conhece todos os vampiros nessa cidade?”

“Bem eu não diria todos, mas a maioria deles, com certeza. Veneza é maior do que parece. Há muitas e muitas ilhas e alguns, pelo que sei, se escondem em ilhar pequenas de que nunca ouvi falar.”

O coração de Caitlin bate mais forte de excitação.

“Você já ouviu falar em Caleb?” ela pergunta.

Polly franze o cenho.

“Caleb...Sinto muito, não consigo me lembrar desse nome...Não, não posso dizer que conheça nenhum Caleb.”

O coração de Caitlin se aperta. Talvez ele não tivesse sobrevivido à viagem. Talvez sua sensação de ter amigos em Veneza tenha sido apenas a presença de Polly; Talvez Caleb tivesse realmente partido.

“E aí, você vai?” Polly pergunta

Caitlin olha para ela, confusa.

“Vou o quê?”

“Vai comigo? Até nossa ilha? Seria tão divertido. *Por favor.* A companhia sera bem vinda. As coisas ficam tão chatas lá. E eu também não posso deixar que você vá, especialmente depois de tudo que aconteceu. Vamos, você não tem outro lugar para ir, tem? Por favor, me faça uma garota feliz.”

Caitlin pensa um pouco. Ela não vê por que não. Afinal de contas, ela não tem aonde ir. E realmente quer passar um pouco mais de tempo com Polly – e encontrar Aiden novamente. Caitlin sorri.

“É claro. Eu adoraria.”

Polly grita de felicidade.

“Perfeito! Nós temos um quarto de hóspedes, só pra você. Tem uma vista linda da água. Bem ao lado do meu quarto. E Rose,” Polly completa, se curvando para fazer carinho nela, “é claro, temos um quarto para você, também.”

Rose abana o rabo, e começa a latir sem parar.

“Ah, coitadinha,” Polly diz, “ela está morta de fome, não é? E você parece que está com fome, também.”

Polly a puxa por um beco, e Caitlin fica desorientada, mal conseguindo acompanhá-la com tantas curvas e voltas. Ela se pergunta como teria encontrado qualquer coisa em Veneza em Polly.

Polly para diante de uma aldeã tostando um porco em um espeto, cortando fatias e as vendendo para seus clientes.

Rose lambe os lábios só de olhar.

“Duas, por favor,” Polly diz, enfiando a mão no bolso e dando uma moeda para a mulher. “E uma jarra do especial da casa,” ela pisca.

A mulher assente, compreendendo. Ela fatia dois grandes pedaços de carne e os dá a Caitlin. Então, ela dá a ela uma pequena jarra cerâmica. Cortou dois enormes pedaços de carne, e entregou -os a Caitlin .

Caitlin abaixa e dá os pedaços de carne para Rose. Rose, faminta, mal consegue esperar. Ela salta e pega os pedaços no ar, devorando-os com prazer. Ela imediatamente late, pedindo mais e lançando um olhar esperançoso para Caitlin. Polly ri.

“Tudo bem, Rose, entendi,” ela fala, dando outra moeda para a mulher. Ela corta um pedaço ainda maior de carne de porco, e Polly dá ele a Rose, rindo.

Caitlin examina a jarra. Ela está cheia de um líquido viscoso e escuro.

“Beba,” Polly pede, “você não vai se arrepender se beber. É especial para a nossa raça.”

“O que é?” Caitlin pergunta, incerta.

“Sangue,” Polly responde. “Não é humano, não se preocupe. É de veado. Essa mulher mantém um estoque especialmente para nós.”

Caitlin não gosta do cheiro, mas está com tanta fome, que finalmente vira o jarro e bebe. Quando o sangue percorre o seu corpo, ela sente as energias renovadas. Ela percebe o quanto tinha estado faminta. Ela vira o jarro e bebe todo o conteúdo, incapaz de se conter. Ele escorre pelo seu queixo, enquanto ela bebe a última gota. Polly ri.

Caitlin limpa a boca, envergonhada.

“Sinto muito,” Caitlin diz. “Acho que estava com bastante fome.”

Caitlin sente sua força total retornando, correndo por cada veia de seu corpo. Ela se sente renascida.

“É o mínimo que posso fazer,” Polly fala. “Afinal de contas, você salvou a vida dessa garota aqui.”

* * *

Polly leva Caitlin por rua após rua de Veneza, até que finalmente chegam em um local onde pode enxergar o céu. Caitlin se encanta ao encontrar-se em frente à água, com vista para o Grande Canal de Veneza, movimentado com o tráfego de barcos em todas as direções. A brisa salgada assopra seu rosto e cabelo, refrescando-a.

Polly não perde tempo. Ela se apressa até a beira da água, e começa a desenrolar uma corda que segura uma gôndola comprida e preta no lugar.

“Pule!” Polly grita.

Caitlin hesita, incerta. O barco é tão comprido e estreito, fica tão próximo da água, e balança bastante nas águas movimentadas, que estão repletas de enormes navios movimentando-se em todas as direções. Ela pode facilmente imagina um deles passando por cima da gôndola.

“Ah, está tudo bem,” Polly diz, lendo seus pensamentos, “ando nessa gôndola o tempo todo. É o melhor meio de transporte, sabia?”

Polly estende o braço, e Caitlin segura em sua mão, equilibrando-se, e dá um passo tímido para dentro do barco, que balança para todos os lados assim que ela faz isso.

Caitlin se aproxima, sentando-se devagar em uma tábua de madeira, um pouco molhada água que espirra dos remos.

Polly acha graça:

“Você encara um beco cheio de homens mal encarados, mas tem medo de um barquinho?” E então completa, “Vem logo Rose! É a sua vez!”

Rose, um pouco insegura, fica parada na beira da doca, olhando para Caitlin para ver se toma coragem. Caitlin assente e Rose corre e pula no barco, balançando tudo de novo. Ela molha o pelo, e chacoalha seu corpo violentamente, espirrando água em Caitlin e Polly. As duas riem.

Polly termina de soltar o barco, entra dentro dele e fica em pé na ponta traseira. Ela agarra o remo de madeira e começa a remar.

Logo elas estão deslizando sobre a água, e Caitlin fica surpresa com a navegabilidade do barco. Elas ficam tão próximas da água, que o oceano parece prestes a invadir o espaço a qualquer momento, mas ainda assim o barco parece ter sido bem desenvolvido, pois atravessa o mar com velocidade incrível enquanto Polly rema.

Caitlin se acomoda, e mesmo com o mar agitado a sua volta, tenta relaxar.

Um enorme navio passa por elas, a alguns metros de distância, criando uma grande onda. A gôndola balança com ainda mais violência, e Caitlin se senta novamente. Polly solta uma gargalhada.

“É melhor ir se acostumando,” ela diz.

Caitlin começa a se perguntar quanto tempo ainda tem pela frente.

“Onde estamos indo, exatamente?” ela pergunta.

“Eu moro na Isola di San Michele,” Polly responde, “também conhecida como Ilha dos Mortos. É uma das ilhas mais externas de Veneza, na lagoa – não é muito longe. Ninguém nos incomoda lá, e

também não incomodamos ninguém. Além disso temos muitos animais para nos alimentar.”

Ilha dos Mortos, pensa Caitlin. É interessante saber que o coven de Polly ainda vive em uma ilha, mesmo há tantos séculos atrás. Ela se pergunta se a ilha seria de alguma forma semelhante à Pollepel. Se fosse, ela ficaria muito feliz em estar ali.

“Então, por que você foi à Veneza hoje?”

Caitlin pergunta.

Polly suspira.

“É minha culpa. Eu deveria ter levado reforços. Aiden nos avisou para não andarmos sozinhos. Mas eu precisava encontrar alguma coisa para a festa de hoje a noite e não havia ninguém por perto. Eu simplesmente tinha que comprar o vestido perfeito. Não tenho absolutamente nada para vestir. Eu quero dizer, tenho, mas nada espetacular o suficiente, pelo menos não para esta noite. Afinal, este baile acontece apenas uma vez por ano.”

“Baile?” Caitlin pergunta.

“Mas como você pode não saber!?” Polly exclama, boquiaberta, “É só o Grande Baile. Estou esperando por ele há um ano. Queria apenas dar uma escapadinha até a cidade para dar uma olhada e ver se encontrava alguma coisa melhor. Fico mais fraca durante o dia; ainda estou em treinamento. Se aqueles homens tivessem me encontrado durante a noite, teriam tido problemas. Mas como eu disse, eles me pegaram de surpresa. De qualquer forma, onde você aprendeu a lutar daquele jeito?”

“Ah,” Caitlin diz, sorrindo, “Eu aprendi um truque ou dois em uma ilha certa vez.”

Ela espera que de alguma forma Polly entenda a indireta, - que se lembre – mas isso não acontece.

“E uma ilha? Eu conheço? Ela é perto de Veneza?”

Caitlin sorri.

“Não exatamente,” ela responde.

Elas continuam o restante do caminho em silêncio, Com Rose descansando a cabeça no colo de Caitlin.

Caitlin tenta organizar as ideias que teimam em rondar seus pensamentos enquanto olha ansiosa para o horizonte, procurando o primeiro sinal da ilha. Ela fica feliz em conhecer o lugar onde Polly Morava, curiosa para saber se há mais alguém que ela conheça. Ela espera, reza, que uma destas pessoas tenha ouvido algo, qualquer coisa, sobre Caleb.

* * *

Já é de tarde quando elas chegam à pequena ilha, que está iluminada por uma luz clara e laranja. Caitlin já pode ver que é uma ilha bonita, um pouco menor que Pollepel, com aproximadamente 800 metros para cada lado, mas diferente de Pollepel, ela é plana como uma panqueca. As árvores são diferentes também, com os altos ciprestes italianos espalhados por toda parte, em meio ao gramado verdes e exuberante da ilha. Também não castelos, e ao invés disso, uma enorme igreja Renascentista, com sua fachada brilhante construída bem em frente da água, próxima ao canal. Ela parece ter centenas de anos de idade; sua entrada é quase no nível da água, sendo possível aproximar-se de barco até as portas da frente, e entrar na igreja. Ela tinha observado o mesmo em alguns prédios de Veneza, mas o fato de poder abrir a porta e entrar na água ainda lhe causa espanto.

Anexo à igreja há um monastério, estendendo-se até onde Caitlin pode ver, com um teto inclinado vermelho, e dezenas de colunas e paredes arqueadas. Caitlin pode sentir que todo o coven de Polly mora ali.

É difícil para Caitlin aceitar a ideia de vampiros vivendo dentro de uma igreja, ou monastério. Ela se pergunta por que teriam escolhido este lugar, esta ilha no meio do nada. Ela imagina que poderiam ter escolhido qualquer lugar em Veneza para viver.

“Por que nos mantém anônimos,” Polly diz, lendo seus pensamentos. Caitlin enrubesce, mais uma vez se esquecendo do quanto vampiros apreciam ler mentes.

“Ficar aqui nos tira do holofote,” Polly continua. “Os venezianos raramente vêm até aqui, e quando os visitamos, costumamos ser discretos. Esse esquema funciona perfeitamente para nós; mantemos nossa distância, e eles também.”

Elas se aproximam de uma entrada gradeada baixa, sobre a qual diversos guardas vampiros montam guarda. Polly olha para cima acenando, mas eles olham para baixo com a cara fechada. Caitlin observa atentamente, mas não reconhece nenhum deles.

“Abra o portão,” Polly ordena, irritada.

“Quem é ela?” um deles pergunta, apontando Caitlin com a cabeça.

“Ela é um de nós,” Polly fala.

“Não a reconheço,” diz o outro guarda.

“Apenas abra a porta,” Polly dispara. “estou dizendo que está tudo bem. Se você não concorda, vá falar com Aiden.”

Os dois pausam, entreolhando-se, incertos. Finalmente, um deles puxa uma manivela, e o portão de ferro se levanta devagar.

Elas passam pelo portão, chegando ao outro lado.

Caitlin olha para todos os lados, espantada. O lugar é maravilhoso. Nos campos, ela pode ver dezenas de vampiros treinando o combate.

“Por que esta ilha?” Caitlin pergunta.

Polly olha para ela.

“Quero dizer, parece que há dezenas de ilhas em Veneza para escolher.”

“Esse é um lugar muito especial,” Polly responde. “Enterramos nossos mortos aqui há milhares de anos. É chamada de ilha dos mortos por mais de uma razão.”

Polly dá uma última remada, e a gôndola delas chega até a porta da igreja, e a proa bate na pedra com uma pancada que chacoalha todo o barco.

Rose percorre o comprimento do barco e salta para a doca. Polly joga uma corda em uma trave, puxa o barco, e o amarra. Caitlin tenta se equilibrar, levantando-se lentamente e fazendo o barco balançar, e sobe até costa.

Rose corre até a moita mais próxima e se alivia, enquanto Polly sai agilmente do barco e termina de arrumá-lo. Ela então abre as gigantescas portas da igreja e abre passagem para Caitlin.

Caitlin passa pela porta e fica espantada. Assim como em Assis, a igreja tem tetos altíssimos, detalhadamente decorados com afrescos, e o salão aberto é enorme. Uma luz fraca atravessa os vitrais, e enquanto atravessam a nave de mármore, seus passos ecoam pelas paredes.

“A igreja de São Miguel,” Polly diz, enquanto andam. “seu padroeiro é, obviamente, São Miguel, o responsável pela balança do dia do julgamento. A lenda diz que São Miguel é o santo protetor do sono eterno nos fiéis mortos; dificilmente encontraríamos um local mais apropriado.”

Polly as leva até os fundos da igreja, passando por uma porta que dá acesso a um grande pátio medieval. Colunas estendem-se em todas as direções, é um local solene, muito calmo, exceto por dois vampiros que lutam no centro do local, usando espadas de madeira cujo barulho ecoa nos muros a cada contato.

Caitlin olha para eles e não consegue acreditar no que vê: Tyler e Taylor, - os gêmeos. Eles têm a mesma aparência de quanto estavam em Pollepel; o irmão e irmã idênticos, extremamente atraentes, parecem ainda ter 16 anos.

“Aqueles dois,” Polly diz. “Eles estão sempre lutando. São farinha do mesmo saco.”

Os gêmeos, sentindo a presença de alguém, param de lutar e caminham até elas, sem fôlego.

Eles olham para Polly, confusos, claramente se perguntando quem seria a visitante misteriosa.

“Eu sei, não recebemos visitas com frequência,” Polly explica, “mas esta é uma visitante especial. O nome dela é Caitlin. Por favor, façam com que ela se sinta em casa. Ela me salvou de alguns canalhas em Veneza. Devemos um favor a ela. Bem, eu devo um favor a ela, pelo menos.”

“Você conseguiu autorização com Aiden?” Tyler pergunta.

Polly pausa, e Caitlin sente um nó no estômago. Ela espera não estar se intrometendo.

“Ainda não,” Polly diz. “Não sei exatamente onde ele está. Mas tenho certeza que ele não vai se incomodar. E por que se incomodaria? Ela é uma graça. Nosso grupo precisa de gente como ela. Isso sem falar que o quarto ao lado do meu está vago.”

“Meu nome é Taylor,” ela diz, esticando a mão com um sorriso simpático no rosto.

Caitlin fica tentada a dizer, *Eu sei*.

Ao invés disso, ela simplesmente estica o braço e aperta a mão dela.

A mão de Taylor, fria e firme, ajuda Caitlin a deixar os devaneios de lado e a traz de volta à realidade.

“É um prazer conhecê-la,” Caitlin fala.

“E o que temos aqui?” Taylor pergunta, abaixando-se e fazendo carinho em Rose, que se mostra disposta. “Gente, como ela é linda.”

“Eu sou Tyler,” ele diz, usando os cotovelos para abrir caminho, e sorri para Caitlin. Ao apertar sua mão, ela pode sentir a atração dele por ela, e se lembra da primeira vez que tinham se conhecido, em Pollepel. Algumas coisas nunca mudariam.

Tyler grita e dá um salto repentino.

Taylor está atrás dele, tendo acabado de lhe acertar um golpe na parte de trás da perna com a espada de madeira.

“Pare de enrolação,” ela fala. “Temos que nos arrumar para o baile.”

Tyler volta para a uta, golpeando descontroladamente, enquanto ela bloqueia todos os seus golpes.

Polly continua a caminhar pelo corredor, e Caitlin a segue.

“Este é o lugar onde vivemos e treinamos,” explica Polly. “Já estamos aqui há centenas de anos. Não consigo nos imaginar deixando este lugar, a não ser que haja um bom motivo.”

Caitlin pensa no futuro, e por um instante, debate se deve contar a Polly que um dia, de fato, ela deixaria este lugar. Mas ela percebe que se contasse, Polly provavelmente pensaria que ela é louca. Além disso, por que desapontá-la?

Mesmo assim, saber qual será o futuro de Polly é estranho, mesmo que Polly não saiba. Isso faz Caitlin perceber que a maioria das pessoas tem tanta certeza de que as coisas nunca mudarão, mas, eventualmente, todos os planos acabam um pouco diferentes do que imaginamos.

“Geralmente esse lugar fica lotado,” Polly explica, enquanto continuam andando pelo corredor. “Mas não hoje. A maioria de nós está dormindo, se preparando para a grande noite.”

Caitlin observa o lugar e pensa nos gêmeos, se perguntando onde estariam os outros membros do coven. Há mais alguém que ela já conheça? Seu coração bate acelerado ao lembra-se de repente de Blake. Ela sente receio em perguntar.

“Entre os membros do coven, há alguém que se chame Blake?”

“Não temos nenhum Blake aqui,” responde Polly. “Por quê?”

Caitlin respira aliviada. Ela já tem problemas suficientes procurando por Caleb. Ter Blake aqui, também, complicaria as coisas.

“À toa,” ela responde, rapidamente mudando de assunto. “Então, o que há de tão especial com esse baile?”

Polly olha para ela com os olhos arregalados de animação.

“É só noite mais importante do ano. Estou esperando há uma vida. Todos, quero dizer, todo mundo, vai estar lá, não só os humanos, mas todos os vampiros também. E todos têm companhia. Todos usarão roupas maravilhosas,” explica ela, ficando ainda mais excitada.

Caitlin pensa. *Todos*. E se pergunta se isso incluiria Caleb.

“Então, estarão presentes...vampiros de todos os covens?” pergunta Caitlin.

“Todo mundo que tem alguma importância no mundo vampiro,” Polly diz. “Não só os covens vizinhos – eles vêm de toda a Europa. É o melhor da alta sociedade. E não só isso, é também um baile de máscaras. Você não vai acreditar – as fantasias são as mais elaboradas. Não se pode entrar sem uma máscara, e ele dura horas. Ninguém sabe quem é quem. É sempre alguém diferente de quem você está pensando.”

“Vocês sempre fazem festas aqui?” Caitlin questiona. “A cidade toda parece um pouco bêbada.”

“Você realmente nunca esteve aqui, não é mesmo?” Polly balança a cabeça, incrédula. “É época de Carnaval. Serão dias e dias de brincadeiras, festas, bebida, apostas... É por isso que tudo aqui está uma loucura. Quero dizer, Veneza é sempre como um hospício, mas agora, muito mais. É uma grande e interminável festa. Você chegou na hora certa! Tudo muito conveniente para vampiros, diga-se de passagem: com todos usando fantasias, ninguém pensa duas vezes se alguém é humano ou não.”

Polly abre uma porta de carvalho e entra em um pequeno quarto, deixando a porta entreaberta. Caitlin a segue timidamente, e Rose vai atrás dela. Este é obviamente o quarto de Polly. O quarto simples de pedra tem uma grade janela, com vista para as árvores, e Polly tem uma cama de palha enorme, coberta por lençóis cor de rosa e uma série de que parecem ser ursinhos feitos de palha.

Polly enrubesce ao vê-los, e rapidamente os esconde sob o travesseiro.

Há roupas esparramadas por todo o chão do quarto e sobre a cômoda de madeira. Polly tenta ajeitar tudo rapidamente.

“Desculpe,” ela diz, “meu quarto está uma bagunça. Eu não estava esperando visitas. Aiden me mataria se visse as coisas assim. Mas o que ele espera? O grande baile é esta noite, e ainda não faço a mínima ideia sobre o que vestir,” explica ela, enquanto anda pelo quarto, tentando se encontrar em meio ao caos.

Caitlin vê diversos vestidos elaborados pendurados ao longo da parede, e várias máscaras detalhadas. Ela fica encantada com a perfeição delas. Todas parecem verdadeiras obras de arte, algumas com narizes longos e curvos, e outras pequenas – apenas uma máscara para os olhos. Há máscaras douradas e prateadas, algumas mais simples, outras detalhadamente elaboradas.

Algumas delas são assustadoramente sinistras, outras mais joviais; algumas têm penas, outras são simples. É uma bela coleção. Caitlin, fascinada, se dirige até a parede e estica o braço, tocando uma das máscaras.

“Vá em frente, experimente,” Polly convida. “É divertido, você pode ser quem bem quiser e trocar todas as noites; as coisas em Veneza são assim.”

Caitlin pega uma máscara com cautela. É a mais diferente de todas, totalmente ornamentada, com influências Persas ou Indianas, nas cores bronze, dourado e laranja queimado. Há flores esculpidas sobre a testa e entre os olhos, dando à máscara uma aparência suntuosa.

Caitlin ergue os braços e coloca a máscara. Ela anda até o espelho e então se lembra: Não tem reflexo.

“Eu sei, isso é um saco, não é?” pergunta Polly. “Nunca consigo ver como estou. É tão frustrante. Não sei por que tenho um espelho; imagino que esteja sonhando que um dia ele funcione. Enquanto isso, temos que aprender a nos virar, como dizem por aí.”

Caitlin não consegue ver como está, mas já se sente diferente simplesmente usando a máscara. Ela sente como se tivesse tomado o lugar de outra pessoa, como se tivesse permissão para ser quem quisesse - é uma sensação libertadora.

“Ela fica ótima em você,” Polly comenta. “Você pode usá-la esta noite.”

Uma pontada de medo atravessa Caitlin.

“Esta noite?” ela pergunta, quase sem voz.

“Você vem conosco, não vem?” Polly diz, agarrando seu pulso. “Ah, você tem que vir, simplesmente não tem escolha. Como você poderia perder o baile? Por favor, eu adoraria tê-la comigo. Os melhores garotos, os melhores de todos, vão estar lá, e me ajudaria ter sua companhia. Vai ser tão divertido. Por favor, por favor,” completa Polly, agarrando seu braço

Caitlin pensa um pouco. A última coisa em sua cabeça neste momento é ir a um baile, ou procurar garotos. Tudo que importa para ela é Caleb, e ela simplesmente não vai conseguir descansar, ou se divertir, até que o encontre. Ela retira a máscara devagar e a entrega a Polly.

“Sinto muito, Polly,” ela responde. “Não quero desapontá-la, mas não posso ir. Eu realmente preciso me concentrar em encontrar uma pessoa.”

“É aquele cara que você me perguntou? Caleb?” Polly pergunta. “Bem, se for o caso, então você tem que ir. Estou certa de que ele

estará lá. Se ele é um de nós, é lá que ele vai estar. Você tem que ir, para o seu próprio bem.”

Caitlin pensa a respeito, e em pouco tempo, percebe que Polly tem razão. Se Polly está certa, este baile é realmente um evento grandioso, talvez ele realmente compareça. Além do mais, ela não tem nenhuma outra pista, nenhuma ideia de onde procurar por ele; talvez ela deva ir.

Mas outra coisa a preocupa: ela não tem o que vestir. Ela nunca tinha gostado de ir a bailes; ela sempre ficava nervosa na véspera. E este parece ser o maior e mais formal baile que ela já tinha ouvido falar. Se isso não bastasse, ela nunca tinha sido uma boa dançarina no século XXI – como poderia dançar bem no século XVIII? Ela seria vista como desajeitada, atrapalhada e boba.

“Não se preocupe, as danças são fáceis,” Polly diz, com o costume irritante de ler a mente de Caitlin. “Eu te ensino, prometo. É só pegar na mão da pessoa ao seu lado e eles te levam. Estarão todos tão bêbados mesmo, prometo que nem vão notar.”

“Bêbados?” pergunta Caitlin. “Eles deixam garotas da nossa idade beber? Não existe nenhum, sei lá, algum limite de idade?”

Por um breve momento, Caitlin se preocupa em como entraria no baile, em arrumar um documento.

Polly dá uma gargalhada.

“Você só pode estar brincando. Estamos em Veneza, ninguém se importa: Até bebês podem beber se quiserem.”

“Mas não tenho o que vestir,” Caitlin protesta.

Os olhos de Polly se iluminam.

“Ah, claro que tem,” declara ela. “Por acaso deu uma olhada neste quarto? Há vestidos suficientes para quinze bailes aqui. E parece que somos do mesmo tamanho. Por favor, experimente ao menos um deles. Vamos nos divertir! Afinal estamos quase no século XIX! Quando teremos outra oportunidade como essa!”

Caitlin pondera; Polly certamente tem razão. Se não agora, então quando? E ela sempre tinha tido vontade de experimentar um daqueles vestidos elaborados.

Sem falar que, se Caleb estivesse lá, que maneira melhor de reencontrá-lo que vestindo um lindo vestido de festa?

Quanto mais pensa a respeito, mais Caitlin gosta da ideia.

Talvez ir ao baile seja exatamente do que ela precisa.

CAPÍTULO NOVE

Kyle, sobrevoa as encostas da Úmbria, mergulhando ao circular sobre a cidade medieval de Assis. Ele dá uma boa olhada em seus muros medievais, e na enorme igreja que domina o vilarejo. Sob a luz do por do sol, os aldeões cuidam de seus afazeres, acendendo tochas, arrebanhando o gado e guardando galinhas e cabras. Todos se apressam em todas as direções, como em preparação: esta parece ser uma cidade que teme a noite.

Kyle sorri. Ele lhes daria um novo motivo para ter medo.

Há poucas coisas que Kyle aprecie mais do que levar medo e pânico à vida de plebeus, causando-lhes pesadelos que levariam anos para

esquecer.

Ele odeia as massas. Plebeus sempre haviam perseguido a sua raça, desde que Kyle conseguia lembrar, e ele acha que já é passada a hora de dar-lhes o troco. Sempre que encontra uma oportunidade, faz questão de não desperdiçá-la.

Kyle voa ainda mais baixo, mirando a praça da vila, não muito distante da igreja, na esperança de que sua aparição dramática e inesperada chame a atenção de alguém, talvez atraindo Caitlin para fora. Se aquela garota deplorável estivesse ali, ele não queria perder tempo em prendê-la. Ele já está impaciente para retornar ao século XXI, continuar sua guerra e acabar com esta pequena distração de uma vez por todas.

Obviamente, ele tem que responder ao Conselho, e eles a querem viva. É irritante, mas necessário. Ele poderia concordar, - capturá-la por agora - apenas para satisfazê-los. Mas ele a escoltaria de volta, e não iria embora enquanto não a visse torturada e morta. Na verdade, ele apreciaria bastante tudo isso. Mas desta vez, ele não deixaria nada para o acaso. Se eles demorassem, ele mesmo a mataria – com ou sem a aprovação deles.

Ao aterrissar com estilo na praça da vila, com suas asas negras completamente abertas, com um efeito que faz cachorros correrem e galinhas voarem, aldeões de todos os lugares começam a gritar. Velhas senhoras fazem o sinal da cruz, e crianças correm, temendo por suas vidas. É como se uma bomba tivesse explodido.

Alguns homens mais corajosos agarram seus instrumentos de trabalho e partem para cima dele. Kyle sorri, ele adora esse tipo de humano. Se eles fossem vampiros, talvez se tornassem amigos. Kyle desvia facilmente quando um deles o golpeia desajeitadamente na cabeça com uma enxada; ele então se estiva e, com um único golpe, arranca a cabeça do corpo do homem.

Kyle se maravilha com a visão do sangue que jorra. Ele se inclina, enfiando suas presas no que resta do pescoço dele, e bebe avidamente, sentindo o sangue cursar suas veias com excitação. É o lanche da tarde de que precisa.

Kyle caminha até dois homens e os pega pelo pescoço, erguendo-os com facilidade, e batendo um no outro com tamanha força que os mata imediatamente.

Gritos são ouvidos por todo o pátio e os sinos da igreja soam, à medida que todos fogem para dentro de suas casas, trancando portas e barrando janelas.

Uma gangue de doze homens se aproxima, correndo colina abaixo, todos armados com instrumentos de trabalho, gritando e avançando na direção de Kyle. Ele sorri; os aldeões ainda não aprenderam a lição.

Kyle não espera. Ele também avança contra o grupo, encontrando-os na metade do caminho, e quando eles atacam, ele de repente salta sobre toda a gangue, aterrissando atrás deles. Antes que possam reagir, ele agarra a pessoa mais próxima pela cabeça, puxando os cabelos e erguendo-a do chão. Ele a balança como uma boneca de pano, e então a arremessa contra o grupo, que cai como peças de dominó.

Antes que eles se recuperem, Kyle agarra uma de suas foices e golpeia descontroladamente. Com sua velocidade vampira, ele ataca o grupo de humanos afobados como se eles fossem um monte de feno, partindo-os em pedaços.

Dentro de poucos instantes, estão todos morto.

A praça da vila é agora um campo de batalhas ensanguentado. Kyle salta por cima dos corpos mutilados, caminhando casualmente em direção à igreja. Enquanto isso, as portas da igreja batem e são

trancadas. Kyle sorri, se perguntando por que os humanos sempre achavam que trancar portas fizesse alguma diferença.

Kyle se prepara e chuta as grandes portas da igreja, arrancando-as das dobradiças.

Ele entra na antiga igreja de Assis, atravessando a nave. À medida que avança, vai arrancando os bancos, arremessando-os contra as janelas e estilhaçando os vitrais antigos. Ele ergue o braço e arranca um candelabro gigantesco, suspenso por cordas, girando-o sobre sua cabeça. Quando ele solta a corda, o candelabro é lançado para o outro lado da igreja, quebrando os vitrais da parede oposta.

Kyle avalia a destruição – é uma bela visão. Poucas coisas superam o prazer de destruir uma igreja.

Ele sente a presença de Caitlin. Seguindo seus sentidos, ele é atraído para um corredor, desce um lance de escadas, e chega aos níveis inferiores da igreja. Ao fazer a última volta, ele se surpreende com o que vê.

Parado no meio do quarto está um velho padre, baixinho e com cabelos grisalhos, encarando-o com o semblante sério. Kyle imediatamente percebe que o homem é da mesma raça que a sua. Ele fica surpreso ao vê-lo com roupas de padre, um sacrilégio contra sua raça.

“A garota que você procura partiu há muito tempo,” diz o padre, sem nenhum medo. Ele encara Kyle com coragem inabalável. “E você nunca irá encontrá-la,” completa.

Kyle sorri:

“É mesmo?” ele fala.

Kyle dá alguns passos na direção dele, mas o homem não dá sinais de que vai recuar. Ele é bem mais corajoso – ou burro – do que Kyle

pensava.

“Você pode me subjugar,” o padre fala, “Mas Deus domina todas as coisas. Você pode me matar hoje, mas Deus com certeza irá matá-lo um dia, e eu serei vingado. A morte não me causa medo.”

“Quem disse que irei matar você?” Kyle pergunta, se aproximando, “Isso seria fácil demais para você. Penso ao invés disso, em torturá-lo lentamente.”

“Isso não faz a menor diferença para mim,” o homem responde. “Não importa o que você faça, nunca irá encontrá-la.”

Kyle se aproxima do padre, e salta sobre ele. Mas o homem o surpreende no último segundo, erguendo o braço e jogando um punhado de cinzas sagradas nos olhos de Kyle.

Kyle cai ao chão, atordoado, com os olhos queimado. Cinza sagrada. Um golpe baixo. A dor é insuportável, os olhos de Kyle não tinham contato com elas há séculos.

“Eu te renuncio em nome de Satanás,” o homem declara. “Que estas cinzas sagradas lhe destruam, mandando-o de volta para o lugar de onde jamais deveria ter saído.”

Ele joga mais cinzas sobre a cabeça de Kyle, repetidas vezes.

Mas Kyle de repente recupera suas forças e parte para cima do padre, acertando-o com força e levando-o ao chão.

Em cima dele, Kyle segura o pescoço do homem e aperta com força.

O homem arregala os olhos e o encara, certamente em choque.

“Seu ignorante,” Kyle dispara. “As cinzas sagradas matam apenas os mais fracos de nós. Eu desenvolvi imunidade a ela há centenas de anos.”

O homem luta para respirar enquanto Kyle o estrangula.

Kyle abre um sorriso.

“E agora, é minha vez,” Kyle diz. “Você e eu agora vamos nos conhecer melhor. Bem melhor.”

CAPÍTULO DEZ

Enquanto Caitlin, usando um vestido de festa elaborado, segue Polly pela porta, ela quase cai dentro da água. Ela ainda não consegue se lembrar de que as portas abrem diretamente sobre a água, e que é possível cair dentro dela com a mesma facilidade que em outros lugares as pessoas saem caminhando pela calçada.

Parada ali, à beira da água sob o sol poente, Caitlin observa atentamente o movimento das águas, e consegue finalmente enxergar seu reflexo.

“Veja!” Caitlin diz, admirada, pegando Polly pelo braço, encantada por estar conseguindo ver a si mesma.

“Eu sei,” Polly diz, “usamos esse recurso o tempo todo, é a única forma de nos vermos. Não é exatamente um espelho, mas é o que temos.”

Caitlin se surpreende com sua aparência: Ela está usando um vestido enorme, amarelo, dourado e branco, bastante festivo e com várias camadas, estampando com flores. Polly tinha feito tranças em seu cabelo, e Caitlin havia completado a fantasia com uma máscara veneziana. A parte que ela mais gosta é a máscara; com ela,

Caitlin poderia ser quem quisesse. Vestindo a máscara, ela se sente misteriosa, magnificente, e até um pouco perigosa.

Caitlin olha para cima e se dá conta que à sua volta, os membros do coven de Polly, dezenas deles, estão na beira da água, preparando-se para embarcar em suas gôndolas. Ela se impressiona com a aparência deles: todos estão bem vestidos, com trajes e máscaras em todas as cores, tecidos e formas. Eles tinham passado a tarde inteira se preparando, e levavam a coisa a sério. Estão todos elegantes e refinados, e Caitlin considera como era sair à noite no século XXI. Ela passaria no máximo dez minutos se aprontando, talvez com um jeans e uma camiseta; e tudo aquilo lhe parece entediante e comum – comparado a isso. As pessoas neste século realmente encaravam a vida de frente.

Subir na gôndola estreita usando seu enorme vestido é um desafio para Caitlin. Tyler, de outro barco, vê sua dificuldade e se apressa em aproximar-se para ajudá-la, estendendo sua mão.

“Obrigada,” ela diz, aceitando a ajuda.

Ela dá dois passos no barco, cambaleando, mas consegue se equilibrar enquanto o barco continua a balançar. Ela rapidamente se senta e arruma a saia do seu vestido, impedindo que se molhem.

Rose dá um latido, olhando para os barcos, obviamente com vontade de acompanhá-las.

“Desculpe, Rose,” Caitlin explica, “não vai ser desta vez, mas não se preocupe, voltarei logo.”

Rose continua reclamando, querendo estar ao lado dela, e Caitlin se sente mal. Mas ao mesmo tempo, está feliz em ter Rose na ilha, sã e salva.

Em volta delas, membros do coven continuam embarcando em suas gôndolas. Há uma pequena frota de aproximadamente uma dúzia de

gôndolas, com duas pessoas em câs, uma sentada, e a outra em pé, remando. Caitlin reconhece vários deles: Taylor e Tyler, Cain e Barbara, Patrick, Madeline, Harrison... Polly tinha passado a tarde toda apresentando Caitlin para eles. Tinha sido muito estranho para ela ser apresentada a todas estas pessoas que ela já conhecia. Mas ela tinha ficado calada, e tudo havia dado certo. Até mesmo Cain havia sido mais simpático com ela desta vez.

Todos tinham lhe dado boas vindas como se ela sempre tivesse morado ali, e mais uma vez, ela se sente à vontade com eles. Ela está começando a sentir como se tudo que tinha perdido em Pollepel estivesse lentamente sendo devolvido a ela. Ela já começa a se sentir em casa, mas tem receio da sensação: Ela tem a impressão de que todas as vezes que começa a se acomodar, algo acontece, forçando-a a se mudar de novo.

Os barcos partem, cortando a água azul clara em direção ao baile, iluminados pela luz do luar. A água está mais agitada nessa hora, à noite, do que tinha estado mais cedo, e a gôndola se move para cima e para baixo. Mas é um movimento repetitivo que a acalma, ajudando Caitlin a relaxar ao som das ondas que batem contra o casco.

Caitlin reclina seu corpo e fecha os olhos, sentindo a brisa do mar em seu rosto, e respira fundo. É uma noite agradável, e ela se sente completamente relaxada.

Ela escuta alguém começando a cantar, e abre os olhos para ver quem é. Um de seus companheiros de coven, em outro barco, canta enquanto rema. É um idioma que ela não reconhece, e ele canta com uma voz profunda e afinada. A música é lenta e triste, e se mistura ao som das ondas e do eventual pássaro que passa cantando sobre eles.

Caitlin volta a fechar os olhos, permitindo-se descansar um pouco. Mais uma vez, ela se sente em casa, e tem a sensação de

pertencer àquele lugar. Ela deixa sua mente divagar, pensando sobre a noite que tem pela frente.

Apesar das diferenças culturais gritantes, de estar vestindo uma fantasia e máscara e de estar no ano de 1790 dirigindo-se a um baile, Caitlin sente que as coisas não estão tão diferentes do que estariam se ela estivesse em casa. É quase como se ela estivesse se preparando para sair com seus amigos em um Sábado à noite, indo a uma festa.

Aparentemente, eram atividades bem diferentes, mas no fim das contas, a mesma coisa. Sair com amigos para se divertir, a expectativa de coisas boas, de conhecer gente nova; é incrível como algumas coisas nunca mudariam.

No caso de Caitlin, a única coisa em sua mente é Caleb. O coração dela bate mais forte a cada remada, como se esperando que o barco a estivesse levando para mais perto dele. Ela quer do fundo do coração encontrá-lo no baile esta noite, é seu único desejo. Caitlin reza para que ele esteja vivo, para que tenha sobrevivido à viagem no tempo. Ela reza para que ele esteja no baile. Esta parece ser sua melhor chance de encontrá-lo.

Se ele não estivesse lá, se não tivesse sobrevivido, Caitlin ficaria arrasada. E se estivesse... Ela não sabe por onde começar. Ela tenta imaginar o momento, ao vê-lo pela primeira vez, e espera que ele a reconheça, que o amor deles tenha tornado isso possível – que no momento em seus olhares se cruzarem, ele se lembre de tudo. Caleb lhe diria o quanto ele a tinha procurado também, e mostraria sua gratidão por tê-la em seus braços novamente. Ele lhe agradeceria por tê-lo trazido de volta a vida, e lhe diria o quanto está feliz por estarem juntos novamente, livres do perigo.

O coração de Caitlin se aquece com o pensamento. É sua chance de recomeçar as coisas com Caleb, uma chance de conhecer ele pela primeira vez de novo, e recomeçar tudo. Por um lado, seria

como um primeiro encontro. E talvez tivessem a oportunidade de dançar, e talvez de um primeiro beijo.

E então... talvez, apenas talvez, eles pudessem realmente se casar desta vez. E ter outro filho.

* * *

Está escuro quando finalmente chegam a Veneza, e ao fazerem a última curva e se aproximarem da cidade, Caitlin se encanta com a beleza da cidade à noite. A cidade está iluminada, com velas em todas as janelas e tochas em todos os barcos. A água, repleta de barcos, está ainda mais lotada do que antes, e é iluminada pelo reflexo de milhares de tochas em centenas de navios que navegam durante esta noite. A cidade para estar em uma festa ainda maior que durante o dia. Caitlin se admira com a quantidade de coisas que conseguem realizar sem o benefício da eletricidade.

E, para sua surpresa, está ainda mais lotada.

Mesmo à distância, ela pode ouvir as risadas, a cantoria e, sobretudo, a música. Em toda parte, em cada esquina e em cada praça, mesmo dentro dos barcos, as pessoas tocam música, arriscando notas em alaúdes, harpas e violões... É como se estivessem todos chegando a uma enorme comemoração.

Pessoas também bebem abertamente em todos os lugares, e o som de gargalhadas preenche o ar, superando os outros sons, como se todos estivessem tendo um ataque de histeria por algum motivo.

Caitlin espera ansiosa sua volta a cidade, especialmente agora, na companhia de todos os seus amigos recém conhecidos, mas ainda se sente intimidada pelo labirinto de ruas, e multidões de pessoas. Há gente por toda parte, e com todos vestindo fantasias, lhe parece fácil separar-se do grupo e perder-se em meio à desordem.

As gôndolas deles passam embaixo de uma ponte, e então se aproximam da doca. Todos seus companheiros de coven saltam para fora, amarrando os barcos e ajudando-se mutuamente.

Antes que Caitlin possa se levantar, Tyler salta para fora do barco, corre até o dela e, ajoelhando-se, lhe oferece a mão.

“Você não vai me oferecer ajuda?” Polly pergunta, brincando.

“Ela é a novata,” Tyler responde, “e precisa de uma mãozinha.”

Caitlin aceita sua mão com prazer, esperando que ele não a interpretasse mal, ao tentar desembarcar; com apenas um grande passo, ele a levanta e ela salta até a terra firme. Não era uma tarefa fácil, e ela se pergunta como faria para voltar a embarcar.

Antes que Polly possa descer, Patrick surge de repente, corre até ela e estica o braço, oferecendo ajuda.

“Posso te ajudar, Polly?” Ele pergunta, esperançoso. Patrick fica parado na frente dela, com um grande sorriso, orelhas enormes e uma cabeleira vermelha - exatamente como Caitlin se lembrava de quando o tinha visto em Pollepel.

“Obrigada mesmo,” Polly responde, “mas eu me viro.”

Patrick vai embora decepcionado.

Caitlin acha graça das voltas do destino, lembrando-se de uma época em que era Polly a interessada em Patrick; agora, a situação claramente era outra.

Caitlin está feliz de estar em terra firme, rodeada de seus novos amigos, pronto para ver a cidade pela primeira vez à noite. Em sua primeira visita ali, ela havia se sentido desorientada; agora, ela se sente pronto para absorver tudo.

O grupo inteiro caminha em direção à multidão, e Caitlin fica bem ao lado de Polly, tomando cuidado para não se perder dela. Ela acha que não terá problemas, pois é difícil não enxergar o vestido rosa choque e branco de Polly – com máscara combinando. Polly estica o braço e segura na mão de Caitlin, ao serem empurradas para todos os lados no meio da multidão.

“Veneza é diferente de todos os outros lugares do mundo,” explica Polly. “A cidade está em decadência, mas ninguém se importa. Ela está afundando, literalmente, na água, mas ninguém parece se importar com isso também. Todos só estão interessados em se divertir; pessoas de todo o mundo vêm até aqui para juntar-se à festa, e para condenar nosso estilo de vida.” Polly dá de ombros. “Nós vivemos longe de tudo isso por ficarmos em nossa ilha – mas quando vimos aqui, sempre nos divertimos.”

Todos se dirigem até uma rua lateral, e chegam a uma praça grande, cercada por todos os lados de prédios com fachadas de mármore decoradas. É um lugar bonito, e a praça está completamente lotada de gente e iluminada por tochas.

Caitlin se questiona se em algum momento o número de pessoas nas ruas diminuiria, em qualquer lugar daquela cidade.

A praça dispõe de cafés em um lado, com centenas de pessoas sentadas em pequenas mesas, a maior parte vestindo fantasias e máscaras, bebendo xícaras de café, ou taças de vinho. O barulho de pratos pode ser ouvido de muito longe; cães circulam entre as pessoas, vasculhando o chão a procura de restos.

Ao atravessarem para o outro lado da praça, Caitlin vê que há diversas cabines de apostas: centenas de mesinhas, comandadas por caras durões, que movimentam pequenas conchas, oferecendo variados meios de aposta para vítimas desavisadas perderem seu dinheiro. Centenas de pessoas amontoadas em volta deles, apostando – e perdendo – todo o seu dinheiro.

Há uma confusão e gritos repentinos quando uma das mesas é empurrada com violência por um dos clientes, nervoso. Ele parte para cima do crupiê, e os dois lutam até o chão, batendo e chutando um ao outro, e a confusão começa.

Caitlin sente um puxão no braço, e segue Polly quando o grupo vira em outra rua lateral. Esta viela é estreita, e não permite que mais que algumas pessoas andem lado a lado, além de ser mais escura que as outras. Enquanto caminham, janelas de madeira se abrem acima deles em ambos os lados, e garotas não muito mais velhas que Caitlin, colocam as cabeças para fora, sorrindo abertamente e puxando os vestidos para baixo, apenas o suficiente para mostrar os seios.

Caitlin fica chocada.

“Quer se divertir?” uma das garotas grita.

“Ei docinho!” a outra grita.

“Estou à venda!” dispara outra garota.

Caitlin sente-se mal que garotas de sua idade sejam forçadas a trabalhar daquela forma, e se espanta com a injustiça do mundo; algumas coisas pareciam nunca mudar.

Eles chegam até outra praça, esta repleta de malabaristas, engolidores de fogo e todos os tipos de jogos. A música no local é ainda mais alta, e um bando de artistas toca violões enquanto um coral os acompanha.

“Bebida? Bebida?”.

Uma jarra de vinho é enfiada embaixo do nariz de Caitlin, à medida que alguns vendedores cercam o grupo, empurrando-lhes seus produtos.

Ela tenta empurrá-los, mas eles não param de se aproximar. Polly se aproxima e os empurra com força, e eles finalmente vão embora.

“É a única maneira de lidar com eles,” diz ela.

Caitlin se espanta com a brutalidade do lugar; a cidade parece ser uma grande confusão.

Ao se dirigir para o meio de um grupo ainda maior, ela começa a se sentir claustrofóbica. À medida que o grupo continua a aumentar, locomover-se se torna mais difícil, com pessoas chegando ali vindas de todas as direções. E pior, o cheiro é quase insuportável. Ela tem a impressão que nunca tomavam banho, e que o máximo que faziam era usar um pouco de perfume barato para disfarçar o cheiro, e isso claramente não funcionava.

Caitlin olha para o lado, vê Polly retirar um pacotinho do bolso e levá-lo até o nariz.

“O que é isso?” Caitlin pergunta.

Polly olha para ela, e percebendo que Caitlin não tem um, enfia a mão no bolso e lhe dá um pacotinho. A sensação dele nas mãos de Caitlin é estranha, como uma pequena bolsinha de seda, cheia de pot-pourri.

“Segure isso perto do seu nariz,” Polly ensina, “ajuda um pouco.”

Caitlin ergue a bolsinha e sente alívio imediato.

Ao invés do cheiro de pessoas, ela sente o cheiro de rosas e perfume.

“É realmente impossível atravessar Veneza sem isso.”

Caitlin observa a multidão e vê que os outros membros do coven também as estão usando.

O grupo finalmente sai por outra rua lateral e, enquanto caminham, veem que ela termina em uma pequena ponte para pedestres. Eles sobem mais ou menos 15 degraus, e então a ponte se aplaina sobre um dos canais da cidade. Caitlin olha para os dois lados, e vê o canal se perder entre as ruas estreitas da cidade de Veneza; ver água assim, no meio de uma cidade, é realmente incrível. É espantoso para ela o fato de que não teria sido possível continuar andando por aquela rua sem cruzar a pequena ponte.

Eles descem os degraus da ponte do outro lado, e viram em outra rua lateral até chegarem à outra praça. Esta praça é muito mais elegante que as demais, sendo cercada de grandes palacetes com fachadas ricamente detalhadas, portas entalhadas e enormes janelas. Caitlin se pergunta se é este o lugar onde vive a realeza.

Quando está prestes a perguntar para Polly onde estão, o grupo para em frente a um dos prédios mais bonitos, diante de uma grande porta de carvalho. Um deles ergue o braço e pega a aldrava de metal, ele bate ela na porta três vezes, e o som ecoa por toda a praça.

Dentro de alguns instantes um mordomo, vestido elaboradamente, abre a porta. Ele faz uma saudação e dá um passo ao lado, abrindo-lhes passagem.

“Bem na hora,” ele diz com um sorriso.

* * *

Caitlin entra em um palacete enorme e fica perto de Polly, observando tudo à sua volta, admirada.

O lugar é diferente de tudo que ela já tenha visto; o luxuoso palacete tem tetos altíssimos, pintados com afrescos e detalhes rebuscados, as paredes estão cobertas por telas pintadas a óleo e enormes espelhos com molduras douradas, um enorme lustre de cristal, pendurando no centro de sala, tem dúzias de velas que

iluminam a sala. Embaixo dos pés de Caitlin o chão é de mármore branco e preto, tão brilhante que ela quase consegue ver seu próprio reflexo. À sua frente há uma grande escada - também de mármore - que se divide ao meio virando para a direita e para a esquerda; o corrimão é ornamentado e há um tapete vermelho cobrindo os degraus.

A sala está cheia de gente; é um grupo diferente das pessoas que estão nas ruas – aqui, as pessoas parecem mais refinadas, elegantes e obviamente muito, muito ricas. Todas estão carregadas de joias – algumas das joias mais luxuosas e brilhantes que Caitlin jamais tinha visto. Suas fantasias são mais extravagantes, com mais detalhes, e todos usam mascaradas, algumas cobertas por joias. As gargalhadas deste grupo são mais sutis, e quase todos bebem em taças de cristal. A atmosfera é a de um coquetel exclusivo, e Caitlin tem a sensação de estar dentro de um museu chique. Há centenas de pessoas em pé, um mar de gente a perder de vista.

Há também música; em um canto da sala há um quarteto de cordas, e o som melódico do violino e do violoncelo ecoam pelas paredes. Este prédio é algum palácio do governo? Ou uma residência privada?

“Estamos no Palácio Doge,” Polly diz, lendo os pensamentos dela, enquanto puxa seu braço, conduzindo-a através da multidão. “Ele é o governante eleito pelos humanos. O palácio é usado pela família mais rica de Veneza, para festas. Eles governam esta cidade há anos.”

“Como ficaram tão ricos?” pergunta Caitlin.

“Sal.”

“Sal?” Caitlin pergunta, pensando ter ouvido mal.

“O sal costumava ser uma mercadoria valiosa. Houve um tempo em que ninguém na Europa o encontrava; e Veneza tinha sal em excesso. Você não viu a água; não sentiu o cheiro no ar? Está

tudo cheio de sal. É por isso que todos os prédios estão apodrecendo. A água salgada está corroendo seus alicerces. Quando os primeiros venezianos chegaram aqui, eles rapidamente perceberam que estavam sentados sobre uma mina de ouro. Tudo o que precisavam fazer era extrair o sal da água. É como cunhar dinheiro, e eles criaram uma fortuna maior do que eu e você podemos imaginar.”

Elas continuam abrindo caminho pela multidão.

“Mas a família está em decadência agora,” continua Polly. “Seu império está cada vez menor; os descendentes não são nada parecidos com seus ancestrais, mas alguns deles são até um pouco atraentes. Estou de olho em um em particular, Roberto – o neto. Ele tem mais ou menos a nossa idade, e ainda não foi transformado. Ele é maravilhoso,” ela diz, com os olhos brilhando. “Ele veste as roupas mais ultrajantes; acho que ele gosta de mim, também. Espero que ele me tire para dançar esta noite. Toda vez que o vejo, ele está gastando dinheiro em alguma coisa ridícula e luxuosa.”

Elas finalmente chegam ao outro lado da sala e Polly abre uma enorme porta. Quando ela faz isso, Caitlin fica boquiaberta.

“Como contratar Mozart,” Polly completa.

Ali, do lado oposto da sala, sentando em uma mesa de banquete imensa, está sentado Wolfgang Amadeus Mozart.

Usando uma peruca branca, e uma fantasia extremamente detalhada, ele é o único na sala que não está usando uma máscara – e o único que não precisa de uma: Sua personalidade é chamativa o suficiente. Baixinho, gordinho e muito pálido, ele senta atrás de um cravo, bebendo com uma mão e tocando com a outra. Quando ele repousa seu cálice, ele cai na gargalhada, e continuar tocando – agora com as duas mãos.

Apesar de toda a leveza do ambiente, sua música é intensa, espiritual – diferente de tudo que Caitlin já tinha ouvido. Na verdade, ela nunca – em toda sua vida, tinha ouvido um cravo. O instrumento tem um som metálico, e não muito alto – e ainda assim ressonava à sua própria maneira. Sua apresentação é engraçada, animada e divertida - muito parecida com o próprio artista; ainda assim, tem certa tendência, algo bastante profundo.

Quase cem pessoas já estão sentadas ao redor da mesa, e metade delas era de humanos. Há ainda em torno de cinquenta cadeiras vazias, e Caitlin se vê sendo levada até a mesa juntamente com seus companheiros de coven. Todos eles sentam-se juntos, preenchendo o restante da mesa, e os demais convidados erguem seus copos e os cumprimentam enquanto eles tomam seus lugares.

O grupo de Caitlin ergue seus copos, retribuindo o gesto, e ao pegar sua taça Caitlin percebe que ela já está convenientemente cheia de um líquido vermelho viscoso.

Caitlin se senta em uma confortável poltrona de veludo vermelho e relaxa, descansa os cotovelos nos braços da cadeira e examina sua taça. Ela é feita de um cristal muito fino, e o líquido vermelho é iluminado pelo enorme candelabro em cima da mesa. Ela sente que sabe do que se trata e, enquanto bebe, percebe que estava certa: era sangue. Ele cursa suas veias, energizando-a, e ela percebe que há algo mais misturado a ele – algum tipo de álcool. O álcool sobre direto para sua cabeça, e Caitlin começa a se sentir um pouco tonta. Ela também se sente relaxada, e se dá conta do quanto estava tensa desde que havia chegado.

Um prato de porcelana elegante é colocado à sua frente, e em cima dele há um pedaço de carne crua. Pratos semelhantes são colocados em frente a todos os seus companheiros de coven. O grupo de garçons desaparece e, mesmo antes que tenham partido, outro grupo aparece, servindo todos os tipos de carnes e iguarias. No centro da mesa há um porco inteiro, com uma maça na boca.

Há mais comida em cima desta mesa do que Caitlin jamais havia visto, e a cada Segundo outro empregado parece chegar com um novo prato. Isso tudo além das dezenas de garçons que circulam ao redor deles, constantemente enchendo os copos de todos os presentes. Eles enchem os copos do lado da mesa em que Caitlin está com o líquido escuro, e dos demais com algo que se parece champagne.

Caitlin gostaria de perguntar a Polly do que tudo aquilo se trata, por que estão ali, de quem é aquela casa, mas está hipnotizada por Mozart. Caitlin não entende de música clássica, não sabe como apreciá-la mas, mesmo assim é óbvio, mesmo para os leigos, que ele toca com habilidade e sentimento diferentes de qualquer outra coisa que todos ali já tinham presenciado. O homem está com tudo; música parece fluir de seus dedos, completando a atmosfera festiva. Igualmente espantoso é o fato de que ele ri e bebe enquanto toca, sem perder errar nenhuma nota.

Todos os presentes na mesa bebem e se divertem. As enormes portas permanecem abertas, e outras pessoas continuam a entrar e a sair; a festa chega até a sala onde eles estão, e os envolve. O ambiente não se parece uma sala de jantar formal, é mais como se uma mesa de jantar colocada no meio de um grande coquetel; Caitlin mal pode acreditar na grandiosidade do lugar.

“O que está acontecendo?” Caitlin finalmente pergunta a Polly. “Por que estamos aqui? De quem é essa casa? Eu achei que estivéssemos indo a um baile?”

Polly tem um pedaço de carne crua na boca, e suga o sangue dele, saboreando cada gota. Ela finalmente o repousa sobre o prato, parecendo revigorada e, limpando a boca, se vira para Caitlin.

“Estamos em Veneza, querida,” ela explica. “Nada jamais começa na hora marcada, e tudo é precedido por outra coisa. Nunca começaríamos um baile diretamente. Antes disso temos um jantar; e

antes disso, música; e antes da música, bebidas; e antes disso, jogos. A vida aqui não se resume a comparecer a um evento e depois ir embora. O negócio é fazer o evento durar a noite inteira.”

Caitlin já consegue pressentir que é esse o caso; ao olhar para cima, ela vê um grupo de artistas de circo se aproximar do outro lado da mesa, empurrando um carrinho com todos os tipos de bola em cima. Outro carrinho chega repleto de conchas; e, enquanto todos na mesa observam, eles embaralham as conchas.

“Aquele ali!” Alguém grita, esticando o braço e apontando um dedo para uma das conchas.

É uma mulher pesada, usando maquiagem em excesso, sentada no colo de um homem, e, enquanto grita ela estica os braços, empurrando uma enorme pilha de moedas de outro para o centro da mesa.

“Não, não, aquela ali!” Outra pessoa grita, empurrando sua própria pilha de moedas.

Após uma pausa dramática, o artista levanta a concha revelando que estava vazia. E mesa irrompe em gritos de divertimento.

A mulher que tinha dado o palpite certo recolhe suas moedas, e outras mais, e se inclina sobre o homem que a acompanha.

Caitlin observa as pessoas ao redor da mesa, e percebe que muitas mulheres estão sentadas no colo dos homens, algumas beijando-os apaixonadamente, em plena vista de todos. Ninguém parece se importar.

“Ele não é lindo?” Pergunta Polly.

Caitlin segue o olhar dela até a cabeceira da mesa, onde um garoto meio arrogante, aparentando ter 18 anos e de traços marcantes, está sentado. Ele tem cabelo castanho escuro, olhos

castanhos e barba feita, e um ar de quem tinha sido mimado durante toda a vida.

“É aquele ali,” Polly continua, “Robert.”

Polly tem razão: Ele está vestindo roupas maravilhosas e é muito atraente, mas não faz o tipo de Caitlin de maneira alguma. Robert parece ser convencido e usa sua máscara para trás, em cima de sua testa, enquanto segura seu cálice incrustado de joias. Várias mulheres atraentes estão em pé atrás dele, uma delas com a mão em seu ombro.

Ele de repente olha direto para Caitlin e, erguendo seu copo, faz um sinal com a cabeça.

“Ai meu Deus, você viu aquilo?” Polly pergunta. “Ele olhou bem pra cá! Você viu!? Acho que ele estava olhando para mim! Eu realmente estou torcendo para que dançemos esta noite!”

Caitlin sente um nó de nervosa em sua barriga.

Ela sabe, sem dúvida alguma, que Robert tinha olhado para ela, e não para Polly. Ela teme que ele esteja interessado nela e, caso estivesse, que Polly a odeie por isso. Ela sempre parece se colocar em situações como essa.

Caitlin se acomoda em sua confortável poltrona, ao perceber que a noite ainda demoraria a terminar. Por um lado, tudo aquilo é divertido; mas por outro, é um pouco exagerado. Um pouco demais. Decadente. Há um excesso de praticamente tudo – comida demais, vinho demais, muitas brincadeiras e muitas pessoas.

Tudo aquilo parece nunca ter fim.

Tudo o que ela quer é ver Caleb. Ela sente falta dele desesperadamente, agora mais do que nunca, com cada poro de seu corpo. Ela tinha imaginado que sairia esta noite, e que ao entrar no

baile o encontraria imediatamente. Todas essas bebidas, os jogos, esse jantar – tudo lhe parece uma grande distração que a impede de reencontrá-lo. Ela começa a ficar impaciente.

“E aí, quando começa o baile?” Caitlin pergunta.

“Ah, nunca antes da meia noite,” Polly responde distraída, ao dar mais um gole em sua taça de vinho.

Meia noite, Caitlin pensa. Ela olha para o outro lado da sala, onde há um relógio de pêndulo enorme, e vê que ele marca nove horas da noite.

Ela se prepara para uma noite verdadeiramente longa.

* * *

Caitlin está meio largada na poltrona, um pouco inebriada após as incontáveis taças de vinho, das gargalhadas histéricas à sua volta, e de prato após prato de comida ser colocado à sua frente. A experiência, um banquete hedonista, é diferente de tudo que ela já tinha experimentado. Caitlin mal consegue acreditar que tudo aquilo era apenas um aquecimento para o restante da noite.

Ela observa tudo atentamente, curiosa para saber como as pessoas se comportavam e sobre o que conversavam em 1790. Caitlin conclui que jantares eram experiências bem diferentes do que ela estava acostumada. Todos aqui interagem entre si, realmente valorizando a presença dos amigos, envolvendo-se em conversas interessantes. Ninguém está usando aparelhos de celular; ninguém está enviando mensagens de texto, ou checando mensagens de voz e páginas do Facebook. Telefones não tocam; não há barulhos de eletrônicos. Uma luz fraca de velas substitui a energia elétrica. Todo o ambiente parece mais relaxado, com um ritmo mais calmo, mais civilizado. As pessoas parecem não estar com pressa; todos parecem ter todo o tempo do mundo.

Talvez seja isso que aconteça, pensa ela, quando não temos tecnologia.

Ainda assim, não deixa de ser sofisticado: A porcelana, os cristais, a prataria, as roupas elaboradas, a refeição gourmet, vinhos vintage...

Tudo parece tirado direto de um restaurante gourmet do século XXI.

Ao mesmo tempo, as pessoas não parecem preocupar-se demasiadamente com sua saúde.

Elas já tinham ouvido falar em colesterol? Os convidados bebem e comem como se não houvesse consequências, como se o mundo fosse acabar de uma hora para a outra. E ela presume que a maioria deles nunca tenha visto uma academia – ou mesmo que soubessem do que se trata. É desconcertante.

Caitlin relaxa ainda mais, absolutamente satisfeita, e seus olhos começam a se fechar quando de repente o relógio começa a bater.

Todos ao redor da mesa se levantam, e Caitlin percebe que o relógio tinha batido meia noite.

Ao se levantarem, as portas duplas do outro lado da sala se abrem, dando acesso ao salão de baile.

Caitlin se levanta com os demais, Polly segura em seu braço, animada, e todos se dirigem, junto com os outros convidados, até o grande salão.

Mais e mais pessoas chegam, vindas de todas as salas do palácio, e, dentro de poucos instantes, o enorme salão de bailes está completamente lotado.

Esta grande sala é muito parecida com as demais: chão de mármore branco e preto, uma lareira enorme, lustres repletos de velas e

espelhos dourados em todas as paredes, refletindo a luz e dando a sensação de que a sala é ainda maior.

Centenas de pessoas já se encontram ali, com mais convidados chegando a cada minuto. O salão é tão grande, que Caitlin mal pode enxergar até o lado oposto. Ela estica o pescoço, procurando por Caleb, mas não adianta. Há um mar de corpos e, de qualquer forma, todos estão usando máscaras.

Caitlin está nervosa quando a música começa a tocar. Mozart, sentado do outro lado do salão em um pequeno palco, começa a tocar o cravo; ao seu sinal, violinos e violoncelos juntam-se ao ele. É uma valsa, animada e formal.

Todos ali sabem exatamente o que fazer. Todos, exceto Caitlin. Ela fica apartada, sentindo-se como uma idiota, enquanto todos se alinham perfeitamente em cada lado da pista. Ela olha para Polly, quase a perdendo de vista em meio ao grupo, e corre até o seu lado.

“Não se preocupe, é uma dança fácil,” Polly diz. “Eles sempre começam com as mais fáceis.”

O salão inteiro se movimenta em sincronia, com os braços para os lados, dando um passo para frente e então dois para trás, com meia volta para a direita e depois meia volta para a esquerda.

Caitlin tenta acompanhar, sentindo-se atrapalhada. Ela nunca tinha sido uma boa dançarina, e não fazia ideia do tipo de dança que estava tentando seguir. Sua única salvação é que o ritmo lhe permitia correr atrás dos demais.

Caitlin mais uma vez observa o grupo, esperando encontrar Caleb. Mas com todas aquelas fantasias e máscaras, é impossível dizer até mesmo quem é homem e quem é mulher.

Ocasionalmente, é possível ver o cabelo comprido na parte de trás, o que torna a identificação mais fácil, mas algumas mulheres usam os cabelos presos, escondidos por golas altas, e vestem roupas masculinas. E alguns homens, Caitlin percebe, por mais estranho que seja, usam vestido; ela consegue identificá-los apenas pela grossura das pernas. Será que não havia limites?

Caitlin está começando a pegar o jeito da música quando de repente ela para. Mozart, com uma gargalhada, começa a tocar outra, está com um ritmo muito mais acelerado.

Uma nova dança começa; quatro filas são formadas em lados opostos do salão, e todos foram pares, pegando nas mãos uns dos outros e dançando em círculos ao redor da pista.

“Ai meu Deus, ele está ali,” Polly diz, observando Robert dançar por toda a pista com uma loira peituda. Caitlin olha, mas não consegue enxergar o que Polly vê nele.

Patrick se aproxima rapidamente de Polly, remove sua máscara e sorri, estendendo sua mão.

“Aceita dançar comigo?” ele pede, esperançoso.

Ele bloqueia a visão que Polly tem de Robert, e ela esticou o pescoço para poder vê-lo, irritada.

“Talvez mais tarde,” Polly responde.

O sorriso em seu rosto se desfaz, e ele vai embora desanimado.

“Tenho que tentar conseguir uma dança com ele,” ela diz, e parte rumo ao grupo, na direção de Robert.

Caitlin fica ali, sentindo-se mais sozinha do que nunca, enquanto observa os rostos do salão de baile mais uma vez. As coisas não

estavam indo como ela havia imaginado; uma confusão de máscaras passa em frente dele, uma após a outra.

Como ela podia esperar encontrar Caleb? Cada vez mais, é difícil se lembrar de seu rosto. Ela começa a se perguntar se aquilo tudo realmente tinha acontecido. Com um nó no estômago, ela considera novamente a possibilidade dele não ter sobrevivido à viagem.

Caitlin tenta se concentrar para usar seus sentidos vampiros. Ela fecha os olhos e respira fundo, tentando bloquear toda a música, barulho e movimento. Ao ser empurrada, ela tenta ignorar tudo, pensando apenas em Caleb. Ela inspira fundo mais uma vez, esperando de alguma forma sentir sua presença. No fundo, ela pensa que seria capaz de detectar a presença dele se ele estivesse no mesmo lugar que ela.

“Caitlin?” Diz uma voz masculina repentinamente.

Caitlin abre os olhos animada, com o coração acelerado.

Diante dela há um homem vestindo uma máscara verde detalhada, que abre um grande sorriso. Será que tinha funcionado?

Caitlin retribui o sorriso, ansiosa.

Mas quando o homem remove a máscara, o coração de Caitlin se parte. Infelizmente, é apenas Tyler.

O velho Tyler de sempre, - mesmo depois de tantos séculos, ainda tentando convencê-la a sair com ele.

“Posso ter o prazer desta dança?” Ele pede.

Caitlin está irritada, ele tinha acabado com o momento.

“Não,” ela dispara, dando-lhe as costas.

Ela vê a decepção tomar conta do rosto dele enquanto ele se afasta.

Caitlin se sente mal, sabendo que não deveria ter sido tão rude com ele. Ele certamente não merecia isso; afinal, ele apenas a tinha convidado para dançar, e não tinha culpa. Mas ele a tinha interrompido em um momento ruim, e agora ela está se sentindo culpada.

Ao avaliar mais uma vez o salão, ela começa a ficar desanimada. Ela não consegue imaginar que encontraria Caleb neste lugar. E, obviamente, seus sentidos vampiros não a estão ajudando. Há muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo, muita coisa impedindo-a de se concentrar.

A música muda mais uma vez, e os convidados mudam para uma dança em que pares dançam sozinhos e depois trocam de parceiro depois de alguns passos. Enquanto observa, Caitlin percebe que esta é a oportunidade que ela estava esperando. Ela precisa se juntar à dança, atravessar o salão e dançar com o máximo de pessoas possível. Ficar ali parada não a estava ajudando em nada. Ela sabe, simplesmente sabe, que se suas mãos tocassem nas de Caleb, seria impossível não reconhecê-lo.

Determinada, Caitlin se dirige até a pista de dança com novo ânimo, segurando na mão do parceiro mais próximo, dando os três passos necessários e então trocando de par quando todos os outros fazem o mesmo, e pegando nas mãos do próximo.

As mãos que ela segura estão suadas, e ela pode sentir o cheiro de álcool embaixo de suas máscaras.

Ela dança sem parar, finalmente aprendendo os passos, trocando de parceiros tão rápido que de repente tudo fica confuso. Em certo momento, ela tem a impressão de ter dançado com uma mulher por engano. Todos continuam trocando de par, cada vez mais rápido, à medida que a música se acelera. Ela dança de um lado ao outro do salão, várias e várias vezes.

Toda vez, ela encontra uma nova mão, um ombro diferente. Uma volta, e um novo parceiro.

Parceiros baixos e altos, gordos e magros. Cada novo par exhibe uma máscara mais extravagante que o anterior; alguns são engraçados e a fazem rir, enquanto outros são mais sinistros.

Mesmo assim, nada de Caleb.

Finalmente, a música para. Caitlin, física e emocionalmente cansada, decide descansar em um canto do salão. Enquanto todos descansam, ela ergue sua máscara e seca o suor de seu rosto, sem fôlego e sentindo calor.

“Posso perdi-lhe o favor de uma dança?” Diz uma voz.

Caitlin se vira, esperançosa.

Mas não é Caleb – ela já sabe pela voz. Não, é apenas Robert, o duque.

Ele é a última pessoa com quem ela quer dançar. Não apenas por ele ser arrogante, mas, sobretudo, por causa de Polly.

Ele fica ali parado, olhando para ela com as bochechas coradas pelo excesso de vinho e com uma pena branca de vários centímetros – ridícula, - saindo de trás da máscara.

Desta vez, ela teria mais tato.

“Sinto muito,” ela responde, “mas estou dando um tempo.”

O rosto dele se enrubesce.

“Como ousa! Você realmente tem a audácia de recusar uma dança comigo? Não sabe quem sou? Afinal de contas, você é apenas uma plebeia. Faria muito bem em aceitar minha oferta – enquanto ela estiver de pé.”

Apesar de tudo, Caitlin cai na gargalhada. A situação a faz lembrar as diferenças gritantes entre o século XXI e o XVIII, das diferenças de classe que ainda existem. Este homem precisa passar um tempinho no futuro; agora ela está nervosa.

“Eu não dançaria com você nem por dinheiro,” ela responde secamente.

O rosto dele se transforma, indignado, e ele se afasta, batendo os pés. Provavelmente ninguém jamais havia falado com ele daquele jeito.

Bem, Caitlin pensa. Já estava mais do que na hora.

Caitlin precisa tomar um ar. O ambiente ali dentro está abafado, nenhuma janela está aberta e centenas de corpos em movimento criam uma tremenda onda de calor.

Ela começa a atravessar a pista de dança e, ao fazer isso, uma nova música começa; uma música mais lenta, mais romântica. Pares começam a se formar e Caitlin tenta ignorá-los, passando entre eles, mas é outra dança com trocas, e as pessoas não pedem permissão para dançar. Elas pegam quem está mais perto, dançam alguns passos juntos e então os deixam, e Caitlin se vê sendo agarrada e rodopiada. Não há como escapar.

Ela desiste, decidindo que dançaria até o outro lado do salão uma última vez, e então se dirigiria até a saída. Ela troca de um parceiro para outro, segurando em suas mãos e depois as soltando.

E então, acontece. Quando suas mãos tocam as de seu último parceiro, uma corrente elétrica atravessa seu corpo.

As mãos dele, a energia dele. Ela pode sentir da cabeça aos pés.

Ela olha para cima com cautela. Ele está usando uma máscara imponente, na cor dourada da realeza, e ela não consegue ver seus

olhos. Mas seu corpo a diz que sim.

Ela fica sem ar, e tudo em volta dela parece parar.

Tem que ser Caleb.

Mas ao abrir a boca para falar, outro dançarino a leva embora, girando seu corpo na outra direção.

Ao mesmo tempo, uma mulher segura nas mãos dele, e o levam na direção oposta.

Caitlin tenta se desvencilhar, mas ele é muito alto e forte. Quando finalmente consegue se livrar dele, ela já está do outro lado do salão, procurando desesperadamente por Caleb. Ela olha para todos os lados, procurando a máscara dourada, mas ele não está em lugar algum, tendo se perdido em um mar de corpos fantasiados.

Desesperada, Caitlin atravessa o salão, empurrando todos em seu caminho, determinada a encontrá-lo.

Ela repete o processo diversas vezes, cruzando todo o salão, de um lado ao outro.

Finalmente, depois de quase uma hora, ela está exausta. Ele não se encontra em parte alguma. Se tinha sido ele, já tinha ido embora.

Ou ela tinha imaginado tudo?

Caitlin coloca as mãos no joelho, ergue a máscara, e respira. Ela não consegue mais suportar, é demais.

Ela corre até a porta mais próxima e continua correndo, pelo hall de entrada e por outra porta.

Finalmente, ela está do lado de fora, na praça, respirando o ar puro. Ela tira sua máscara e é tomada pela emoção.

E chora descontroladamente.

* * *

Um sino toca e Caitlin olha para a gigantesca torre do relógio, do outro lado da praça, e vê que é quase quatro horas da manhã. Ela não acredita que está na rua até essa hora. Se estivesse em casa, nos tempos modernos, e esta fosse uma noite durante a semana, sua mãe a mataria. Aqui, ninguém parece se importar. Havia muitas adolescentes dentro daquele salão, e ainda há muitas delas aqui na praça, em plena madrugada.

Caitlin está exausta. Ela quer apenas ir para casa, voltar para a ilha de Polly, e se jogar na cama. Ela precisa dormir, organizar seus pensamentos e formular um plano para encontrar Caleb – se ele estiver vivo. Ela tinha sido tola, ela percebe agora, em acreditar que poderia encontrá-lo em um baile. Mesmo que aquele tivesse sido ele, ele definitivamente não estava mais ali.

Ela precisaria voltar para o baile, encontrar Polly, e perguntar se ela está disposta a partir. A última coisa que ela gostaria de fazer é ter que esperar horas e horas até que Polly estivesse pronta para ir embora. E ela não tem outra maneira de voltar para a ilha – ou qualquer outro lugar para ir.

Caitlin volta para o salão de baile e fica um pouco aliviada ao ver que está esvaziando um pouco. Metade das pessoas já tinha ido embora, e mais pessoas estão indo embora a cada minuto.

Caitlin encontra Polly, por sorte, e fica preocupada ao vê-la chorando. Ela se apressa para o seu lado.

“O que há de errado?” Ela pergunta. “O que aconteceu?”

“Robert,” Polly diz. “Pedi a ele que dançasse comigo. A princípio, ele disse não, depois mudou de ideia e dançou comigo, mas foi como se ele não quisesse realmente dançar. Ele estava dançando muito

rápido - como se estivesse com pressa - e me jogava de um lado para o outro. Ele me fez tropeçar, e me chamou de desastrada. Depois zombou de mim e fez as pessoas rirem. Estou tão envergonhada,” ela diz, chorando.

Caitlin fica vermelha de raiva; se ela precisava de mais um motivo para odiar Robert, esse tinha sido ele.

“Podemos ir embora?” Polly pede. “Quero ir para casa.”

Caitlin fica aliviada ao ouvir essas palavras, mas depois de ouvir aquela história, ainda não estava pronta para partir.

“É claro,” ela diz, “mas você pode me dar um minutinho?”

Polly diz que sim com a cabeça, chorando, com a maquiagem escorrendo, e Caitlin atravessa o salão.

Ela identifica Robert com facilidade – ele é a pessoa mais fácil de identificar em todo o salão, com aquela pena branca enorme saindo por cima da máscara, um metro mais alto que todos os outros ali presentes. Ela o vê gargalhando enquanto dançar com várias garotas do outro lado da pista.

Caitlin vê um garçom passando, estica o braço e pega uma taça cheia de champagne, e se apressa até ele. Ela se aproxima por trás, e enquanto ele continua dançando, Caitlin finge tropeçar e derruba a taça inteira nas costas dele. Ela faz questão de derramar o líquido em seu pescoço, para ter certeza de molhar a pele dele. Robert dá um grito, e sai pulando pelo salão, saltando de um pé para o outro, à medida que o líquido escorre por suas costas.

Caitlin se enfia no meio da multidão, se escondendo dele. Robert grita sem parar, procurando o ofensor, mas é inútil: As garotas ao redor dele não conseguem parar de rir. Caitlin, satisfeita, larga a taça e volta para perto de Polly.

O salão agora está quase vazio, uma nova música começa, uma música lenta e romântica, provavelmente a última da noite, pensa Caitlin.

Ela olha à sua volta e vê Mozart ainda tocando, com suor escorrendo pelo rosto, bastante pálido e com a aparência não muito saudável.

E é então que ela sente.

Os dedos em seu ombro. Uma descarga elétrica atravessando seu corpo.

Ela fica paralisada. Ele teme se virar e encará-lo; teme que seja realmente ele e que ela o perca novamente.

Bem devagar, ela se vira.

E ali está ele, com a mesma máscara dourada.

Com uma mão estendida, esperando pela mão dela. Ele a tinha encontrado. Para última dança da noite.

Com o coração disparado, Caitlin pega na mão dele, e ele coloca o braço ao redor de seu corpo.

Ela segura firme na mão dele desta vez, e coloca a outra mão em seu ombro, determinada a não deixar nada separá-los.

Eles valsam pelo salão e, a cada passo, ela sente que seu coração vai explodir de felicidade. Ela está tão feliz que ele esteja vivo, que tenha sobrevivido. Isso prova que tudo acontece por um motivo, que não importa o que aconteça entre eles, eles estão destinados a permanecerem juntos.

A dança continua, e o salão de bailes se esvazia. Finalmente, a dança termina e eles param, abraçando-se com força, nenhum deles disposto a soltar.

Finalmente, ele solta o corpo dela, ergue o braço, e se prepara para retirar a máscara. O coração de Caitlin bate tão forte que ela mal consegue pensar no que está prestes a acontecer. Ele remove a máscara e, então, Caitlin desmaia.

CAPÍTULO ONZE

Kyle voa acelerado durante a noite, dirigindo-se até Veneza. O padre tinha sido difícil – ele o tinha torturado por muito mais tempo do que havia previsto para conseguir arrancar-lhe as respostas que precisava, para descobrir onde Caitlin tinha ido. Mas no final, instantes antes de matá-lo, Kyle acabou vencendo. Ele sorri ao se lembrar.

Kyle mergulha em direção às ruas da periferia de Veneza. É um mergulho rápido e difícil, e ele escolhe uma rua escura, a rua que ele usava sempre que precisava visitar esse bueiro de cidade. Exatamente como ele se lembrava, o beco é imundo e extremamente escuro, dando-lhe a cobertura que ele precisa para aterrissar durante a noite.

Está tudo tão escuro que Kyle não consegue ver exatamente onde está indo, e aterrissa com um pouco de violência, acidentalmente caindo em cima de alguma coisa. A princípio ele se surpreende com a maciez do solo, mas quando ouve um homem gemer, ele percebe que está em cima de um mendigo que dormia no chão. O mendigo fica em pé, e olha para Kyle com raiva.

“O que você pensa que está fazendo?” Ele grita.

Kyle, já um pouco irritado, não deixa que o homem termine o que estava dizendo. Ele o chuta com força, arremessando o homem para o outro lado do beco. Ele bate com violência na parede, e cai inconsciente. Aquilo faz com que Kyle se sinta um pouco mais animado.

Kyle olha à sua volta e, satisfeito, percebe que mais ninguém tinha testemunhado sua chegada. Enquanto caminha pela rua, sente nojo daquele cheiro, da sujeira daquela cidade – e chega quase a ter pena da destruição do século XXI.

Kyle ajeita a camisa e entra na praça. Ele se encontra bem no meio da população de Veneza, e os imbecis humanos não fazem a menor ideia, enquanto dançam, cantam e brincam à sua volta.

Isso o irrita de forma inacreditável, e ele não consegue entender quais os motivos de tanta alegria; afinal eles são apenas um bando de mortais, sem nenhum propósito na vida, diferente dele. Nenhum deles tem a sua ambição, sua determinação em atingir seus objetivos, ninguém tão dedicado quanto ele.

Quanto mais as pessoas riem mais ele sente que estão zombando dele, e sua raiva aumenta. Ele escolhe um no meio do grupo, um palhaço particularmente feliz. Ele se aproxima por trás e o chuta com força na parte de trás do joelho, mandando-o ao chão. Suas bolinhas rolam pelo chão da praça.

O homem se vira e olha para os lados a procura da pessoa que o empurrou, mas não consegue identificá-lo no meio da multidão. Mas ao menos tinha parado de rir, pensa Kyle, com um pouco mais de ânimo.

Kyle abre caminho em meio ao grupo com seus cotovelos, atravessa a praça, e entra em outra rua estreita. Por fim ele chega até a beira da água e caminha ao longo das docas. O lugar está um pouco menos lotado.

E lá está ela, - exatamente como ele se lembrava: A Ponte dos Suspiros. Com apenas 20 degraus em cada lado, a pequena ponte de 10 metros é apenas alta o suficiente para permitir a passagem de pequenas embarcações. Ela fica em frente a uma prisão e, de cima dela, é possível observar prisioneiros sendo encaminhados ao presídio. A ponte tinha recebido esse nome, Kyle se recorda, devido aos "suspiros" dos parentes e amigos que ficavam sobre ela para assistir seus amados sendo levados embora. É um dos lugares preferidos de Kyle em Veneza.

Ainda mais importante, é exatamente o local onde deveria estar. Antes de rastrear Caitlin, ele quer primeiro causar confusão nesse lixo de cidade. Não só por que lhe causaria tremendo prazer, mas por que seria essencial para seu plano.

Ele precisa de uma distração, não quer ter que enfrentar todo o seu covem de frente, e sozinho; não quer arriscar ser cercado e perder a garota novamente. Ele precisa de reforços e, já que o Conselho havia se recusado a ajudá-lo, ele teria que criar um plano sozinho: O presídio. Quando ele abrisse as portas das celas, eles destruiriam toda a cidade. Isso seria mais do que suficiente para causar a distração que ele precisa para manter os humanos e os covens ocupados.

Kyle desce da ponte, atravessando o beco e uma grande porta até chegar até a grande construção onde fica a prisão.

Ele caminha pelo corredor de mármore, completamente vazio, e se dirige até um lance de escadas. Lá embaixo, ele sabe, - nas entranhas de Veneza, fica a prisão da cidade. Ele encontraria centenas de prisioneiros humanos que poderia soltar, para destruir a cidade - e até mesmo alguns prisioneiros de sua própria raça.

Vários policiais estão de guarda em frente à escada, e ficam tensos quando ele se aproxima. Um deles começa a erguer sua

baioneta. Mas Kyle não lhes dá a chance de reagir, saltando de repente pelo ar. Ele acerta um chute no peito de um deles, arremessando-o contra a parede. Em um turbilhão de velocidade, ele dá socos e cotoveladas nos demais, antes que possam reagir, arrancando a baioneta das mãos de um guarda e furando os outros com ela. Dentro de instantes, todos estão estirados no chão diante dele, mortos.

Kyle olha rápido para todos os lados, certificando-se de não ter sido visto, e desce as escadas. Esta certamente seria uma noite gloriosa.

CAPÍTULO DOZE

Ao abrir os olhos, Caitlin se vê olhando para o teto. Ele é alto, bem distante dela, e ela percebe que está repleto de afrescos. Caitlin está desorientada, e tenta identificar onde está. Ela sente que está deitada de costas, e tem a impressão de estar com a cabeça no colo de alguém. Imediatamente, ela se lembra.

Ela pisca os olhos algumas vezes, e olha para cima para ver quem é.

Mas é Polly que está sentada ali, olhando para ela, e não Caleb.

Caitlin se senta rapidamente e esfrega os olhos, tentando espantar o sono, enquanto olha à sua volta.

“Finalmente,” Polly diz, “pensei que fosse ficar apagada para sempre. O que aconteceu?”.

Caitlin olha ao redor da sala, observando as máscaras dos últimos convidados a deixar o baile, e sente uma pontada de medo

atravessar seu corpo.

“Onde está ele?” Caitlin pergunta.

“Ele quem?” questiona Polly.

Ela olha à sua volta mais uma vez. *Não. Isso não pode estar acontecendo. De novo não.*

Caitlin repassa tudo em sua cabeça, tentando se lembrar do momento em que ele tinha removido a máscara, o momento em que ela olhou em seus olhos.

Não tinha sido Caleb, e esse tinha sido o motivo de tamanho choque.

Não, Caleb não tinha aparecido, em nenhum momento durante o baile.

O homem olhando para ela, o homem com quem ela tinha dançado, com quem tinha sentido tanta ligação, era Blake.

E agora, ele tinha desaparecido.

Ela não consegue se perdoar. Por que ela tinha que ter passado mal? Por que coisas assim só aconteciam com ela, e nos piores momentos possíveis?

“Eu a vi desmaiar,” Polly diz, “e vi um rapaz segurá-la, e vim até aqui para ajudar.”

“E para onde ele foi?” Caitlin pergunta ansiosa.

“Quando você estava segura em meus braços, ele simplesmente sumiu.”

De repente, elas ouvem outra voz:

“Mas só por uns instantes.”

Caitlin se vira, e seu coração parece parar de bater dentro de seu peito.

Parado em pé um a alguns metros delas, está Blake, que remove a máscara lentamente. Ele a observa com a mesma intensidade de antes, com a mesma intensidade com que a tinha observado pela primeira vez, quando se conheceram.

As lembranças tomam conta de seus pensamentos. Ela se lembra de quando ficaram de guarda juntos em Pollepel, de quando ele havia tocado violoncelo, da noite na praia e de suas conversas – ela se lembra de tudo como se tivesse acontecido um dia antes. Ela se pergunta se ele também se lembra; o modo como ele a olha a faz pensar que sim.

Mas ao mesmo tempo, como isso seria possível? Isso tinha acontecido no futuro, e eles agora se encontram no passado. A não ser que ele tenha o poder de prever o futuro. Ela tem a impressão que todos os vampiros têm essa habilidade, uns mais do que os outros, então, ela pensa, seria possível que ele se lembre, ou na verdade, que consiga prever tudo.

“Sim,” ele responde, lendo seus pensamentos com precisão, “eu me lembro.”

Caitlin sente seu rosto enrubescer mais uma vez envergonhada por terem lido seus pensamentos. Ao mesmo tempo, fica emocionada pelo fato dele se lembrar.

Ele se lembra. De tudo. Ele realmente se recorda.

Só isso já é o suficiente para ela. Finalmente, ela tem certeza de que não está louca, e não se sente mais tão sozinha. Esta parece ser sua primeira ligação real com o século XXI, e ela finalmente não se sente

mais uma estranha, e não tem mais a sensação de que se nada do que viveu tinha acontecido.

“Caitlin?” Polly diz lentamente, desnorçada, olhando para Caitlin e para Blake sem conseguir acompanhar. “Você ainda não me apresentou seu amigo.”

Caitlin fica paralisada, sem saber como e o que responder.

“Hmm...” ela começa, e depois se cala. Ela tenta pensar em uma forma de explicar, mas não consegue decidir por onde começar. Então ela fica quieta, sem dizer nada, até que o silêncio começa a incomodar.

“Meu nome é Blake,” ele diz por fim, oferecendo a mão para Polly.

Polly aceita a mão dele, resabiada. Ele olha para Caitlin, que ainda encara Blake como se tivesse visto um fantasma. Caitlin está surpresa não apenas pela ligação com seu passado - mas também por sentir uma ligação com ele. Ela havia se esquecido de como ele era marcante.

“Está tudo bem?” Polly pergunta.

Caitlin balança a cabeça afirmativamente, ainda em choque. A sensação que tinha tido quando dançaram juntos, quando ela segurou em sua mão... Ela sabe que o sentimento é verdadeiro. Ela estava certa de que se tratava de Caleb, a ligação tinha sido forte demais. Como poderia não ter sido Caleb, e sim Blake? E como era possível que Caleb não tivesse comparecido durante toda a noite?

Uma vez que Caleb não tinha aparecido esta noite, apesar de sua busca incessante por ele, e da necessidade que sente de sua presença ao seu lado, Caitlin conclui que ele simplesmente não se encontra ali. Ela sente uma mistura de sentimentos, e seu coração se decepciona quando ela constata que Caleb realmente

pode não ter sobrevivido à viagem; ou que ele talvez tenha sobrevivido, mas acabou indo parar em outro lugar, em outra época.

Ao mesmo tempo, ela se sente animada pela ligação que tem com Blake. Há muitas coisas a serem ditas entre eles, e ela não sabe por onde começar. Por um lado, ela sente que está sendo infiel a Caleb apenas ao conversar com Blake, mas, ao mesmo tempo, tem a sensação de que Caleb não se encontra mais ali.

Polly olha para os dois, que também estão se encarando, e parece ficar incomodada.

“Caitlin,” ela fala, “Acho que você e eu devemos ir para casa agora. Já é quase cinco horas, a maioria dos convidados já se foi.”

Caitlin concorda, mas não diz nada, incapaz de parar de olhar nos olhos de Blake. Ele é tão lindo, tão perfeito e musculoso, com traços marcantes e pele perfeita. Seus olhos castanhos brilham, observando-a com uma intensidade que ela nunca tinha sentido antes.

“Na verdade, se você não se importa, eu gostaria de acompanhá-la um pouco,” Blake diz.

Polly começa a protestar, mas ele rapidamente completa:

“Não se preocupe – eu a devolverei em segurança.”

“Caitlin?” Polly pergunta. “É isso que você quer?”

É isso que eu quero? Ela pensa. Isso é o que ela quer mais do que qualquer outra coisa. Na verdade, naquele momento, ela não consegue se imaginar em qualquer lugar que não ao lado dele. Ela sente como se nem mesmo tivesse escolha, como se não quisesse ter escolha.

“Sim,” é tudo que Caitlin, finalmente, consegue dizer.

“Você sabe onde moramos?” Polly pergunta, como sempre, agindo como sua protetora.

Blake afirma que sim.

“É claro. Todos sabem, Isola di San Michele.”

Polly ainda se mostra relutante em partir.

Por fim, Blake dá um passo a frente, e oferece a mão para Caitlin.

Caitlin hesita por um segundo, e então coloca sua mão sobre a dele.

CAPÍTULO TREZE

Caitlin se senta na gôndola, e Blake se posiciona atrás dela, remando gentilmente pelos canais estreitos dentro da cidade de Veneza. É bastante tarde, e a cidade parece dormir, em completo silêncio enquanto a escuridão toma conta de tudo à medida que as tochas vão se apagando. A única coisa que continua iluminando a cidade é a imensa lua no céu acima deles, e eventuais lâmpadas nos parapeitos das janelas. Caitlin ouve apenas o som da água batendo no casco da gôndola e o barulho dos remos de Blake, ao cortarem a água; - tudo muito calmo e romântico.

Este é um lado de Veneza completamente novo para Caitlin, calmo e vazio. Esta é a parte interna da cidade, com seus canais estreitos e sinuosos, assim como as ruas e becos, mas sobre a água. A cada cem metros, ela e Blake têm que abaixar as cabeças para não batê-

las nas pequenas pontes para pedestres. Os canais são tão estreitos, que mal há espaço para que duas gôndolas naveguem lado a lado.

Caitlin olha para cima, e vê os interiores das casas construídas na cidade. Todas elas têm portas que se abrem diretamente sobre a água, e a maioria tem gôndolas amarradas em frente delas. Bem no alto, varais exibem roupas expostas para secar. O interior da cidade, onde vivem os nativos, parece calmo e antiquado.

Caitlin se pergunta sobre o que Blake está pensando enquanto navegam juntos em silêncio. Ele é um dos homens mais silenciosos que ela já tinha conhecido, e ela sempre tem dificuldades em deduzir seus pensamentos. Eles já estavam em silêncio há bastante tempo. Por um lado, ela tem milhares de perguntas que gostaria fazer; mas, por outro lado, estranhamente, ela se sente confortável com o silêncio. Ela não sente a necessidade de falar para se sentir confortável quando está perto dele, e percebe que ele sente o mesmo. Ela se lembra do tempo que passaram juntos em Pollepel, do silêncio daquele dia. Nada havia mudado – séculos poderiam passar, mas as pessoas seriam sempre as mesmas.

E ela não vê problema algum nisso. Caitlin está feliz em simplesmente estar ao lado dele, dando essa volta. Ela fecha os olhos, respira o ar salgado e se esforça para impedir que o momento se acabe – um passeio de gôndola sob a luz do luar em Veneza. O que mais ela poderia desejar? Mas, finalmente, algumas perguntas surgem em sua cabeça, e ela não consegue deixar de perguntar. Respirando profundamente e esperando não estragar o momento, Caitlin finalmente pergunta:

“Do quanto você se lembra?”.

A pergunta paira no ar por um tempo que parece interminável, tanto tempo que Caitlin começa a se perguntar se ele a teria ouvido, se ela teria mesmo feito a pergunta. Por fim, ela ouve a resposta dele:

“O suficiente.”

Caitlin não entende o que ele quer dizer. Esse é Blake, sempre tão enigmático, nunca dizendo mais do que o necessário.

“Você se lembra de Pollepel?” ela pergunta.

Mais uma vez, o silêncio. E então:

“Eu não chamaria isso de lembrança,” ele responde. “É mais como uma previsão do futuro. Como ver como seria uma vida. Eu vejo tudo, intelectualmente; mas nunca vivi essas experiências.”

“Então...” Caitlin pausa. “Você consegue ver o tempo que passamos juntos?”

Ele pensa um pouco.

“Algumas partes,” ele responde. “É mais como uma impressão. Eu tenho a forte impressão de tê-la conhecido em algum outro momento, mas, os detalhes... São um pouco confusos. Creio que é assim que deva ser. Afinal, devemos começar de novo a cada dia, não é mesmo?”

“E qual é a impressão que você tem?” ela pergunta.

Ela não consegue vê-lo, já que ele está atrás dela, remando, mas ela acredita que, no silêncio, pode ouvi-lo sorrindo.

“Muito positiva” ele responde. E então completa, “Dizem que há determinadas pessoas destinadas a encontrarem-se, várias e várias vezes, em cada encarnação, em qualquer lugar.. Eu sinto isso em relação a você.”

Caitlin sabe exatamente o que ele quer dizer. Ela também sente o mesmo. Não é uma questão de amor – é algo mais forte. Destino. Carma. Inevitabilidade. O estar destinado a ficarem com alguém, querendo ou não. É como um momento mágico em que o universo força caminhos a se cruzarem, sobrepondo-se ao livre arbítrio.

O momento na vida em que a vontade própria deve submeter-se a algo maior, mais importante, - o destino. E isso, Caitlin pensa, é ainda mais forte que o amor. O amor, o verdadeiro amor, só se pode sentir por uma pessoa em cada vida, e é algo que ela não pode se dar ao luxo de perder. Mas o destino – ela sente que seu destino está ligado ao de várias pessoas, e que ela não tem escolha a esse respeito.

Ela tem receio de fazer a próxima pergunta, e seu coração bate acelerado.

“Você sabia que eu estaria aqui esta noite?” ela pergunta.

Há um longo silêncio, até que ele finalmente responde:

“Sim. É por isso que vim.”.

“Estamos destinados a ficar juntos nesta vida?” ela quer saber.

“Não sei,” ele responde, “mas sei que quero ficar com você.”.

Ao fazerem uma curva, o pequeno canal se abre, chegando ao enorme canal central. A lagoa se abre diante deles, suas águas azuis obscuras, devido à névoa que paira sobre tudo, fazem o brilho do luar parecer surreal.

Caitlin se sente confusa, as emoções tomam conta dela, e ela tem dificuldade em se lembrar dos motivos que a tinham levado a viajar no tempo. Está cada vez mais difícil pensar em Caleb. Ela estava determinada a encontrá-lo, mas, agora, mais do que nunca, tem certeza que ele não está ali. Então, por que ela tinha vindo? Será que ela estava destinada a encontrar Blake? A ficar com ele?

Blake encosta o barco ao longo de uma doca, o amarra, e se senta ao lado dela. O dia está amanhecendo, e o céu começa a clarear em uma mistura de cores. Ela se vira e olha para ele, feliz em finalmente poder fazer isso.

“O tempo é algo muito precioso,” ele fala, “parece durar para sempre, mas nunca o faz. A vida dá voltas e reviravoltas muito rapidamente; podemos estar juntos em um momento, e no minuto seguinte, separados para sempre.”

Ela considera o que ele disse, e percebe que ele tem razão.

“É irônico,” ela diz, “que para uma raça imortal como a nossa, o tempo seja algo tão raro.”

Ele a olha com intensidade quase incontrolável, e ela devolve o olhar, tomada pela emoção.

“Moro em um palácio no interior,” ela diz, “e quero que venha comigo.”

Caitlin não sabe o que dizer, e fica sem reação. Seu coração bate acelerado dentro do seu peito, e ela sente a boca seca. Ela não tem forças para dizer não. Ela sente como se estivesse fora do seu corpo, assistindo a tudo acontecendo, como se fosse apenas uma passageira indefesa.

Blake de repente se inclina na direção dela, e ela sabe que ele está prestes a beijá-la. Ela fica tonta e não se mexe, apenas fecha os olhos. E então, alguns segundos depois, ela sente lábios macios encostarem-se aos seus. E é aí que ela ouve o barulho. Ambos se afastam, virando-se ao mesmo tempo. Ali, andando na beira do píer, um jovem casal balança a criança que está entre eles. A criança praticamente exala alegria, e seus pais parecem radiantes. Eles estão se dirigindo a um barco, apenas a alguns metros de Caitlin e Blake e, ao se aproximarem, o pai se vira e olha na direção deles.

O coração de Caitlin se aperta.

O homem deve ter se surpreendido ao ver Caitlin também, pois seu grande sorriso desaparece, ele solta a mão da criança lentamente, e

se vira para olhar diretamente para ela.

A mulher ao lado dele, uma ruiva alta, se vira e também encara Caitlin.

Blake, surpreso e sem compreender, olha para um lado e para o outro, tentando acompanhar o que está acontecendo.

O mundo de Caitlin acaba de virar do avesso.

Parado a apenas alguns metros, está Caleb.

CAPÍTULO CATORZE

Caitlin se reclina dentro do pequeno barco, observando o amanhecer, desejando poder desaparecer. Ao se dirigirem ao centro do grande canal, cercados de água por todos os lados – uma parte dela gostaria apenas de continuar se afastando, em direção ao horizonte até que desaparecessem da terra. Ela está tão triste, tão confusa... Ela quer apenas dormir e nunca mais ter que acordar.

Ela nunca se sentiu tão sozinha. A pessoa remando não é Blake, ou Caleb, mas um completo estranho, um gondoleiro que ela tinha encontrado no píer, e contratado para levá-la de volta até a ilha de Polly. Por sorte, Polly tinha lhe dado dinheiro mais cedo, caso ela precisasse. Blake tinha insistido para levá-la até sua casa, mas ela havia recusado. Seus sentimentos por ele eram fortes demais, e depois de ver Caleb, a ideia de ficar em um barco com ele por mais um segundo era insuportável. Ela precisava de um tempo para organizar seus pensamentos, processar tudo que havia acontecido.

A ironia de tudo é que, se não tivessem encontrado Caleb naquele exato momento, Caitlin tem certeza que ainda estaria na gôndola com Blake, talvez a caminho de seu palácio. Eles provavelmente teriam tido uma noite maravilhosa, uma que ela nunca teria esquecido, não importa por quanto tempo vivesse. Se ela não tivesse encontrado Caleb naquele momento, provavelmente teria passado o resto de sua vida com Blake.

Mas obviamente não era isso o que estava planejado, não era esse seu destino.

Não. Naquele exato momento, no momento exato em que os lábios de Blake se encostaram aos seus, justo na hora em que ela tinha finalmente desistido de encontrar Caleb, o destino fez com que ele cruzasse seu caminho. Ele tinha dado um passeio de barco matutino com sua esposa, e com o filho deles. Eles tinham acordado cedo, o garoto estava eufórico, ansioso para o passeio de barco, para o passeio daquela manhã. Por que ela tinha que ter percebido sua presença? E por que ele tinha percebido a sua? E por que tudo tinha acontecido bem no momento em que os lábios de Blake tocaram os seus? Ela não só está mais confusa do que nunca em relação a Blake, mas agora também se sente como uma traidora, como se tivesse feito algo horrível para Caleb. Por que a vida tinha que ser tão cruel?

Ao rever Caleb, depois de superar o choque inicial, sua culpa por beijar Blake, sua primeira reação tinha sido de felicidade, alegria por ele estar vivo, e naquele lugar e época. Ela tinha saltado para fora do barco de Blake sem pensar, quase tropeçando, e tinha corrido pelo píer, na direção dele, e parado a poucos metros de distância.

Ela tinha olhado para ele, e ele para ela. A princípio, ela podia jurar ter visto algo como reconhecimento no rosto dele. Mas no momento seguinte, seu rosto tinha se contorcido, mostrando espanto. Ele continuou a encará-la, mas não com um olhar de amante, ou mesmo de amigo. Seu olhar era o de alguém que observa uma

pessoa que acredita ter conhecido em algum momento, sem saber exatamente de onde, ou de quem se trata.

“Quem é essa moça, papai?” O garoto, com mais ou menos dez anos, tinha perguntado, puxando a manga de Caleb.

Caleb o tinha ignorado, encarando Caitlin. Finalmente, Caleb, ainda olhando para Caitlin, havia dito:

“Eu não sei, Jade.”

Caitlin pôde ver pela voz dele, por sua postura, que ele realmente não sabia quem ela era. E era isso que a tinha magoado mais que qualquer outra coisa, causando mais dor que se a tivessem matado um milhão de vezes. Ali estava ela, depois de ter viajado no tempo apenas para salvá-lo, depois de ter arriscado sua própria vida por ele, e perdido o filho deles – e por qual motivo?

Por um lado, tinha dado certo – ele estava vivo e bem em outra época e, por esta razão, ela sente tremendo alívio.

Mesmo assim, ele não a conhecia mais. Aiden a tinha avisado sobre isso. Ele havia dito que a viagem no tempo era imprevisível. Blake, que ela mal conhecia, tinha se lembrado dela. Mas Caleb, que ela amava mais que qualquer outra coisa, não tinha. É tudo muito cruel.

A princípio, ela tinha torcido para que Caleb apenas precisasse de mais tempo para se lembrar – mas enquanto permanecia parada ali, olhando para ele, sem conseguir identificar um olhar de reconhecimento, ela começou a se sentir cada vez mais tola.

“Sinto muito, mas eu a conheço?” Ele tinha enfim perguntado.

Sera havia se aproximado e parado ao lado de Caleb, sua eterna protetora. Ela parecia mais feliz, mas relaxada do que Caitlin se lembrava. É claro que sim, a mulher estava vivendo seu auge,

com seu marido, e seu filho ainda estava vivo. Ela ainda não tinha se tornado a Sera amarga que Caitlin havia conhecido no futuro.

“Caleb?” Caitlin havia dito, lentamente, ainda com esperanças, mesmo enquanto seu coração já se partia em mil pedaços. “Sou eu, Caitlin.”

Caleb olha para ela por um segundo, e por fim balança a cabeça negativamente.

“Lamento muito,” ele diz, “mas receio que não a conheço.”

Caitlin vê a mão de Sera no braço de Caleb, enquanto ela impacientemente tenta encaminhá-lo de volta até o barco. Sera obviamente também não se lembra dela; mas ainda assim, parece estar bastante desconfortável com a situação. Possessiva e ciumenta, como se pressentisse algo. Algumas coisas nunca mudam, pensa Caitlin.

“Caleb,” Sera havia dito, “precisamos ir.”

E com essas poucas palavras, Caleb, sua esposa e filho haviam entrado no barco e, com algumas remadas fortes, afastaram-se do local. Enquanto avançavam pelo canal, Caleb tinha se virado para trás uma vez e olhado para ela. E então olhou para frente de novo.

Blake tinha se aproximado de Caitlin, e ficado parado ao seu lado. Caitlin, mais envergonhada do que nunca, não sabia o que dizer.

“Quem era ele?” Blake pergunta.

Ela não sabia como responder, e se irritou por Blake não se lembrar dele também. Nossa memória é assim, tão seletiva? E como ela poderia responder a sua pergunta? Quem era ele?

Agora, sentada no barco, sendo levada em direção ao horizonte - rumo à ilha de Polly, ela repassa tudo em sua cabeça diversas vezes. Seu tempo junto a Blake, à dança deles, o passeio de gôndola, o beijo, o encontro com Caleb... Tudo parece se misturar, e ela tem dificuldade em separar os fatos. Por que tudo tinha que ter acontecido ao mesmo tempo? Ela se sente estranha e desorientada, se perguntando se toda aquela viagem teria sido inútil. Agora que o havia encontrado, que tinha visto que ele está com Sera, e que os dois têm um filho juntos, qual o motivo para continuar? Ela perde as esperanças, completamente deprimida, e também se sente estúpida. É claro, ela sabe, Caleb tinha tido um casamento feliz no passado, e eles tinham tido um filho juntos. Ela só não esperava que fosse agora, neste exato momento do tempo.

Bem na hora em que ela estava prestes a se reunir a ele.

Ele é casado, e tem um filho. Ela tem que aceitar isso, uma coisa tão sagrada. Ele é comprometido. A simples ideia lhe causa mais dor que qualquer outra coisa, mas ela simplesmente tem que aceitar os fatos. É uma ligação através do casamento e, independente do que pudesse ter acontecido no futuro, ela não pode interferir. Ela terá que desistir dele.

Se esse for mesmo o caso, qual o propósito de sua viagem no tempo? Seria mesmo encontrar seu pai, como o padre havia dito? Caleb teria sido apenas uma isca para que ela seguisse aquele caminho? Ou talvez seu destino fosse ficar com Blake? Seria por este motivo que ela tinha voltado? Como se o destino lhe tivesse pregado uma peça?

Por um lado, já que Caleb está comprometido, não haveria problemas se ela decidisse ficar com Blake. Mas uma parte dela ainda ama Caleb, anseia por ele. A ideia de ficar com Blake ainda, apesar de tudo, lhe parece desleal. Desleal a quem? Ela se pergunta.

Por que ela nunca tinha considerado que as coisas pudessem dar tão errado? Ela tinha imaginado a possibilidade de nunca encontrar Caleb. Mas nunca tinha considerado a hipótese de que algo ainda pior pudesse acontecer: que ela o encontraria, mas que ele estivesse com outra pessoa. E que nem mesmo se lembrasse dela. Ela poderia ter previsto isso. Mas se tivesse, talvez tivesse feito tudo de maneira diferente.

O dia já está começando, e tons de vermelho e laranja tingem o céu, iluminando a lagoa e a água. Caitlin se dá conta de que tinha ficado acordada a noite toda, e agora um novo dia está começando de novo.

Ela vê a ilha no horizonte, e sabe que em breve estará em casa. Mas uma parte dela gostaria que não fosse assim. Uma parte dela gostaria apenas que o barco continuasse em frente, até desaparecer da face da terra.

CAPÍTULO QUINZE

Caitlin corre. O sol está alto enquanto ela corre em meio a um campo de flores, milhares de rosas, incrivelmente altas, que chegam até sua cintura. Elas são de cores diferentes, vermelhas e rosas, brancas e amarelas, e batem suavemente em suas pernas enquanto ela corre.

Surpreendentemente, elas não têm espinhos, e a sensação delas em suas pernas é macia e seu perfume preenche o ar.

No horizonte está seu pai, mais alto do que nunca, mais perto do que ela se lembrava. Ela quase consegue identificar os traços de seu rosto e, à medida que corre, sente como se estivesse prestes a alcançá-lo.

Mas ao olhar para baixo, o campo de flores tinha desaparecido, sendo substituído por uma pequena ponta dourada. Seu pai também desaparece, e no horizonte ela vê uma cidade, com prédios baixos, todos com telhados vermelhos. A pequena ponta dourada eleva-se como um arco, e desce no lado oposto.

Ela a atravessa correndo, e sob seus pés, ela vê a água transparente como um cristal, com um brilho azul. Ao atravessar a ponte, quando está prestes a entrar na cidade, seu pai aparece mais uma vez, nos portões da cidade. Ele está em pé do lado de dentro, e quando ela corre até ele, duas portas imensas aparecem no meio da rua, bloqueando sua passagem.

Ela sabe que é impossível atravessá-las. As portas são altas, três vezes a sua altura, e ao parar diante delas, ela se surpreende ao ver que são feitas de ouro maciço. As portas são detalhadamente entalhadas com belas ilustrações, ilustrações que ela não consegue compreender. Ela sabe que seu pai está atrás delas, do outro lado. Ela sabe que se conseguir abrir as portas, poderá alcançá-lo, que ele está esperando para poder abraçá-la.

Ela procura em todos os lugares possíveis, mas não encontra a maçaneta. Ao invés disso, ela estica o corpo, passando os dedos ao longo das figuras douradas esculpidas. Ela sente o contorno suave, e se surpreende com a profundidade dos detalhes, como em uma obra de arte.

"Caitlin," diz uma voz. Ela sabe que se trata da voz de seu pai. É uma voz profunda e suave, muito relaxante. Ela anseia por ouvi-la de novo.

"Estou esperando por você," ele diz, "abra a porta."

"Eu não consigo" ela grita, desesperada.

"Caitlin!"

Caitlin abre os olhos e vê Polly parada sobre a cama dela, chacoalhando-a. Caitlin acorda, desorientada. Aquela voz tinha sido de seu pai? Ou era a voz de Polly?

Ela se senta e olha ao seu redor, procurando pelo pai. Mas tinha sido apenas um sonho. O sonho tinha sido vívido, como um encontro.

Sentada, ela esfrega os olhos, e se retrai por causa da luz do sol que entra pela janela. É dia.

Ela tenta se lembrar. Quando ela tinha adormecido? Ela tinha dormido o dia todo?

Rose se aproxima, lambendo seu rosto.

"Que horas são?" Caitlin pergunta, sonolenta.

"Já estamos no fim da tarde," Polly diz, "você dormiu quase o dia todo. Eu não quis acordá-la. Deixei que dormisse o máximo possível, mas, agora, a maior parte do dia já se foi, então pensei que não houvesse problema em acordá-la. Você dormiu o suficiente, certo? Estou morrendo de vontade de conversar com você. Como foram as coisas a noite passada? Blake te trouxe até aqui? Vocês se divertiram?"

Como sempre, Polly dispara pergunta atrás de pergunta, mal dando tempo para que Caitlin consiga pensar. Ela não sabe qual pergunta responder primeiro.

"Eu não voltei para casa com ele," ela responde, "resolvi voltar sozinha. Contratei um barco para me trazer até aqui."

Polly arregala os olhos de raiva.

“O que aconteceu?” A expressão dela é sombria. “Se ele por acaso te abandonou lá, juro que irei matá-lo...”

“Não, não,” Caitlin diz, “não é nada disso; ele queria ter me trazido de volta. Pedi a ele que não no fizesse.”

“Por quê?” A expressão de Polly se transforma mais uma vez. “Ah, entendi,” ela diz, “as coisas não deram certo? Você não gosta dele? Por que, o que foi que ele disse? O que aconteceu?”

“Não, não é nada disso também,” Caitlin diz.

Ela se levanta, esticando as pernas, precisando respirar um pouco, processar tudo aquilo. Ela gostaria de poder responder a pergunta de Polly, mas ela mesma não sabe as respostas.

“Acho que eu só... precisava de mais tempo,” ela responde, “para pensar sobre tudo que aconteceu, entende? Na verdade eu... eu... encontrei outra pessoa a noite passada... alguém que eu costumava conhecer.”

Polly hesita.

“Aquele tal de... Caleb que você mencionou?”

Caitlin desvia o olhar, com o coração apertado simplesmente ao ouvir o nome de Caleb.

“Sim,” Caitlin responde, afinal.

“E aí? O que aconteceu?”

Caitlin pensa. O que tinha realmente acontecido?

Ela mal pode acreditar em tudo aquilo; que Caleb não se lembrava dela. A sensação era como a de um punhal atravessando-lhe o coração. E vê-lo junto à Sera, tão feliz... É mais do que ela pode suportar.

"As coisas... Eu acho... Que as coisas não aconteceram como eu imaginava." Caitlin diz.

"E daí? Mas e o Blake? O que há de errado com ele? Vocês pareceram dançar tão bem juntos."

Caitlin tenta pensar. Blake é maravilhoso, não há dúvidas quanto a isso. E seus sentimentos por ele - são bastante verdadeiros. Por que tudo tinha que ter acontecido ao mesmo tempo? Ela se sente dividida, em conflito. Intelectualmente, ela sabe que Caleb é comprometido, e que não lhe faria bem continuar pensando nele. Mas ao mesmo tempo, ficar com Blake, agora, tão rápido, neste momento... Parece-lhe cedo demais.

"Não há nada de errado com ele," Caitlin fala. "Eu só... Eu não sei. Eu acho que ainda não decidi ainda."

Polly concorda.

"Eu te entendo," ela comenta. "Os homens são complicados." Ela suspira. "De qualquer modo, desculpe-me por fazer tantas perguntas, estava realmente curiosa. Senti sua falta, é fácil se apegar a você. Sem falar que é quase a hora do jantar. E uma pessoa muito importante quer vê-la."

Caitlin se esforça para adivinhar. Quem poderia ser?

"Aiden," Polly diz. "Ele me pediu para buscá-la."

* * *

Caitlin caminha pelo corredor externo no mosteiro, passando por diversas colunas e pelos tetos baixos e arqueados ao longo do pátio interno.

Por todo o pátio ele pode ver seus colegas de coven em treinamento, e ouvir o som de suas espadas de madeira enquanto

duelam entre si de maneira implacável. A cena a faz lembrar Pollepel, mais uma vez chamando sua atenção para o fato de que as coisas não mudavam com o decorrer dos séculos.

Caitlin continua, dirigindo-se a igreja principal de San Michele, onde Polly havia dito que ela encontraria Aiden.

Aiden. Ela está ansiosa para reencontrá-lo, outro elo com seu passado - mas ainda assim se sente nervosa. Ele se lembraria dela? Ela tem a impressão que algumas pessoas, como Caleb e Polly, não podiam, enquanto outras - como Blake - se lembravam - ou pelo menos se lembravam de alguma coisa. Mas e Aiden? Ele parece ser capaz de ver mais que os outros, tanto no passado como no futuro. Ela tem a sensação de que se alguém pudesse se lembrar dela, esse alguém seria Aiden.

Como sempre, seu encontro com Aiden parece ter acontecido em um momento oportuno. Ela mesma tem tantas perguntas sem resposta, e se sente bastante indecisa. Ela não consegue parar de pensar no sonho daquela manhã, em seu pai, e naquelas portas douradas enormes. Ela se pergunta qual seria o significado de tudo aquilo, sentindo, mais do que nunca, que há uma missão esperando por ela, e que ela precisa fazer alguma coisa. Mas ela não sabe exatamente qual é a missão, ou onde ela deveria ir. Ela deveria desistir completamente de Caleb? Deveria estar procurando por seu pai? Se sim, onde? E o que seria de Blake? Sua viagem de volta no tempo tinha sido um grande equívoco? Ou tudo aquilo tinha acontecido por um motivo?

Ela sente que se alguém conhece as respostas, esse alguém é Aiden.

Caitlin abre a porta da igreja antiga, e atravessa a porta.

Ela está completamente vazia, exceto por uma pessoa, ajoelhada no final da sala, diante do altar.

Caitlin não precisa se aproximar mais para saber quem é - Aiden.

Ela caminha pela nave central, e seus passos ecoam pelas paredes.

Caitlin para poucos metros atrás dele. Ele continua ajoelhado, de costas para ela, aparentemente em oração. Ele está tão imóvel, tão parado, que ela se pergunta se ele está vivo.

Diante dele, no altar, há uma enorme cruz.

Finalmente, depois de um tempo que lhe pareceu interminável, pouco antes de Caitlin pronunciar seu nome, ele diz:

“Caitlin,” ele fala.

É uma declaração, não uma pergunta. Como sempre, ele consegue fazer as coisas mais simples parecerem misteriosas.

“Fico feliz em revê-la,” ele completa.

E como sempre, ela tem a impressão de que tudo que ele diz pode ser interpretado de várias formas. Aquilo significava que ele se lembrava dela? Caitlin não sabe como responder.

Finalmente, levantando-se, ele se vira e olha para ela. Seus olhos brilham intensamente, com um tom azul claro, e ele parece enxergar através dela. Ele ainda tem cabelos longos prateados, a mesma aparência de quando estava em Pollepel. É incrível. Ele parece não ter envelhecido de forma alguma.

“Obrigada por me aceitar de volta,” Caitlin diz. E então, completa: “Mais uma vez.”

Aiden abre um leve sorriso.

“Este lugar não é exatamente Pollepel, não é mesmo?”

O coração de Caitlin se anima. Ah, então ele se lembra. Isso significa que ele se lembra de tudo?

“O que você acha?” ele pergunta, em resposta aos pensamentos dela. E então: “Siga-me.”

* * *

Caitlin e Aiden caminham devagar, lado a lado, ao redor da ilha, ao longo das águas. Caitlin fica encantada com a tranquilidade e beleza do lugar.

A ilha é coberta por uma grama exuberante, pontuada por ciprestes e, à distância, rodeada de pequenos cemitérios. A água pode ser vista de todos os pontos da ilha.

Eles caminham lentamente em silêncio. Caitlin começa a se perguntar se Aiden falaria alguma coisa em algum momento.

Por fim, ela não consegue mais resistir. Ela tem muitas perguntas urgentes a fazer.

“De quanto você se lembra?”

“*Lembrar* é uma palavra engraçada,” ele diz. “É mais como.... ver o que poderia ter sido.”

Caitlin fica alarmada com sua escolha de palavras.

“Poderia ter sido?” Ela pergunta.

“Quando se viaja de volta no tempo, obviamente afetamos nosso futuro. Todas as coisas estão interligadas. Seu futuro, afinal de contas, é a soma dos acontecimentos do seu passado. O que quer que esteja fazendo agora, suas ações da noite passada, esta conversa que estamos tendo - todas as suas escolhas nesta época e lugar - afetarão o futuro que você teria. É tudo uma sequência

de eventos. Altere um fato, um elo da corrente, e toda a sequência é alterada. Você está mudando o seu futuro neste exato momento, ao estar aqui. E continuará a mudá-lo, a cada escolha que fizer.”

Ele se vira e olha para ela.

“As consequências são enormes. Você não está afetando apenas este momento. Você está afetando todas as coisas que ainda estão por vir.”

A cabeça de Caitlin considera todas as implicações. Ela tem medo de fazer ou dizer qualquer coisa; e sente um enorme fardo. Ela tinha cometido um erro ao vir aqui? Mas por outro lado, que alternativa ela tinha? Deixar que Caleb morresse?

“Estou tão confusa,” ela diz. “Eu não sei mais por que estou aqui. A princípio, pensei que fosse por Caleb. Era por causa dele, eu queria salvá-lo. Eu queria estar com ele, mas, agora... Ele está com outra pessoa.”

Aiden suspira.

“O tempo é uma coisa complicada, não é verdade? Você quer que as coisas sejam exatamente como eram. Mas elas nunca são.”

“Então me diga,” ela pede. “Por que estou aqui?”

“Isso é algo que você precisará descobrir sozinha.”

“Mas não há um motivo? Uma razão para tudo isso?” Ela insiste.

“Sempre há uma razão. Você olha tudo de uma forma muito limitada. O que você não consegue enxergar é que Caleb é apenas uma peça de um quebra-cabeça muito grande e complicado. Ele foi a força motivadora de sua viagem de volta no tempo, sim. Mas talvez ela a tenha guiado de volta até aqui por outro motivo. Você

presume que o tenha trazido até aqui. Mas talvez durante todo este tempo, era ele quem a guiava.”

A mente de Caitlin dá voltas.

“Você tem uma missão, não tem?”

Caitlin o encara, e de repente seu sonho lhe vem à mente.

“Sonhei com meu pai esta manhã,” ela diz. “O mesmo sonho que sempre tenho, mas desta vez, vi portas douradas. Elas eram tão altas, tão bonitas. Tentei abri-las, mas não consegui. Eu sabia que se ao menos conseguisse abri-las, poderia alcançá-lo.”

“E como eram essas portas?” ele pergunta.

“Elas eram douradas, e havia algumas gravuras entalhadas nelas.”

“Cenas bíblicas?” Ele pergunta mais uma vez.

Quando ele pergunta isso, Caitlin se dá conta de que ele tem razão.

“Sim,” ela responde, animada. “Como você sabia? Você sabe que portas são essas? Qual o significado disso?”

“O significado você terá que descobrir,” ele diz. “Essas portas que você descreve, existem em apenas um lugar no mundo. Florença.”

Florença. Caitlin se lembra das palavras do padre: você encontrará seu pai em Florença.

“Seu pai lhe enviou um recado. Ele quer que você o encontre lá.”

Caitlin pensa sobre tudo aquilo. Ela tinha errado em não ir direto até lá? Ela deveria ter evitado vir até Veneza desde o começo de tudo?

“Caitlin, você vem de uma linhagem muito especial. Não é exagero dizer que o destino de toda a raça humana e vampira está em suas

mãos. E ainda assim, você ainda não aceitou completamente a sua missão. Você ainda segue o seu coração. Como você sabia desde o princípio, sua missão começa em Florença. Já é hora de assumir suas responsabilidades. Você tem que nos levar até o Escudo. E encontrar seu pai verdadeiro.”

“Mas eu não sei como fazer isso,” ela reclama.

“Sim, você sabe,” ele responde. “Você já sabe o significado de seu sonho.”

Ela olha para ele. Florença. Aquelas portas. Neste momento, ela sabe que é pra lá que deve ir.

O céu de repente escurece, e um vento forte passa sobre eles, soprando os cabelos dele, e seus olhos brilham com mais intensidade do que nunca.

“Você não pode escapar do seu destino.”

CAPÍTULO DEZESSEIS

Caitlin , em pé na ponta da gôndola, rema pelo amplo canal de Veneza. Polly tinha demonstrado preocupação em deixá-la ir sozinha, mas, depois de muita conversa, havia lhe emprestado sua gôndola. Caitlin achava que conseguiria se virar, e realmente precisava passar um tempo sozinha. Ela precisa de tempo e um lugar para poder pensar.

Acima de tudo, no lugar para onde ela estava indo, ela não queria ter ninguém ao seu lado. É um lugar onde ela precisa ir sozinha.

Rose é a única companhia que ela havia levado; e ela fica sentada em estado de contemplação, satisfeita, sempre feliz em estar ao seu lado.

Após seu encontro com Aiden, Caitlin havia percebido que ele tinha razão. Ela tinha que completar sua missão. Ela precisa ao menos tentar, dar o primeiro passo, seguir todas as pistas, e ver onde elas a levariam.

Mas ao mesmo tempo, ela percebe que não pode embarcar sem ter resolvido a situação com Caleb.

Ela precisa saber com absoluta certeza que ele realmente não se lembra dela, que realmente não a ama, e que ele está verdadeiramente feliz ao lado de Sera. Depois de tudo que ela tinha feito, todas as coisas porque tinham passado juntos, ela simplesmente precisa saber. Na noite anterior, tudo tinha acontecido rápido demais, talvez ele tivesse apenas se esquecido momentaneamente.

Agora, no dia seguinte, talvez as coisas fossem diferentes. Talvez as lembranças tivessem surgido de repente, no meio da noite.

Se ela olhar dentro de seus olhos agora, durante o dia, e ele lhe dizer que não se lembra, ou que não a ama mais, será o suficiente. A situação estaria resolvida, e ela poderia partir. Ela deixaria Veneza para trás, e continuaria sua jornada sozinha. Mas até lá, ela sente como se estivesse no limbo, e é incapaz de seguir em frente.

O sol está se pondo, e a temperatura cai à medida que ela rema, a corrente fica mais forte e os ventos sopram com maior intensidade. Ela rema com mais força, se dirigindo até a ilha no horizonte, seguindo as instruções de Aiden.

Quando ela havia dito a Aiden que se recusava a partir sem ver Caleb, ele tinha, finalmente e com muita relutância, lhe informado onde encontrá-lo.

Mas também a tinha pedido que não fosse procurar por ele, que isso traria problemas. Mas o que mais ela teria para perder, se o perdesse? Ela precisa tentar, precisa seguir seu coração. Ela sabe que não é seguro, mas, ao mesmo tempo, sabe que o amor também não é seguro.

Ao fazer uma curva, Caitlin finalmente vê a ilha de Murano surgir à sua frente. A ilha é bonita, diferente de tudo que Caitlin já tinha visto antes. Ela se parece com uma miniatura de Veneza, mas ali, os prédios são pintados de diferentes cores. À medida que os raios do sol poente os atingem, ela tem a impressão de estar olhando um arco-íris vivo, é aconchegante e alegre.

Ao remar pelo canal, entre os pequenos prédios, ela tem uma sensação de paz e conforto. Ela se surpreende que Caleb e o coven dele tenham escolhido este lugar. Ela imagina que eles teriam escolhido algo mais gótico. Ao avançar para o meio da ilha, ela procura pela igreja que Aiden havia descrito: A igreja de Santa Maria e São Donato. É lá que, supostamente, vive o coven de Caleb.

Ela rema sem parar, com os braços cansados e, depois de perguntar a um morador local, é encaminhada na direção certa. Ela se dirige para outro pequeno canal, e então a igreja surge diante dela. Tudo então passa a fazer sentido: há uma igreja gigantesca no meio de uma pequena ilha.

Ela parece ser antiga, grande e semicircular, assustadora, cercada por colunar. De certa forma, o lugar a faz lembrar os Claustros em Nova Iorque. Ela entende porque o grupo de Caleb se sentiria confortável ali.

Caitlin amarra seu barco e desce, com Rose ao seu lado, feliz por estar em terra firme. Ela atravessa a ampla praça de pedras, vazia naquele momento e, subindo os degraus, atravessa as portas da igreja.

Está escuro ali dentro, calmo. Aquela é outra igreja antiga, com tetos incrivelmente altos, e vitrais em todos os lados. Há centenas de bancos, simples e feitos de madeira, todos vazios. Na verdade, até onde Caitlin pode ver, a igreja está completamente vazia, nenhum padre, nada.

Caitlin caminha lentamente pela nave central, absorvendo tudo. Ela finalmente chega até o altar e olha para cima, examinando-o. Em cima de um pedestal, há uma grande estátua de um anjo e, atrás dela, na parede, diversos ossos grandes de animais. Ela nunca tinha visto ossos daquele tamanho. Eles parecem ser pré-históricos.

"Os ossos do Dragão," diz uma voz. Caitlin se vira.

Ali, caminhando em sua direção na igreja vazia, está uma pessoa que ela reconhece. A princípio, ela não consegue reconhecê-lo. Então, quando ele chega mais perto, ela percebe que é Samuel, o irmão de Caleb.

Ele está com a mesma aparência de sempre, cabelos compridos e barba, sério, direto, e endurecido pelas batalhas da vida. Ele é um homem melancólico, conforme ela se lembra, mas ele sempre havia lhe parecido ser uma boa pessoa. Ele chega até o lado dela, e olha para a parede.

"Diz a lenda que esses são ossos de um Dragão," ele diz, "morto por um heróis centenas de anos atrás. Claro, não se trata de uma lenda. Eles foram mortos por uma pessoa como nós. Embora, obviamente, não tenhamos assumido o crédito por esta façanha."

Ela examina os ossos, na parte alta da parede e, depois de pensar por um instante, se vira e olha para Samuel, se perguntando se ele se lembra dela.

"Sinto muito por invadir seu espaço dessa forma", ela diz. "Eu estava procurando alguém."

“Meu irmão,” ele afirma. Não se trata de uma pergunta. Ela olha em seus olhos, tentando descobrir o quanto ele sabe.

“Você se lembra?” Ela pergunta.

Ele balança a cabeça discretamente, e Caitlin não tem certeza se a resposta é sim.

“Caleb está com o filho dele,” Samuel diz.

A palavra filho soa como uma reprimenda, e Caitlin acredita que ele a está advertindo: afaste-se. Deixe Caleb e Sera e o filho deles em paz.

“Eu gostaria de vê-lo,” ela pede. “Eu preciso me encontrar com ele.”

Ele a encara, pensando.

“Nosso coven vive neste lugar há centenas de anos,” continua ele, ignorando seu pedido. “O vidro de Murano - as pessoas sempre disseram que não parecia algo feito por humanos. Os humanos sempre se perguntaram como ele podia ser tão superior, o melhor vidro do mundo. É claro, trata-se de um trabalho nosso. Não podemos usar espelhos, então vidro desta qualidade é a solução. Não prosperamos causando o mal. Nós prosperamos nos negócios, assim como a raça humana. Estamos em paz no momento. Mas quando alguém novo aparece, alguém de outro coven, e essa pessoa nos visita sem ser anunciada, e procura falar com pessoas com quem não deveria, isso nos traz problemas.”

“Eu não quero causar problemas,” ela diz. “Quero apenas conversar com Caleb, por favor.”

“Você sabe o que torna um vampiro vulnerável?” Samuel indaga.

Ela pensa um pouco.

“Não são os humanos, e raramente são armas. Ainda mais raro é que sejam os vampiros. Podemos nos virar contra quase tudo.” Ele pausa, e depois completa: “É o amor.”

Caitlin continua ouvindo.

“O amor é o ponto fraco de um vampiro. Ele nos transforma, podendo nos levar à destruição,” continua ele. “Você tem boas intenções,” emenda ele, “mas isso não significa que terá bons resultados.”

Com isso, ele dá as costas para ela e se afasta, caminhando pela nave.

Enquanto observa ele se afastando, há milhares de coisas que ela gostaria de dizer, mas está ainda muito desnorteada por tudo que ele havia dito. Ela não sabe como reagir.

E então, de repente, enquanto se afasta, ele para diante da porta. Ele pausa por uns instantes, e então grita:

“Você encontrará Caleb perto das docas, com o filho.”

* * *

À medida que Caitlin caminha pela ampla praça, em direção ao píer, o sol começa a se por, e os raios laranja e vermelho atravessam as nuvens, banhando tudo com uma luz surreal.

Caminhando com Rose ao seu lado, Caitlin identifica as docas à distância e fica feliz pelo fato da ilha de Murano, diferentemente de Veneza, estar praticamente vazia, com nenhuma pessoa à vista.

Ela não consegue ver Caleb, e seu coração se aperta. Samuel a teria enganado? Por que ele estava tão preocupado com sua presença? Ele teria visto algo que ela não sabia? Ela tem uma sensação

estranha, sinistra, considerando todos os avisos que tinha recebido até ali.

Ela procura por todos os lados, mas não vê sinal de Caleb.

Então, ela olha para baixo e vê, sentado na beira da doca, um garoto. Ele parece ter em torno de dez anos, e ao olhar mais de perto, ela percebe que se trata do filho de Caleb, Jade.

Jade está sentado sozinho, observando a água, com as pernas balançando na borda do píer. Ele é uma graça, sentado ali, uma réplica exata de Caleb. Ela se entristece ao pensar em como teria sido a vida deles juntos. A cena a faz pensar no filho que teria tido com Caleb, fazendo com que ela sofra mais uma vez pela perda de seu bebê.

Caitlin se pergunta se teria cometido um erro ao voltar para o passado.

Ao se aproximar dele, Jade de repente se vira - rápido e sempre alerta, como seu pai.

Ela olha para dentro de seus olhos azuis cintilantes, e se pergunta se ele seria humano, vampiro, ou algo entre as duas raças.

Ela vagamente se lembra de que Caleb havia contado que, quando havia se casado com Sera, ela era humana. E ela sabe que vampiros não podiam procriar com humanos, então supões que a criança seja uma mestiça - como ela tinha sido.

De fato, enquanto se olham, mesmo à distância, ela consegue sentir uma forte sensação de afinidade com o garoto. Seu coração se aquece, e é como se ele fosse seu próprio filho.

Jade se levanta, arregalando os olhos ao ver Rose. Ele corre até ela e a abraça, e ela se mostra igualmente satisfeita em vê-lo. Ela ergue as patas, colocando-as nos ombros do garoto, abraçando-o, e lambe todo o seu rosto.

“Qual é o nome dela?” Ele pergunta, acariciando seus pelos. Ele ainda tem a voz fina como a de um garoto.

“Rose.”

“Posso ficar com ela?” ele pede.

Caitlin não resiste, e cai na gargalhada. Ela tinha esquecido como as crianças podiam ser imprevisíveis.

“Hmm... Não sei, mas você pode fazer carinho nela. Está na cara que ela gosta de você.”

“Sério?” Jade pergunta, abrindo ainda mais os olhos.

Ele e Rose brincam junto, fingindo lutar: ele mexe a cabeça dela para um lado e para o outro, e ela faz de conta que morde o braço dele, e depois solta. Caitlin se encanta com a cena. Eles parecem dois velhos amigos que não se veem há anos.

“Rose, devagar,” Caitlin pede, assustada com a brincadeira violenta.

Rose imediatamente recua, e corre para o lado de Caitlin.

“Ela só estava brincando,” Jade diz. E então completa: “E quem é você, mesmo?”

É difícil se concentrar sendo observada por ele. Jade se parece tanto com Caleb, é tão intenso. Caitlin consegue perceber que ele é um garoto muito poderoso.

“Sinto que a conheço de algum lugar,” completa ele.

“Meu nome é Caitlin,” ela diz, estendendo o braço.

Jade aperta a mão dela, esforçando-se para parecer adulto. Caitlin sorri, fazendo força para não dar risada.

“Meu nome é Jade,” ele fala.

“O que você está fazendo aqui sozinho, Jade?”

“Estou esperando por meu pai,” ele responde, e então se vira novamente para a água.

Caitlin observa a água também, mas ele não está em parte alguma.

“ Ele geralmente vem a essa hora, antes que escureça. Mamãe disse que eu poderia vir até aqui e esperar por ele.”

Jade se senta novamente onde havia estado, na beirada do píer, com as pernas balançando, de costas para Caitlin.

“Você pode esperar aqui comigo, se quiser,” ele oferece, tímido.

Caitlin se sente agradecida pelo convite, e não sabe exatamente como responder. Não era assim que ela tinha imaginado que as coisas aconteceriam. Se ela esperasse com ele, Caleb ficaria bravo em vê-la ali, sentada com o filho dele? Ela passaria uma impressão errada? E se Sera aparecesse? Por outro lado, Caitlin não sabe o que mais poderia fazer.

Rose não hesita; ela caminha até Jade e se senta ao seu lado. Caitlin resolve segui-la. Os três ficam sentados na beira do píer, observando a água enquanto o sol se põe. Jade levanta a mão e acaricia a cabeça de Rose.

“Você é a mulher que vimos ontem à noite, não é?” Jade pergunta de repente.

“Sim,” Caitlin responde.

“Minha mãe ficou brava quando partimos. Ela ficou perguntando para o meu pai quem você era. Ele disse que não sabia. Ela acha que ele estava mentindo,” conta Jade.

Caitlin segura o sorriso. As crianças são tão honestas. Ela fica tentada a fazer mais perguntas, mas se segura - não seria justo.

Eles ficam sentados em silêncio, olhando o mar, e Caitlin fica surpresa em encontrar paz no silêncio entre eles; é quase como se fossem da mesma família.

“Você espera o seu pai aqui todos os dias?” ela pergunta.

Jade ergue os ombros.

“Quase,” ele diz. “Ele falou que quando eu for maior, no ano que vem, poderei ir com ele. Essa ilha é um tédio. Eu quero treinar. Quero aprender a lutar,” ele diz, com um tom determinado na voz.

Caitlin olha para ele, surpresa pela força repentina em sua voz.

“E por que você faria uma coisa dessas?” ela pergunta.

“Por que um dia serei um grande guerreiro,” ele diz.

Não se trata de uma bravata. Ele fala como se estivesse explicando um fato, e Caitlin acredita nele. Ela pode sentir tudo, exalando de cada poro de seu pequeno corpo. Esse jovem garoto, orgulhoso, é um guerreiro nato. Ela sente como se ele fosse uma alma antiga, um espírito nobre.

“E o que seu pai acha disso?”

Jade ergue os ombros mais uma vez.

“Ele quer que eu vá para a escola,” ele responde. “Eu odeio a escola.”

Os olhos de Jade repousam sobre seu colo, e então se arregalam surpresos.

“Nossa!” ele exclama, “que colar lindo! Posso ficar com ele?”

Caitlin coloca a mão no pescoço e sente seu colar; ela tinha esquecido, como sempre, que estava usando ele. Ela fica surpresa pelo interesse do garoto no colar, e se sente mal em dizer não, mas ela não pode abrir mão dele. Mas por outro lado, por que ela não poderia? E ainda mais para Jade. Se qualquer outra pessoa tivesse pedido isso a ela, ela teria negado - mas há algo sobre a forma como ele olha para o colar. De alguma forma, por alguma estranha razão, ela sente que deve dar-lhe o colar. Talvez, de algum modo, o ato criaria um elo entre ela e Caleb, algum tipo de ligação.

Ela remove o colar com cautela, e o entrega ao garoto. Seus olhos se abrem ainda mais ao pegá-lo.

“Sério?” ele diz, obviamente surpreso que ela havia concordado.

“Meu pai me mataria se soubesse que lhe pedi isso. Ele diz que eu não devo ficar pedindo as coisas.”

Caitlin sorri.

“Eu não vou contar.”

Jade coloca o colar, e imediatamente é como se ele sempre o tinha usado. Ele fica emocionado.

Ele se vira para a água, e os dois permanecem sentado, olhando para o mar. Eles observam juntos enquanto o céu escurece cada vez mais. Finalmente, após o que lhe parece um tempo interminável, ele se vira para ela e a observa com olhar intenso.

“Você vai ser minha mãe?” ele pergunta.

Caitlin fica chocada. Ela está tão despreparada para a pergunta, que mal sabe como responder. Ela fica sem reação. Por que ele faria uma pergunta como essa? Ele estava vendo alguma coisa no futuro dela? Ou em seu passado?

Ao abrir a boca para responder, repentinamente, ouve-se um barulho no mar.

“Papai!” exclama o garoto, ficando em pé, quase descontrolado pela excitação.

Caleb de repente se aproxima da doca com a gôndola. Ele amarra o barco e salta para o píer. Caitlin rapidamente se levanta, pega de surpresa pela rapidez com que ele se aproxima..

Jade abraça a perna de Caleb com força.

“Papai, você já conhece a Rose?” ele pergunta.

Caleb olha para o chão, e Rose lambe sua mão. Caleb coloca a mão na cabeça de Jade, e encara Caitlin.

Ele pausa.

“Jade, pode nos dar um minuto?” ele pede, ainda olhando para Caitlin. “Vá até sua mãe, logo estarei com vocês.”

Jade atravessa a praça correndo, praticamente saltando de alegria.

“Vamos, Rose!” ele grita.

Rose sai em disparada atrás dele, e Caitlin fica surpresa; Rose nunca tinha saído de seu lado, por quem quer que fosse. Isso a deixa triste, mas ela também fica satisfeita por Rose ter encontrado alguém de quem goste tanto.

Caitlin permanece imóvel, olhando para Caleb, que a observa com igual intensidade. Seu coração dispara enquanto ela pensa no que ele está prestes a dizer. Ela não tem ideia do que falar.

Ele por acaso se lembraria dela, finalmente?

CAPÍTULO DEZESSETE

Kyle desce as escadas correndo, nas profundezas da prisão de Veneza, e vê que continua exatamente como ele se lembrava. O teto arqueado e baixo faz o lugar parecer uma adega e, em ambos os lados, há dezenas de celas fechadas com grades de ferro. O lugar é barulhento, e centenas de prisioneiros colocam os braços para fora das grades, gritando com Kyle à medida que ele passa na frente delas.

Kyle não perde tempo: Ele abre as grades com as próprias mãos, e o ferro se entorta o suficiente para que os prisioneiros consigam se espremer para sair. Ele faz isso em cada uma das celas que encontra, abrindo uma após a outra até que, dentro de instantes, o corredor é tomado por prisioneiros arruaceiros, animados e confusos. Todos olham para Kyle, querendo saber quem ele é, e porque tinham tido a sorte de serem soltos. Eles gritam e fazem festa, felizes com a liberdade recém-conquistada.

Kyle ergue a mão, e todos se silenciam.

“Eu lhes dei a liberdade esta noite,” Kyle começa em tom alto e autoritário, “para que completem uma missão para mim. As ruas de Veneza lhes pertencem esta noite. Vocês devem estuprar; saquear e roubar, destruir e causar o máximo que puderem. Vocês não serão presos de novo, quanto a isso podem ter certeza. É por este motivo que soltei vocês; fiz-lhes um favor, e espero que retribuam. Alguém aqui se opõe?”

Um breve silêncio toma conta do lugar.

“E o que faz você pensar que pode nos dizer o que fazer?” Grita, de repente, um prisioneiro particularmente nojento, careca e com

uma enorme cicatriz no nariz, enquanto se aproxima de Kyle ameaçadoramente.

Kyle salta na direção dele e, com um único golpe, arranca a cabeça do corpo do homem; seu sangue espirra para todos os lados, enquanto seu corpo cai no chão.

O grupo de prisioneiros encara Kyle, em choque.

“Alguém mais tem qualquer objeção?” Kyle diz.

Não é uma pergunta. Ninguém mais ousa desafiá-lo.

“Então vão!” Kyle grita.

Com um grito, eles se espalham feito ratos, dando-lhe as costas e subindo correndo as escadas. A julgar pelos gritos de felicidade que escuta, Kyle deduz que eles causariam os problemas que ele havia previsto.

Mas o trabalho de Kyle ainda não está acabado. Ele continua andando pelo corredor, e desce outro lance de escadas.

Ele chega ao nível subterrâneo da prisão, mais escuro e mal iluminado que o anterior, e com menos celas. O silêncio no lugar é estarrecedor. Algumas tochas iluminam o lugar com uma luz fraca, e ele se aproxima de uma cela. Kyle retira a tocha da parede e a aproxima do metal, examinando o metal: como ele temia as grades destas celas não são feitas de ferro, - elas são feitas de prata.

Ao erguer a tocha, de repente, um rosto aparece – a face grotesca de um vampiro do Coven Lagoon, um dos mais terríveis e temidos covens de todos. Suas presas são enormes, e ficam do lado de fora da boca de lábios muito finos e seus olhos são completamente vermelhos. Ele praticamente rosna ao respirar – é uma criatura verdadeiramente asquerosa.

À sua volta, as criaturas lentamente se aproximam das grades de suas próprias celas, grunhindo para Kyle.

Kyle enfia a mão em uma pequena bolsa em seu cinto, retira um pó e, afastando-se um pouco, joga o produto na grade de prata. Ele espera uns instantes e, esticando os braços, agarra a grade, arrancando-a da parede.

Uma dúzia de vampiros - algumas das criaturas mais repulsivas que Kyle já tinha visto - sai lentamente das celas, enfurecidos, prontos para causar danos irreparáveis..

“Sigam-me,” ordena Kyle.

Ele sente que todos o acompanham de perto.

Esses vampiros não precisariam de mais instruções. Destruir tudo que encontram pela frente é o que mais sabem fazer.

Kyle sorri enquanto sobem os degraus, dirigindo-se para a noite de Veneza.

CAPÍTULO DEZOITO

Caitlin olha nos olhos de Caleb. Enquanto ele permanece imóvel, ela sente que uma parte dele realmente a reconhece, e que ele está se esforçando para lembrar.

“É estranho,” ele diz, “sonhei com você a noite passada; eu mal a conheço, mas ainda assim, de alguma forma, não consegui deixar de pensar em você.”

O coração de Caitlin se anima, esperançoso.

“Você se lembra de alguma coisa sobre mim?” Ela pergunta.

“De algum modo... Sinto que sim,” ele diz. “Mas... Não consigo me lembrar. Como nos conhecemos?”

Ele pensa por um momento, decidindo sobre como responder. Todas as suas palavras, e suas ações, influenciariam o futuro, como Aiden havia dito? E se ela dissesse algo errado?

Ela decide contar-lhe a verdade. Essa é sua oportunidade, seria agora ou nunca.

“Nos conhecemos no futuro,” ela diz, com o coração acelerado.

Ele pensaria que ela é louca?

Mesmo enquanto pronuncia as palavras, Caitlin já está arrependida. Ela se preocupa com a possibilidade de ter criado um rasgo no tempo, ao lhe dizer algo que ele não deveria saber - algo que afetaria o modo como as coisas aconteceriam dali em diante.

Ele franze o cenho e continua a encará-la.

“Já estivemos juntos antes,” continua ela. Ela não consegue evitar; é tarde demais agora. “Ou melhor dizendo, ficaremos juntos um dia. Eu voltei no tempo para salvar você. Eu não sabia... Não sabia que você estaria com outra pessoa; não sabia que você tinha um filho. Bem, pelo menos não agora... Sinto muito,” ela diz, gaguejando e sentindo-se tola, “eu... Não tinha a intenção de me intrometer. Eu não fazia ideia. Eu esperava que você se lembrasse... acho... Acho que esperava que as coisas tivessem acontecido de outra forma. Eu sei que... Sei que tudo isso parece loucura.”

Caitlin, tremendo, é tomada pela emoção e, não conseguindo mais segurar as lágrimas, se vira para partir.

Mas assim que faz isso uma mão forte segura seu pulso.

Caleb a segura, impedindo sua partida. Ela sente sua própria pulsação na mão dele.

Lentamente, ela se vira. Lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto ela olha dentro dos olhos dele.

“Me desculpe,” ele diz, “não tive a intenção de magoá-la. Eu realmente sinto algo entre nós dois, é verdade. Mas eu não sei o que é e...” continua ele, pausando para respirar, “sinto muito, mas não consigo me lembrar de você.”

Caitlin assente com a cabeça, em sinal de compreensão. Naquele momento, ela percebe que não há esperança para eles. Ela se sente burra por ter voltado, por estar ali, se intrometendo na vida dele daquela forma. Ela se sente mal por ter sido tão egoísta. Ela deveria ter aceitado que a noite anterior tinha sido o fim. Por que não tinha seguido em frente?

Agora, pelo menos, não restava dúvida. Por mais que doa, ele realmente não se lembra mais quem é ela. Ela tem que seguir em frente.

“Me desculpe,” ela diz, enxugando uma lágrima enquanto ele solta seu braço.

Ela se vira para ir embora e, antes que o faça, olha para ele uma última vez.

“Eu só quero que saiba que amo você. E sempre irei amá-lo.”

E com isso, ela corre e salta no ar, e suas asas se abrem erguendo-a até o céu.

CAPÍTULO DEZENOVE

Ao observar Caitlin partir, Caleb se sente confuso e triste. Uma mistura de sentimentos toma conta dele à medida que ele tenta entender tudo aquilo e lembrar o que tinha acontecido. Ele tem certeza que de alguma forma, uma pequena parte dele conhece aquela mulher misteriosa. Ele só não sabe como.

Enquanto ela se afasta, ele sente uma profunda tristeza dentro dele, que ele simplesmente não consegue explicar; ele nunca tinha sentido nada assim antes. Uma parte dela gostaria de correr atrás dela, gritar para que ela pare. Mas se ela ouvisse, ele não saberia o que dizer, e ele não consegue entender seus próprios sentimentos.

Talvez estivesse ficando louco, talvez estivesse apenas deixando-se influenciar por sentimentos irracionais e premonições estranhas. Ele teria que permanecer forte, e continuar usando a cabeça.

Afinal de contas, nada daquilo fazia sentido. Ele nem mesmo a conhecia.

Mas parado ali, observando ela, ele não consegue se livrar da sensação de que está deixando algo muito precioso ir embora. Seu coração fala mais alto e ele se prepara para ir atrás dela.

Ele está prestes a sair correndo para alçar voo quando, de repente, um dos membros de seu coven grita seu nome, e se aproxima correndo.

“Você já está sabendo?” Seu companheiro pergunta com olhar assustado. “Sobre o que está acontecendo em Veneza? Os prisioneiros escaparam. Eles estão destruindo a cidade e, se não fizermos nada, todos os humanos morrerão.”

Caleb se mostra preocupado.

“Mas como é possível? Quem está por trás disso?”

“Não sabemos, mas não temos tempo a perder.”

Seu companheiro de coven parte em direção à água.

Quando Caleb se vira, ele vê todos os membros de seu coven saindo da igreja, e dos prédios ao redor, dirigindo-se até a água. À medida que se aproximam, alçam voo, abrindo suas asas e subindo rapidamente até o céu. Todo o coven tinha sido convocado.

Seu irmão Samuel se aproxima correndo.

“Você já sabe?” ele pergunta com urgência.

Caleb assente e, ao fazer isso, Samuel estende o braço e lhe entrega seu cajado de marfim, enquanto veste sua manopla dourada.

“Terei a honra de tê-lo ao meu lado durante esta batalha?” Samuel pergunta.

“Sempre,” Caleb fala.

Ao se prepararem para partir, Sera se aproxima correndo, preparada para a batalha, vestindo traje preto colado ao corpo, impermeável contra praticamente qualquer arma, e segurando uma pequena lança. Sua aparência é feroz, como sempre antes de uma batalha. Caleb se irrita com sua presença.

“Precisamos que alguém fique para cuidar de Jade,” Caleb a repreende. “Ele não deve ser deixado sozinho.”

“Não vou permitir que você vá para esta batalha sem mim,” Sera retruca. “Jade ficará bem. A batalha é em Veneza, não aqui. Não há o que temer. E eu já disse a ele que não saia da igreja.”

“Não gosto nada disso,” Caleb diz.

“Meu irmão,” Samuel interrompe, “não temos tempo a perder.”

Caleb olha para Sera uma última vez, mas pode perceber que ela já está decidida. Ela é a pessoa mais teimosa que ele jamais havia conhecido.

“Está bem,” ele diz. “Vamos.”

E com isso, os três partem correndo em direção à água e, dentro de instantes, estão todos voando rumo à noite escura.

CAPÍTULO VINTE

Kyle observa excitado enquanto seu plano é executado com perfeição. À sua volta, Veneza está em frangalhos. Os humanos, ridículos, correm para salvar suas vidas, e as centenas de prisioneiros os aterrorizam por toda parte.

Finalmente, os humanos estavam deixando de ser tão felizes, e tinham deixado de lado seus jogos estúpidos e parado de tocar música; tinham removido suas máscaras e estavam correndo para salvar-se.

Eles não conseguem ir muito longe. Os prisioneiros estão em um surto de saques, estupros e matança, enquanto os vampiros libertados estão sedentos por sangue. Eles matam as pessoas onde eles as encontram, arrancando suas cabeças ou mordendo seus pescoços com suas longas presas.

Eles sugam o sangue sem parar e, em pouco tempo, as praças de Veneza se assemelham a um campo de batalha. Corpos jazem por toda parte, vidraças estão estilhaçadas, os móveis revirados...

E tudo aquilo é apenas o começo. Kyle não ficava feliz assim há anos.

Kyle espera, observando o céu e, sobre a água, ele identifica o que estava procurando. O céu escurece quando centenas de vampiros se aproximam voando. Kyle sabe que se trata do coven de Caleb, tão facilmente enganado. Eles vêm para aplacar a violência, como ele havia previsto, e ao fazerem isso, tinham deixado a ilha completamente desprotegida. Kyle tinha sentido a forte presença de Caitlin naquela ilha. Agora, finalmente, ele poderia ir até lá, e matá-la.

Ao cobrirem o céu, como um bando de morcegos, e descerem na costa de Veneza, Kyle vê uma oportunidade. Ele sai voando, o único vampiro indo na direção oposta, completamente despercebido, indo direto para a ilha de Caleb.

Sua boca saliva ao pensar em encontrá-la lá, completamente sozinha, e ao pensar sobre capturá-la ou matá-la lentamente.

Afinal, a hora da vingança havia chegado.

* * *

Jade fica parado em frente à água observando o céu. Rose, fiel, está sentada ao lado dele, e não tinha saído dali uma única vez.

Jade sabe que não deveria ter saído da igreja, como havia prometido para sua mãe. Ele se sente mal por não ter mantido sua palavra, mas ele simplesmente tinha que saber o que estava acontecendo, tinha que assistir a batalha. Batalhas como essa não aconteciam com frequência, e ele está quase descontrolado pela excitação. Ele havia corrido até ali assim que eles tinham partido,

e tinha visto seu pai alçar voo. Ele tem tanto orgulho de seu pai, e de seu tio Samuel, que seu coração praticamente salta para fora de seu pequeno corpo.

Ainda assim ele também se sente frustrado. Ele faria qualquer coisa para estar entre eles agora, voando junto deles, armado, ajudando-os na batalha. Ele já tem quase dez anos, afinal; por que não o tratavam como um adulto? Ele quer apenas um chance; ele sabe que se estivesse com eles, mostraria seu valor também. Ele mal pode esperar por esse dia.

Jade sabe que ao conseguiria voltar para dentro da igreja, está excitado demais. Ele ficaria ali a noite toda se precisasse, observando o céu e esperando até que cada um de seus colegas de coven retornassem. É ali que ele vai ficar.

Enquanto isso, já que ele é a única pessoa na ilha, ele se imagina como seu protetor, o único soldado nomeado para montar guarda, para proteger todos os bens preciosos do coven. Sim, ele percebe, está é uma missão sagrada, e quando seu pai e seu tio retornassem, ficariam orgulhosos dele. Eles diriam, vejam só Jade: ele montou guarda sem medo, é um guerreiro tão bom quanto nós.

A observar o céu procurando qualquer movimento, uma única figura aparece à distância, voando na direção dele. O coração de Jade se sobressalta. Ele consegue discernir, mesmo de longe, que se trata de um vampiro, e não é um vampiro de seu coven. Quem poderia ser? Ele se pergunta. E por que está vindo nessa direção?

Talvez esse fosse seu primeiro teste como soldado, pensa Jade. Ele se prepara, segurando sua lança em posição de ataque. Ele coloca a mão na cintura e verifica a presença de seu estilingue e pequeno saco de pedras, o que lhe dá confiança.

Ele tinha passado muitos dias à procura das pedras mais lisas e redondas, e todas elas se encaixavam perfeitamente no estilingue que ele havia criado. Jade tinha passado muitas tardes treinando

com o ele, arremessando pedras nos troncos das árvores e em alvos sobre a água. Ele tinha até mesmo tentado acertar alguns pássaros, e conseguiu acertar um bom número deles.

Ninguém mais o levava a sério, mas ele sabe que, com essa arma que ele mesmo havia desenvolvido, era uma força a ser reconhecida.

Enquanto Jade observa, a figura de repente se aproxima bastante dele, mergulhando e aterrissando a apenas alguns metros de distância.

O coração de Jade bate acelerado e sua boca fica seca quando ele vê o tamanho do vampiro: ele é enorme. Ele está usando roupas completamente pretas, um tipo de armadura de batalha, e com suas asas retraídas, Jade pode ver o quão musculoso ele é. Ele é ainda maior que seu pai. E pior, ele tem a aparência assustadora: metade de seu rosto é tomado por uma cicatriz, como se tivesse sido arrancado.

Rose também fica tensa, e rosna.

Jade coloca a mão mais um vez em seu estilingue. Mas suas mãos tremem, e ele não tem certeza se o estilingue lhe será útil nessas condições. Este homem parece ser pura maldade. Jade engole em seco.

O homem dá diversos passos na direção dele. Jade quer recuar, mas se esforça para permanecer no lugar. Ao invés disso, ele tenta parecer forte, defender seu terreno, e estufa o peito e ergue ligeiramente o queixo. Ele tenta fazer cara de mal, não quer dar a impressão de ser um covarde, não importa quem se aproxime dele.

“Pare onde está e explique-se!” Jade grita, tentando fazer sua voz soar mais forte.

Infelizmente, sua voz ainda não tinha mudado – ainda é alta como a voz de um menino.

O homem ri, e dá mais dois passos adiante.

“Estou avisando,” Jade grita, “Sou o filho de Caleb! Esta ilha é nossa! Você fará o que eu mandar!”

O homem para, e desta vez se mostra genuinamente surpreso.

“Caleb, você diz?” Ele pergunta.

A voz do homem é profunda e sombria, e soa quase como um rosnado.

Jade encontra conforto nisso. Parece que o nome de seu pai havia impressionado o homem.

“É isso mesmo,” Jade responde, corajoso. “E ninguém aterrissa aqui sem permissão. Então é melhor que você vá embora agora!”

Jade coloca a mão mais uma vez em seu estilingue, mas suas mãos estão tremendo e ele tem dificuldade em dizer exatamente onde ele está.

O homem sorri para ele.

“Que interessante,” ele diz.

O homem olha à sua volta, observando a ilha, como se estivesse farejando o ar, tentando identificar alguma coisa. Depois de um tempo, parece desapontado.

“Seu pai recebeu uma visita. Uma mulher chamada Caitlin. Onde está ela?” Ele pergunta.

“Ela partiu antes de todos,” Jade diz. “Mas ela me deu seu colar. É meu agora. Ela disse que eu poderia ficar com ele. E se você não for

embora agora, meu pai vai retornar a qualquer instante,”

Jade fala, dizendo a primeira coisa que lhe vem à cabeça. O homem faz uma careta, claramente frustrado.

“Para onde ela foi?” Ele exige saber.

“Não faço ideia,” Jade responde. “E mesmo que soubesse, não lhe contaria.”

O homem sorri de novo, mas desta vez, seu sorriso é mais maléfico do que antes.

“Seu garotinho imprestável,” ele diz.

“Igualzinho ao seu pai. Diferente dele, você vai pagar o preço por ter cruzado meu caminho. Seu pai me causou muitos problemas durante todos esses anos. Com o tempo, eu mesmo o matarei, como minhas próprias mãos. Mas enquanto isso, me satisfarei em matar você. Que isso lhe sirva de lição.”

Com isso, o homem dá vários passos na direção de Jade.

Jade arregala os olhos e seu coração bate acelerado dentro de seu peito. A hora havia chegado: o momento da batalha. Seu pedido havia sido atendido.

Mas agora que a hora havia chegado, suas mãos tremem tanto, que ele tem dificuldade em controlá-las. É difícil pensar com clareza, difícil conseguir se lembrar. O estilingue. As pedras. Ele se vê paralisado, incapaz de reagir.

Ele quer agir, mas quando o homem se aproxima mais, uma parte dele está simplesmente aterrorizada demais para tomar uma atitude. Rose, pressentindo a dificuldade de Jade em agir, começa a rosnar e parte na direção do homem.

Ela salta no ar, mirando no pescoço dele. Tudo acontece rápido, e ela pega ele de surpresa. Rose morde o pescoço dele com força, fazendo com que ele recue diversos passos, em choque. Ele agarra Rose e tenta tirá-la de cima dele, mas não consegue. Ela morde com muito força, há sangue por toda parte, e ela continua mordendo, relutando em soltá-lo.

Finalmente, o homem se livra dela, tirando-a de cima dele. Ele joga Rose com tanta força contra a pedra, que ela dá um grito e fica sem ar. Então, com um grito, ele ergue a bota, e Jade percebe que ele está prestes a esmagar a cabeça dela.

Jade parte para a ação. Com um movimento rápido, ele pega o estilingue em sua cintura, posiciona uma pedra e, como tinha feito milhares de vezes antes, estica o braço, mira no olhos do homem, e arremessa a pedra com toda a força que tem.

Para sua surpresa, o plano dá certo. A pedra é lançada no ar com tremenda velocidade, e acerta o homem, a poucos metros, bem no olho, arrancando-o de seu rosto.

O homem leva a mão ao rosto e grita sem parar, gritos horríveis, enquanto o sangue escorre de sua cabeça. Jade tinha salvado a vida de Rose.

Mas agora ele se vira para Jade e o encara com um riso infernal. Jade tenta pegar mais uma pedra, mas desta vez não é rápido o suficiente. O homem parte para cima dele com velocidade incrível, mais rápido do que qualquer coisa que Jade já tinha visto.

A última coisa que Jade vê é seu rosto grotesco, transformado pelo ódio e fúria, partindo em sua direção.

CAPÍTULO VINTE E UM

Caleb luta ao lado de seu coven pelas ruas de Veneza, em meio à batalha sangrenta. Com Samuel de um lado e Sera do outro, ele golpeia seu cajado de marfim descontroladamente, matando prisioneiros por onde passa. Os três, em menos número, são atacados por um grupo de uma dúzia de criminosos, mas eles são apenas humanos e os três prevalecem no final.

Mas Caleb é surpreendido quando uma dúzia de vampiros avança na direção deles. Ele os reconhece imediatamente – são parte do Coven Lagoon, criminosos experientes que ele acreditava estarem apodrecendo nos presídios subterrâneos.

A presença deles imediatamente o alerta para o fato de que havia alguém por trás de toda aquela confusão, que esse tinha sido um plano deliberado.

Mas ele não tem tempo de contemplar a ideia pois logo se encontra no meio da luta corporal.

Caleb e seus homens são separados. Um vampiro salta na direção do rosto dele, mas Caleb o esfaqueia no pescoço. Outro vampiro agarra seu ombro, mas Caleb vira e lhe dá um golpe com a cabeça. Ainda outro o ataca pelas costas, mas com seu cajado, Caleb o ataca sem se virar, perfurando-lhe o pescoço.

Mais dois vampiros avançam em sua direção, e Caleb puxa seu cajado de volta e golpeia os dois na cabeça, arremessando-os ao chão.

Caleb respira fundo, olha para o lado e vê que seu irmão está bem; mas Samantha, com sua pequena espada, é atacada pelas costas.

Ele se aproxima e arranca o vampiro de cima dela, lutando com ele no chão.

O vampiro estica o braço e tenta arrancar os olhos de Caleb com suas garras compridas. Mas Caleb agarra sua mão, torcendo-a e quebrando seu pulso. Caleb rola para um lado, agarra seu cajado e perfura o coração do vampiro, que morre com um grito assustador.

Após alguns minutos de batalha, por fim, eles saem vitoriosos. Os poucos criminosos que sobreviveram escondem-se pelas ruas da cidade, enquanto os demais estão mortos na praça. Os vampiros também estão mortos.

Caleb olha os membros de seu coven e vê que, embora muitos estejam arranhados e com marcas da batalha, nenhum havia morrido. Caleb sente uma mão em seu ombro e se vira. Samuel aponta para o céu.

“Essa fumaça,” Samuel diz, “está vindo de nossa ilha.”

Caleb e Samantha trocam olhares assustados e saem correndo ao mesmo tempo e saltam no ar, seguidos de perto pelos outros membros do coven.

Caleb sente seu coração batendo acelerado dentro de seu peito, mais preocupado agora do que jamais havia estado. Sua ilha está em chamas; e seu filho, sozinho.

* * *

Caleb volta para sua ilha com todos os seus companheiros de coven, e inicia rapidamente a busca por Jade.

“Jade!” Caleb grita.

Ele corre para todos os lados, Samantha vai até a igreja, e Sam para o mosteiro. Eles se dividem, procurando porta toda parte, olhando

em todos os possíveis lugares durante a busca. O fogo está espalhado, iluminando a noite, e Caleb tem certeza de que alguém havia atacado.

Ele percebe que o ataque à Veneza tinha sido apenas uma armadilha; que o alvo tinha sido a ilha desde o princípio. Eles haviam sido enganados.

Caleb vasculha as docas, procurando em todos os locais – até que fica paralisado.

E seu coração para de bater dentro de seu peito. Na frente dele, largada no chão, está Rose. Morta.

A possibilidade de Rose ter saído do lado de Jade é inexistente, a não ser que algo tenha acontecido com ele.

Caleb procura mais um pouco e, um pouco adiante, na escuridão, ele vê o contorno de um corpo. O corpo de um garotinho, jogado de bruços sobre uma rocha.

Seu mundo parece desmoronar à sua volta. Ele se sente como se tivesse morrido.

Ele fica sem reação, incapaz de se mover, de respirar ou pensar. Ele entra em estado de negação, dizendo a si mesmo que aquele não poderia ser Jade. Mas ao se aproximar, ele sabe que não se trata de mais ninguém. Ajoelhando-se sobre o pequeno corpo, ele lentamente o vira para cima.

Caleb dá um grito horrível, como o de um animal ferido mortalmente. Seu grito preenche a noite e paralisa todo o coven, chegando até o céu.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Caitlin atravessa o céu colorido pelos raios do sol poente.

Depois de sua triste despedida de Caleb, ela tinha alçado voo e não tinha parado até então. Ela tinha chorado por algumas horas, mas agora, finalmente, as lágrimas tinham parado de correr, e estavam secas em seu rosto. Lentamente, ela chega a uma nova resolução. Como sempre havia sido em toda a sua vida, ela está completamente sozinha. Ela nunca tinha tido a oportunidade de realmente contar com o apoio de um pai, ou irmão, ou namorado.

Ela queria ter se despedido de Polly, e de Aiden e dos demais, mas não conseguiu fazê-lo. Ela sente que tem que se afastar de Veneza o mais rápido possível. Caitlin não suporta a ideia de estar tão perto de Caleb sem que ele se lembre dela – a dor é forte demais.

Ela sabe que precisa ir até Florença – sabia desde que havia chegado – e, embora não estivesse se dirigindo a nenhum lugar em particular, se vê voando na direção da cidade. Para o sul, a centenas de milhas de distância de Veneza.

Depois de algumas horas, depois que conseguiu parar de chorar, ela tinha se perguntado para onde estava indo – e foi quando percebeu que na verdade estava voando para Florença. Isso lhe parece a coisa certa a fazer; ela tinha seguido seu coração, o que tinha causado mais sofrimento.

Agora, ela precisa cumprir sua missão.

Ela se arrepende por não ter feito isso antes. Ela tinha sido egoísta; ela era, obviamente uma peça importante do jogo, e caberia a ela

desempenhar seu papel. Quanto mais ela pensa a respeito, mais a ideia de reencontrar seu pai lhe motiva a seguir em frente. Encontrá-lo é algo com que ela sempre havia sonhado, se a chave de tudo aquilo estivesse em Florença, é pra lá que ela iria, sem hesitação.

A única pessoa que ela se arrepende de ter deixado para trás sem ter se despedido é Blake.

Agora que Caleb está obviamente comprometido, ela pensa cada vez mais sobre a noite que tinham passado juntos. A dança, o passeio de barco; havia algo verdadeiro entre eles e ela tinha jogado a oportunidade fora. Ele nunca a perdoaria por isso, e ela gostaria apenas de ter tido a oportunidade de explicar-lhe tudo, de se despedir direito. Mas em seu atual estado emocional, ela não podia se permitir isso.

Ela tem dificuldade em entender os garotos, sempre tão confusos. Eles a deixam desorientada, incapaz de pensar com clareza. E sempre parecem distraí-la. Ela tem uma missão a cumprir, e tem que se manter concentrada, ficar sozinha tornaria tudo aquilo mais fácil.

Caitlin também se sente mal por ter deixado Rose para trás, mas antes de partir, tinha percebido a forte ligação de Rose com Jade. Ela estava em boas mãos; os dois obviamente tinham sido feitos um para o outro, e ao menos isso manteria a ligação entre ela e Caleb, por menor que fosse.

Caitlin ultrapassa algumas montanhas e, ao descer, vê diante dela uma paisagem magnífica: à distância, surge a cidade de Florença.

Ela mergulha ainda mais, e se põe a circular ao redor da cidade. Ela é grandiosa, diferente de todas as cidades que Caitlin já tinha visto. Situada em meio a um vale, cercada por montanhas, Florença é flanqueada rios, sobre os quais há pequenas pontes arqueadas. Os últimos raios de sol brilham no céu, o suficiente para que Caitlin tenha um visãõ geral da cidade.

Telhados vermelhos cobrem as pequenas casas, inclinados ligeiramente para baixo, dando a impressão de que a cidade é iluminada por tons de vermelho e laranja. Os prédios são baixos, a maioria apenas com alguns andares, e o horizonte é pontuado por uma variedade de igrejas.

Algumas destas igrejas têm domos, e outras, torres quadradas. A maior igreja da cidade se ergue além de todas as outras construções, e seu enorme domo laranja parece erguer-se a partir do centro da cidade.

Ao se aproximar do centro, ela vê grandes palácios e mansões, prédios gigantescos sobrepondo-se aos menores ao redor deles. Entre os prédios, a cada três ou quatro quarteirões, há praças abertas. Ela já consegue perceber que a cidade não é tão lotada quanto Veneza. Por sorte, parece haver espaço suficiente para respirar lá embaixo.

Caitlin circula a cidade pela terceira vez, absorvendo tudo. A arquitetura é linda, muito limpa e antiga; há estátuas nas praças e as pessoas caminham despreocupadas, enquanto outras cavalgam. Os rios ao redor da cidade estão vermelhos devido à luz do sol, e várias pessoas caminham pelas pontes.

Caitlin não sabe por onde começar sua busca.

Ela nunca tinha estado em Florença, e a cidade é bastante espalhada. Enquanto voa, ela espera que algum sentido obscuro seja ativado, alguma intuição ou, talvez, uma mensagem de seu pai.

Mas nada acontece.

Ela decide se aproximar da cidade por fora, de ter a experiência de entrar nela pela primeira vez. Ela também acha que seria inteligente não aterrissar no meio da cidade, onde poderia ser detectada.

Ela atravessa o rio quando começa a escurecer, e aterrissa na mata do outro lado. Caitlin caminha por uma estrada de terra, em direção à beira do rio. Sua preocupação imediata é encontrar abrigo e comida. Ela está com fome; não por comida, mas por sangue. Estar na floresta, no meio da mata, aumenta sua fome, ela pode sentir o cheiro dos veados que estão por perto.

Caitlin ouve um barulho na mata e ao se virar, vê uma família de veados atrás de uma moita, a não mais de 15 metros de distância. Ela parte para a ação, escolhendo um e correndo atrás dele.

Enquanto ele foge para um lado, e depois para o outro, ela o segue de perto. Ela se lembra do dia em que Caleb a tinha ensinado a caçar, em Salem. Ele a tinha ensinado muito bem: em poucos instantes, ela se vê pulando para cima de um pequeno veado, e enfia as presas no pescoço do animal. É um golpe fatal; o animal vai ao chão com Caitlin sobre ele. Ele se debate por alguns segundos e então para, enquanto Caitlin suga todo o sangue de seu corpo. Ao beber, Caitlin sente suas forças lentamente retornando.

E então, ela ouve um clique atrás dela – um clique alto e distinto. Ela imediatamente reconhece o som como sendo de um rifle.

Ela fica paralisada, e lentamente se vira.

Um caçador, vestido com elegância, está parado diante dela segurando um rifle apontado em sua direção.

“Não se mova,” ele a ordena, ameaçadoramente.

Caitlin ouve mais um barulho, e percebe que ele está acompanhado por um grupo de aproximadamente 30 humanos, todos com arcos apontados na direção dela. Ela está completamente cercada.

Ela não sabe o que fazer. Ela poderia facilmente matar alguns humanos, mas não quer lhes fazer mal. Ela não quer ser obrigada a passar todo seu tempo naquela cidade se escondendo, ou ser expulsa antes de descobrir o que precisa. Ela se vira devagar, erguendo os braços.

“Levante-se,” ele diz. “Fique em pé.”

Ela se levanta devagar, com as mãos para cima, debatendo sobre como reagir. Os caçadores atrás dele parecem prontos para atirar a qualquer momento. As flechas e balas não a matariam, mas certamente causariam bastante dor.

“Não lhes desejo mal,” ela diz.

“Sabemos o que você é,” dispara ele. “Um vampiro; sua raça não nos causa nada além do mal. Eu matei um de vocês ontem, mas aparentemente, não foi o suficiente.”

O homem arma seu rifle e, erguendo-o, aponta para a cabeça de Caitlin. Ela se dá conta de que ele está prestes a atirar.

De repente, há um barulho na mata, e todo o grupo se vira. Um vampiro acaba de descer, aterrissando atrás dele.

Caitlin fica surpresa ao ver que é Blake.

É a distração que Caitlin precisava. Antes que eles se virem para ela de novo, ela parte para cima do caçador, agarrando o rifle em suas mãos bem na hora que ele atira. Ela consegue erguê-lo o suficiente para que a bala passe por cima de sua cabeça, errando o alvo.

Ela arranca a arma dele, vira e bate com ela no maxilar dele, arremessando-o ao chão.

Blake também tinha atacado, derrubando três deles com um único golpe.

Os outros se viram para Caitlin e atiram, mas ela é mais rápida que eles, e salta no ar antes que a acertem. Ela desce com força, acertando um chute no rosto deles. Ela golpeia com o rifle e manda vários outros ao chão. Teria sido mais fácil matá-los, mas não é isso que ela quer.

Blake também está atacando, desferindo socos, pontapés e cotoveladas, nocauteando os caçadores restantes.

De todo o grupo, apenas um deles consegue atirar. A flecha perfura o braço de Blake, que dá um grito de dor.

Caitlin gira seu corpo, identifica o caçador e o chuta força, batendo com os dois pés no peito dele e arremessando-o com velocidade incrível para trás. O caçador bate no tronco de uma árvore e por azar, seu pescoço é perfurado por um galho, matando-o imediatamente.

Todos os outros humanos estão inconscientes no chão da floresta.

Caitlin corre até Blake, sentindo-se de alguma forma responsável por seu ferimento. Ele fica parado, segurando o braço, com a flecha ainda enfiada nele.

“Quebre-a,” ele pede, rangendo os dentes.

Caitlin hesita por um momento, e então quebra a flecha. Ele dá um grito.

“Agora puxe,” ensina ele.

Ela olha em seus olhos, incerta, mas ele assente com a cabeça, preparado.

Com um movimento rápido, ele arranca a flecha com toda sua força. Blake dá um grito quando ela atravessa mais uma vez o seu braço

ao ser removida. Sangue começa a escorrer por seu braço, e Caitlin estanca a ferida com as mãos.

Blake estica o outro braço, arranca uma tira de tecido de sua camisa com os dentes, e a entrega a Caitlin. Ela pega o tecido e o amarra em volta da ferida.

Finalmente, o sangramento para.

Blake se abaixa, pega a ponta da flecha e a examina contra a luz da lua.

“Como eu pensava,” ele diz. “A ponta é de prata. Esses homens não são caçadores comuns, são caçadores de vampiros. Procuram especificamente por pessoas da nossa espécie.”

Caitlin analisa a ponta da flecha e vê que ele tem razão. Ela olha para o seu braço, preocupada.

“Você vai ficar bem?” ela pergunta.

Ele afirma que sim, mas não a convence.

“Vamos sair daqui,” ele diz.

* * *

Caitlin fica ao lado de Blake no terraço, encostada contra a proteção de mármore. Do alto de uma colina, ela olha por cima da floresta, por cima do rio, observando a cidade de Florença.

Seus pensamentos estão confusos, ainda tentando processar como ela tinha chegado até ali, e tudo que tinha acontecido.

Ela não tinha esperado ser cercada tão rapidamente por um grupo de humanos, especialmente armados com armas capazes de machucar vampiros. Ela nunca tinha ouvido falar em caçadores de vampiros, e tinha sido tola em baixar sua guarda tão cedo. Ela

estava concentrada em Florença, e tinha ficado animada por estar ali – com muita fome, centrada em alimentar-se. Ela tinha cometido um erro estúpido.

Por sorte Blake estava lá, e vê-lo tinha sido uma surpresa e tanto. Ela havia pensado que ele a tinha esquecido, e que se pensava nela de alguma forma, era com raiva. Afinal de contas, ela o tinha deixado de forma inesperada quando ele tinha sido apenas gentil com ela.

Depois de seu encontro, ele a tinha guiado pela floresta, para cima da colina, até aquela mansão incrível. Ele havia explicado que o lugar era um palazzo. No alto da colina, a mansão tinha uma grande escada de mármore, com corrimão cheio de detalhes até chegar ao pátio em que se encontravam. A casa imponente, feita de mármore, ostenta enormes portas de carvalho maciço, e grandes janelas em todos os lados.

Blake a tinha levado até dentro da casa, e explicado que era uma de suas muitas propriedades. O lugar é esplêndido, digno de um rei – e com certeza seria melhor do que passar a noite na floresta.

Depois de organizar suas coisas e cuidar do ferimento dele, Caitlin tinha caminhado até o terraço, para tomar um pouco de ar, e pensar sobre tudo que havia acontecido. Ele a tinha seguido até ali, e agora estava ao seu lado.

Ela e Blake não tinham conversado muito, ambos ainda sofrendo pelo choque da batalha. Ele parece estar sentido dor, e Caitlin se sente mal por isso. Ela fica sensibilizada que ele tenha vindo atrás dela, que a tinha salvado. Quem sabe o que poderia ter acontecido se ele não tivesse aparecido.

Eles ficam ali parados, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

O silêncio se estende, e Caitlin começa e se sentir nervosa. Seu coração começa a bater mais forte, e ela não sabe o que dizer. Ela gostaria de agradecê-lo, mas não sabe por onde começar.

“Você veio até aqui atrás de mim?” ela pergunta com cautela, protegida pela escuridão.

Ele espera alguns instantes, e então assente com a cabeça.

“Por quê?” ela pergunta.

“Não consegui esquecê-la,” ele responde.

Ele se vira para ela.

“Nossa dança. Nosso passeio de barco. Achei que o que existia entre nós era verdadeiro.”

Ele olha nos olhos dela.

“Não era?”

Ela olha para ele, para seus olhos intensos, e vê que ele fala com sinceridade.

“Sim,” ela responde.

Seu rosto parece relaxar.

“Então por que me deixou?” questiona ele.

Caitlin suspira, tentando decidir como responder. Finalmente, ela simplesmente diz:

“Sinto muito.”

“Você sempre corre quanto está interessada em alguém?” ele pergunta, com um leve sorriso.

Ela devolve o sorriso.

“Agora que você tocou no assunto, creio que sim.”

“Isso é um mau hábito,” ele diz, abrindo ainda mais o sorriso.

Ele se vira e olha para a cidade, e ela o observa enquanto isso. Ele ainda é um mistério para ela; um homem de poucas palavras, e muito gentil. Ela pode sentir a intensidade dele, e isso a assusta. Ele parece ser o tipo de homem que vive no limite; um romântico incurável, alguém que sempre estaria envolvido em alguma relação apaixonante.

“O homem com que você conversou aquela noite,” Blake continua, “o homem com a criança. Você o conhece?”

Caitlin fica sem reação. Ela não sabe como explicar.

“É complicado,” ela diz.

“Você tem sentimentos por ele?” ele pergunta.

Caitlin pensa em como responder.

“Sim,” ela responde, com sinceridade.

Ela vê a decepção no rosto de Blake.

“Mas,” complete ela, “isso é parte do passado.”

Ele a encara, confuso.

“O que eu quis dizer é que... não estamos mais juntos.”

Pronunciar as palavras em voz alta lhe causa dor – mas mesmo enquanto fala, ela sabe ser está a verdade.

Blake olha para ela com a esperança renovada.

“Segui você até Florença na esperança de ouvi-la dizer isso,” ele diz. “Desde que a conheci, não consigo parar de pensar em você. A noite passada, visitei sua ilha, e Aiden me disse que você havia partido para Florença. Não sei exatamente por que você está aqui, mas sinto que está buscando algo. Quero ajudá-la, quero ficar com você.”

Ele se vira e dá um passo na direção dela.

Ela olha em seus olhos, para sua pele lisa e perfeita, e se encanta com sua presença ali. Ela é incapaz de resistir; ele olha para ela e acaricia seu rosto gentilmente. Caitlin fecha os olhos e se lembra da noite em Pollepel, e o mesmo sentimento que havia tido então toma conta dela com intensidade ainda maior.

Quando ele se aproxima, e seus lábios encostam-se aos seus, ela sente seu coração bater novamente; e retribui o beijo com igual intensidade.

Ela se derrete, e sabe que algo dentro dela está voltando lentamente à vida.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Caitlin acorda com a luz da manhã invadindo as enormes janelas do quarto. Ela estica o braço até o criado mudo, e pinga duas gotas do colírio em cada olho, fechando-os até que o ardor tenha passado.

Ela abre os olhos e olha a sua volta. Ela percebe que está deitada em uma enorme cama king-size, em um quarto gigantesco, com tetos altos, detalhes nas paredes e chão de mármore coberto por

um enorme tapete de pele de carneiro. Ela repousa sobre lençóis de seda, coberta por mantas e cobertores de qualidade e com a cabeça em um travesseiro inacreditavelmente macio. Ela nunca havia estado em um lugar tão suntuoso.

Ao olhar para o lado, percebe que não está sozinha. Blake está deitado ao seu lado, e ambos estão nus.

Ela tenta se lembrar; depois do beijo, eles tinham entrado, e passado a noite juntos. Tinha sido uma noite mágica, e pensamentos de Blake preenchem a sua cabeça; Uma parte dela, claro, ainda pensa em Caleb.

Mas essa parte está lentamente sumindo, tornando-se menor a cada minuto. Deitada ao lado de Blake, sentindo sua energia, ela sabe que está exatamente onde deveria estar naquele momento.

Caitlin fica deitada ali, examinando seu rosto, ainda adormecido, completamente em paz. Ela se pergunta há quanto tempo se conhecem, há quantas vidas já se conheciam.

Ela finalmente se arrasta para fora da cama, sentindo uma sensação agradável ao tocar seus pés diretamente no mármore, e se encaminha até a janela. Ela olha para cima: a janela tem quase dez metros de altura, com cortinas de renda que se movem com o vento.

Ela se inclina na janela e assiste o sol amanhecer sobre a cidade de Florença. O rio é iluminado, com um brilho fraco, e pássaros cantam ao redor dela.

Um vento forte sopra, refrescando-a naquela manhã quente de verão e afastando as cortinas. Elas balançam com o vento ao redor dela, e Caitlin sente a brisa acariciando seu rosto.

Caitlin olha ao longe, para Florença, e pela primeira vez em muito tempo, aguarda ansiosa o início de um, novo dia. Ela mal pode

esperar para explorar a cidade, continuar sua busca por seu pai e pelo Escudo, especialmente com Blake ao seu lado.

Finalmente, ela não está mais sozinha.

* * *

Caitlin e Blake, de mãos dadas, saem do palácio e se descem a longa escadaria de mármore. Ela se sente como uma mulher; havia tomado banho em uma banheira enorme, e colocado uma roupa que Blake tinha lhe dado. Ele na verdade tinha separado várias roupas para que ela escolhesse.

Ela tinha escolhido um conjunto simples, inteiramente preto e não muito apertado, elegante e que se encaixaria perfeitamente com o costume da época. Trata-se de calças pretas compridas, e uma camisa leve, de mangas compridas e também preta, tudo feito de um material sedoso. O conjunto ainda inclui um par de sandálias abertas.

Ela mal pode esperar a hora de se ver em um espelho.

Ela se pergunta por uns instantes por que Blake teria todas aquelas roupas, mas não quer perguntar, para não estragar o momento. Afinal de contas, ele tinha vivido milhares de anos, e é natural que ele tenha tido outros relacionamentos.

O fato não a incomoda, e ela se sente grata pelas roupas.

À medida que avançam pela estrada, na direção do rio, ela se alarga e fica mais movimentada, e eles ocasionalmente cruzam com uma pessoa ou cavalo. Eles se juntam à multidão, de mãos dadas; ela olha para o braço dele e fica feliz ao ver que sua ferida já havia cicatrizado.

Eles atravessam uma pequena ponte, cruzando o Rio Arno para chegar a Florença.

“A Ponte Vecchio,” Blake explica.

Caitlin olha para ele, que parece feliz e satisfeito, em seu próprio elemento.

“Ela é conhecida como a ‘ponte de ouro’. Vê os comerciantes? E as mesinhas? É aqui que eles vendem ouro. O melhor ouro de toda a Europa. Essa não é apenas a ponte de entrada de Florença, mas também o melhor lugar para se comprar joias.”

Ao atravessarem a ponte, que lhes dá uma bela visão da cidade, Caitlin observa de perto: há pequenas mesas ao longo da ponte e, ao redor delas, comerciantes e clientes examinam diversos itens de joia.

Ele segura em sua mão, e a leva até uma pequena cabine.

Ela olha para a mesa, e se surpreende ao ver que está repleta de pulseira, colares, anéis e pingentes de ouro... Todos brilhando sob a luz.

Caitlin toca em uma pulseira.

“Experimente,” ele diz, sorrindo.

Ela balança a cabeça e a coloca de volta.

“Eu só estava olhando, não tenho dinheiro.”

Ele pega a pulseira.

“*Por favor,*” ele pede. “Dinheiro não é problema para nossa espécie. Eu tenho dinheiro suficiente para mil vidas, e depois mais mil.”

Caitlin hesita.

Blake estica o braço e coloca a pulseira nela. O bracelete é fino e elegante, de ouro amarelo brilhante, incrustado de pequenos

pedaços de vidro do mar. Ele a faz lembrar o tempo que tinha passado em Pollepel, quando Blake tinha lhe dado aquele pedaço de vidro do mar. Ele lembrava também?

Mas a pulseira não cabe no pulso dela. Ele tenta abrir o fecho, mas ele não se move.

“Você precisa da chave,” diz o mercador.

Caitlin olha para o homem e nota que ele está segurando uma pequena chave. Blake pega a chave e a insere no fecho, que se abre. Ela fica encantada.

“Ela foi feita para ser aberta apenas com a chave,” explica o mercador. “Somente alguém que você ame pode ficar com a chave; e somente ele pode abri-la.”

Blake coloca a pulseira no pulso dela e a fecha, trancando-a. Caitlin tenta remove-la, mas não consegue.

Ela olha para a pulseira, observando-a contra a luz. Ela é linda, e o vidro do mar reflete todas as cores. Ela tem a sensação de estar usando um pedaço de Blake.

“Tem certeza?” ela pergunta.

Antes que termine de fazer a pergunta, Blake já pagou o mercador, que exhibe um largo sorriso. Ele pega em sua mão, e eles continuam caminhando sobre a ponte.

* * *

Caitlin fica encantada com a cidade de Florença; é um dos lugares mais lindos que ela já viu. As ruas são bem mais largas que as de Veneza, e não tão cheias. Fachadas coloridas de prédios, casas e lojas alinham a cidade... Pessoas elegantemente vestidas cumprimentam-se com seus chapéus quando se cruzam, e de vez

em quando um cavalo atravessa o caminho, andando vagarosamente. Há esculturas e fontes por toda parte, as ruas são feitas paralelepípedos e eles passam por pequenas praças enquanto caminham pelos quarteirões. A cidade é realmente iluminada.

“Então,” Blake pergunta, após caminharem em silêncio, “para onde vamos?”

“Preciso encontrar meu pai,” Caitlin responde. “É um antigo escudo; um escudo que ele sabe onde está.”

“Seu pai é da nossa espécie?”

Caitlin assente.

“Disseram que ele faz parte de um coven muito especial, mas eu não o conheci.”

Blake assente de volta.

“Isso é muito comum entre vampiros. Frequentemente, os pais abandonam seus filhos; é mais seguro assim. Dessa forma, se um dos pais for preso, ou morto, a criança está a salvo. Além disso, não é preciso que fiquem juntos: a ligação entre os pais e a criança é muito mais forte entre vampiros. Podemos nos comunicar por pensamento, há milhas e milhas de distância, e por sonhos.”

Isso mexe com Caitlin, e a faz pensar. Seus sonhos; as portas douradas.

“Na verdade, é isso que me trouxe até aqui,” ela diz. “Sonhei com meu pai – com lindas portas douradas. Era como... não consigo explicar, mas era como... como se ele estivesse apontando na direção de Florença. Eu tive a impressão de que as respostas estão atrás dessas portas. Elas são tão diferentes, tão altas e bonitas, e tinham algumas coisas esculpidas nelas.”

Blake para e olha para ela.

“Você está falando das portas do Batistério,” ele diz, sério.
“Estou certo de que não pode ser nenhuma outra porta.”

Caitlin arregala os olhos.

“Elas existem mesmo?”

“Sim, é claro,” ele responde. “É um dos lugares mais famosos de Florença.”

O coração de Caitlin bate acelerado de excitação.

Finalmente, algo tangível; uma prova sólida e irrefutável.

Blake segura sua mão.

“Siga-me.”

* * *

Ao caminharem pela Via Dei Calzaiuoli, ela se abre para uma grande praça, e Caitlin fica surpresa com a visão. Uma das maiores e mais imponentes igrejas que ela jamais havia visto surge diante deles. Ela é feita de uma pedra clara, completamente coberta por esculturas, estátuas e desenhos – e colorida em tons de verde e laranja.

Ela é cheia de detalhes, e enche os olhos.

A catedral se ergue atrás dela, com um grande domo laranja – que ela tinha visto quando se aproximou de Florença pela primeira vez, e que domina a vista da cidade. É um prédio elegante, obviamente um dos mais importantes ali.

“Nossa,” ela sussurra.

“O Duomo,” informa ele, “foi a principal igreja de Florença por centenas de anos. É impressionante, não é mesmo?”

E como, mas ela não vê as portas douradas.

“Mas as portas...” ela diz, “...aquelas não são elas.”

“Não,” ele responde, “as portas que você procura são do lado oposto ao Duomo; no Batistério.” Ele gira o corpo dela e aponta. “Olhe,” ele pede.

De repente, Caitlin vê. Ali, diretamente na frente do Duomo, há uma construção em forma de octógono, que parece pequena comparada ao Duomo, mas que ainda é bem grande, com quase cinquenta metros de comprimento e quase isso de altura. Assim como o Duomo, o Batistério é detalhadamente decorado, na mesma pedra e com as mesmas cores. Mas o que o torna especial, o que realmente chama a atenção, são suas magníficas portas: Em ouro reluzente, elaboradamente esculpidas, com figuras em toda sua superfície.

Exatamente como Caitlin tinha visto em seu sonho.

Seu coração dispara; é muito estranho ver algo na vida real com que ela tinha apenas sonhado.

Agora, mais do que nunca, ela sente que tinha sido um recado; que ela está prestes, mais uma vez, de encontrar seu pai.

Atordoada, ela se aproxima das portas e lentamente estende o braço, tocando-as.

É exatamente como ela se lembra. Ela não consegue acreditar na maciez do metal. Ela se encanta com as formas, o detalhe minucioso.

Blake se aproxima dela.

“Este é prédio mais antigo de Florença,” ele explica. “Foi construído em 1100; e as portas ficaram prontas após 21 anos de trabalho. Feitas a mão. Parece ouro, mas na verdade são feitas de bronze.”

Ela olha para cima e se espanta com a altura das portas. Ela analisa as figuras, as pequenas formas de pessoas, animais e anjos.

“Essas figuras,” Caitlin pergunta. “O que são elas?”

“São cenas bíblicas,” Blake responde. “O Antigo Testamento principalmente. Veja: aquele é Moisés, recebendo as tábuas da lei.”

Caitlin observa atentamente. Ela vê anjos, demônios, pessoas voando com asas... A imagem a faz pensar em sua espécie.

“Sim,” Blake diz, lendo seus pensamentos. “Nossa espécie também faz parte. Você acha que um humano teria esculpido estas portas? Essas portas foram feitas por alguém como nós.”

Caitlin as analisa, espantada.

“Meu sonho... ele me disse que meu pai estaria atrás destas portas.”

Blake abre uma delas.

Caitlin abre a outra, devagar. Ela é feita de ferro maciço.

“Vamos descobrir,” ele diz.

* * *

Está escuro dentro do Batistério, com a luz que atravessa os vitrais. Caitlin olha para o teto e ali, pode entender o efeito do formato octogonal do prédio. Os painéis do teto, pintados com afrescos coloridos contra um fundo dourado, formam uma ponta, com um pequeno círculo no centro. Seus passos ecoam no chão de

mármore à medida que caminham, e ela olha a sua volta e vê outras pessoas por ali. Turistas.

Apesar de sua beleza, Caitlin não consegue encontrar nenhuma mensagem ocular, nada de grande importância. É apenas uma construção vazia, com um pequeno altar no final. E seu pai, fica claro, não está em parte alguma.

Ela olha ao seu redor, diversas vezes, procurando alguma pista, alguma mensagem. Frustrada, ela acaba desistindo.

“Não estou vendo nada,” ela diz.

“Eu também não,” ele retruca.

Ela pensa mais um pouco.

“O que aconteceu no sonho, exatamente?” ele pergunta.

Ela considera seu sonho mais uma vez, tentando se lembrar de cada detalhe, perguntando-se se não teria esquecido alguma coisa. De repente, uma ideia lhe ocorre.

“E se a resposta não estiver atrás das portas?” ela pergunta, animada. “E se a resposta for a própria porta?”

Ele olha para ela, confuso. Ela pega sua mão e o leva até o lado de fora do prédio.

Eles ficam do lado de fora, diante das portas, enquanto ela analisa atentamente as figuras esculpidas. Ela circula a estrutura devagar, completando a volta e inspecionado cada detalhe. Cada porta tinha esculturas diferentes. Ela pode sentir a eletricidade cursando suas veias. Ela sabe que a mensagem está oculta em um destes desenhos.

Ela corre os dedos por cima das esculturas enquanto caminha, tentando sentir qual delas é a chave. Ela fecha os olhos, e circula a estrutura algumas vezes. Finalmente ela para, sentindo algo, e abre os olhos para ver.

Ali está: diante dela a figura de uma estrutura, uma igreja antiga com formato distinto, alta e com três triângulos em cima, diante dos quais há uma figura com asas, ajoelhada. Para os humanos, podia parecer um anjo, mas ela sabe que se trata de um de sua espécie. Ela tem certeza que é isso que ela procurava.

“Este lugar,” ela pergunta baixinho para Blake, quase ofegante. “Que lugar é esse?”

Ele se aproxima, analisando.

“Essa é a igreja Santa Croce, não fica muito longe daqui.”

Ela sente, mais forte do que antes. Seu pai está lá, e é para lá que ela deve ir.

Ela vira para ir embora e pega na mão dele.

“Vamos.”

* * *

O coração de Caitlin atravessa diversas emoções enquanto ela caminha pelas ruas de Florença com Blake. Ela sente que está cada vez mais perto de encontrar seu pai, e seu coração bate acelerado com essa possibilidade. Mas isso também levanta uma série de perguntas: Ele estava em Florença, esse tempo todo? O que ele estava esperando? Como ele era? Depois que ele lhe desse o Escudo, seria o fim? Ou passariam um tempo juntos, como pai e filha?

Acima de tudo, ele a amaria? Sentiria orgulho dela? Em seus sonhos, ela tinha essa impressão, mas essa é a vida real. As coisas seriam iguais? Ela também está ansiosa em relação a Blake. O simples fato de estar com ele, de mãos dadas, andando pelas ruas de Florença a acalma. Ela tinha ficado mal por causa de Caleb, e agora está feliz por ter um homem ao seu lado.

Tudo tinha acontecido rápido demais, e é difícil pensar com clareza ao lado dele, e ela ainda não tinha conseguido organizar tudo em sua cabeça.

Ela amava Blake por quem ele era? Ou gostava dele agora pela forma como as coisas tinham acontecido com Caleb? Ela quer entender, ter certeza de que realmente o ama de verdade; mas considerando seu atual estado emocional, é difícil ter certeza de qualquer coisa.

O que quer que haja entre eles, ela não quer que acabe. Pelo menos agora, parece ser a coisa certa a fazer, e ela o quer ao seu lado.

Mas ao continuarem caminhando pelas majestosas ruas de Florença, cada quarteirão mais romântico que o anterior, ela não consegue deixar de temer que tudo aquilo chegue ao fim. Ela gostaria de poder congelar o momento, fazer com que dure - mas sabe que, como com todas as outras coisas em sua vida, não poderia. Ela teme o que pode acontecer em seguida. E se seu pai estivesse realmente lá? O que seria de Blake? Ele ficaria? Ele estava pensando em ir com ela? Ou voltar para Veneza? Ela tem receio de perguntar, não quer saber a resposta.

Mas no fundo do coração, suspeita que uma parte dela já saiba a resposta: nada dura para sempre. Eles estavam vivendo uma história bonita juntos, mas eventualmente, ela encontraria o que procura, e ele teria que voltar para casa. Quando e como seria essa separação, ela não quer imaginar.

Ela quer apenas que dure. Só deseja que aquilo dure.

E isso estraga um pouco as coisas para ela. Ela queria esquecer os problemas, tirá-los da cabeça, e aproveitar o momento, apreciar o clima bom, a brisa, o passeio pelas ruas idílicas de Florença. E ela aproveita, apenas não tanto quanto gostaria.

Ela não consegue evitar a sensação de que está apenas no olho do furacão.

Ela também se preocupa pois, pela primeira vez em muito tempo, se sente à vontade. Ela gosta de Florença tanto quanto havia odiado Veneza. Ela se sente confortável na cidade com seus telhados vermelhos, abundância de arte, arquitetura incrível, fontes, rios, pontes... Pela primeira vez desde que tinha voltado no tempo, ela se sente realmente em casa e em paz. Ela gostaria de morar ali, gostaria de escolher um lugar, um bairro, uma época. Ela quer uma família, um marido, para chamar de lar. Tudo isso seria tirado dela?

Ao virarem em outra rua, eles chegam a uma praça com uma placa que diz "Santa Croce." É uma das maiores praças de Florença, com centenas de metros de extensão, cercada por lojas e cafés. Ela é dominada por uma grande igreja, quase tão grande quanto o Duomo, com uma cor parecida. Ela tem um formato distinto, que ela reconhece imediatamente dos desenhos das portas. É ali.

"A igreja de Santa Croce," Blake diz, olhando para a construção. "Um lugar muito especial. É o lugar de descanso de muitos eruditos, incluindo Michelangelo e Galileu. Há também um mosteiro."

Caitlin tem mais certeza que nunca. Os segredos que estava procurando, ela encontraria atrás daquelas portas.

Eles dão uma volta, observando todas as entradas. Ao passarem atrás do prédio, Caitlin nota que a estrutura se estende por centenas de metros, e vê, junto a ele, o mosteiro.

"Nossa espécie viveu aqui um dia, por milhares de anos," Blake diz. "Esse é um lugar muito especial."

“E agora?” Caitlin pergunta, com o coração acelerado. Ela se pergunta se seu pai estaria ali, naquele momento.

“Acho que não,” Blake responde. “Creio que tenha sido abandonado há centenas de anos.”

Caitlin encontra uma porta que dá acesso ao mosteiro. Ela estende o braço, pega o arco de metal e bate na porta. O som reverbera pelo pátio. Ela tenta abrir a porta, mas ela não se move.

Ela olha para Blake e ele faz um sinal com a cabeça. Ela olha para ambos os lados, e então chuta a porta, que é arremessada para dentro, aberta. Eles correm para dentro e a fecham atrás deles. Está escuro lá dentro, iluminados apenas pela luz do sol que atravessa a pequena janela. Os olhos de Caitlin precisam de alguns segundos para se ajustar. Quando ela finalmente consegue enxergar, vê a beleza do lugar. Como muitos mosteiros que ela já tinha visto, ele é feito de pedra simples, com tetos baixos e arqueados, um pátio, e várias janelas abertas ao longo da lateral. Um corredor estreito atravessa o pátio.

Enquanto caminham, Caitlin observa o interior do lugar, o pequeno pátio retangular, cercado por uma gramado bem aparado. Paredes arqueadas, típicas de mosteiros, cercam os quatro lados do lugar. O ambiente é tranquilo, sereno, e muito vazio. Ela sente que eles tem o lugar inteiramente para eles.

“Está vazio,” Caitlin diz, desapontada. “Não sinto a presença de meu pai. Não sinto nada.”

Eles passam por outro corredor. À medida que caminham, Caitlin percebe o quanto os Claustros de Nova Iorque, e o mosteiro em Isola de San Michele se pareciam. Eles eram tão medievais, tão simples e vazios.

“Sinto muito,” Blake diz, finalmente. “Ele não está aqui.”

Caitlin suspira enquanto analisa as paredes, procurando por um sinal. Nada.

“Ouvi rumores sobre este lugar,” Blake diz. “Um coven muito poderoso viveu aqui um dia. Há centenas de anos. Talvez seu pai tenha sido um membro.”

“Talvez,” Caitlin diz, procurando alguma pista.

Finalmente, ela se dá conta que não há nada ali para ser encontrado.

“Vamos ver a igreja,” ela diz.

* * *

Ao entrar na igreja de Santa Croce, Caitlin sente uma onda de energia. Ela fecha os olhos, e sente um formigamento nas mãos e nos pés, e uma eletricidade quase palpável no ar. Ela tem a impressão de que o que procura está neste lugar.

“O que foi?” Blake pergunta.

Ela permanece imóvel, e abre os olhos lentamente.

“É aqui,” ela fala. “O que ele quer que eu encontre está aqui. Nesta sala.”

Blake olha a sua volta, um pouco espantado, e Caitlin faz o mesmo. A igreja de Santa Croce é um feito arquitetônico incrível, o maior que Caitlin já tinha visto. A sala principal tem dezenas de metros de comprimento, com tetos quase da mesma altura. A sala enorme é alinhada por colunas, e todas as paredes são cobertas por afrescos. O chão é de mármore, e enormes vitrais permitem a entrada da luz.

Ao caminhar pela lateral da sala, Caitlin observa atentamente as paredes, admirada. Encaixadas nelas, em pequenas alcovas, há

sarcófagos.

Detalhadamente esculpidos, os sarcófagos se parecem bastante com os que ela tinha visto nos claustros em Nova Iorque. Eles parecem o local perfeito para o descanso de um coven de vampiros, e ela pode imaginar, no passado, eles vivendo ali. Na verdade, observando-os agora, ela tem a sensação de que vampiros podem surgir a qualquer instante de dentro de cada um deles.

Mas enquanto anda, o que realmente a impressiona é o chão. Ali, um pouco distante, há uma série de desenhos que surgem do chão. Ao se aproximar, ela percebe que é um grupo de túmulos, encravados no chão, formas humanas de mármore, saindo do solo. É como se chão fosse um cemitério vivo, como se os corpos estivessem se preparando para ressuscitar. Ela pensa novamente nos sarcófagos nos claustros de Nova Iorque, e tem certeza que este é um lugar sagrado para os vampiros.

Ela sente uma energia saindo de um deles, e se aproxima para ler a dedicatória. Seu coração se aflige.

“O que foi?” Blake pergunta, chegando mais perto.

“Esse sarcófago,” Caitlin diz. “O nome escrito nele. Elizabeth Payne.”

Blake olha para o sarcófago, e então para Caitlin.

“Quem é ela?” ele pergunta.

“Minha mãe,” ela diz, encarando o sarcófago. “Dizem que vampiros podem ser enterrados em muitos lugares. Esse é o segundo túmulo dela que vejo.” Ela olha atentamente a sala. “Não sei o que isso significa, mas sei que estou no lugar certo.”

Caitlin olha tudo naquela sala com novos olhos. Ela analisa os afrescos, as estátuas, o altar, os sarcófagos, procurando por alguma

coisa, sem saber exatamente o quê. Mas ela está certa que saberia assim que encontrasse.

E então, ela acha.

Ela não consegue acreditar. Ali, no centro da sala, ao lado de uma enorme coluna de mármore, há uma escada circular de pedra, que sobe aproximadamente 5 metros até um amplo púlpito de pedra. Ele se parece exatamente com o púlpito de King's Chapel, em Boston. O púlpito onde ela havia encontrado a Espada. Mas esse aqui é maior, e inteiramente escavado na pedra.

Ao observá-lo por mais uns instantes, Caitlin tem certeza que a resposta que procura está lá dentro.

Ele se sente atraída para o lugar, como um ímã, e se encontra de repente subindo as escadas.

Enquanto Blake observa, ela sobe cada vez mais alto, até finalmente chegar ao topo.

No topo da escada há uma pequena área circular e, daquela altura, Caitlin tem uma bela visão da igreja. Ela se pergunta quantos padres já tinham ficado ali, naquele mesmo lugar, durante os anos.

Ela examina as pequenas paredes de pedra e as beiradas, procurando por uma pista, qualquer coisa. Lembrando-se do púlpito de Boston, ela estende os braços e passa as mãos pelas paredes, procurando um compartimento secreto.

De repente, seus dedos passam por algo que não lhe parece exatamente certo. É uma pequena rachadura, bem no meio do mármore. Ela enfia um dedo, analisando a lateral da fenda, procurando uma manivela secreta.

E ela encontra: uma pequena manivela, que ela empurra com todas as suas forças. Quando faz isso, ela ouve um barulho de

ar comprimido, liberado pela primeira vez em centenas de anos. Ela empurra uma pedra e encontra, de fato, um compartimento secreto naquele lugar.

Ela olha para dentro e seus olhos se abrem, surpresos. Ela fica extremamente chocada com o que vê. Mas antes que ela possa reagir, Caitlin sente que está presa. Desorientada, ela olha para cima, tentando entender o que está acontecendo, e ao fazer isso, ela vê a rede de prata, surgindo praticamente do nada, prendendo-a, cercando-a por todos os lados. Ela vê uma dúzia de vampiros se aproximando dela, e sente seu corpo caindo no chão.

Ela olha para cima de novo, e a última coisa que ela consegue ver é Kyle, parado em cima dela, com metade do rosto desfigurado e sem um dos olhos. Ele olha para ela com um sorriso cruel nos lábios. Ele ergue sua bota, mirando a cabeça dela, e ela consegue vê-la se aproximando, chegando cada vez mais perto. E então seu mundo se transforma em escuridão.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Caleb fica no fundo da gôndola funerária, com a postura rígida e o peito estufado, demonstrando o máximo de dignidade que consegue demonstrar.

Deitando no barco diante dele, coberto por um manto preto, está o corpo de seu querido filho. É um barco apenas para os dois, uma gôndola funerária comum, completamente preta, e um pouco mais comprida que o normal.

Sera não se juntaria a ele. Ela tinha ficado inconsolável, e tinha culpado Caleb. Embora ele tivesse pedido a ela que ficasse com Jade, ela estava sendo irracional, e estava atribuindo toda a culpa a ele. Ela tinha se recusado a comparecer à cerimônia, se recusado a ficar na presença dele.

Ela tinha insistido no divórcio.

Ele está confuso. Muitas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo, mas com certeza seu maior sofrimento é em relação a Jade. Ele e Sera já não estavam bem ultimamente, e ele já sentia que o divórcio seria mesmo inevitável. Mas Jade - é algo completamente diferente, sem comparação.

Caleb faz o possível para segurar as lágrimas, mas seu esforço é inútil. Ele amava esse garoto mais que jamais conseguiria expressar, tinha colocado todas as suas esperanças e sonhos e desejos nele. Vampiros não podiam engravidar, e este garoto tinha sido fruto de seu relacionamento com Sera antes dele tê-la transformado. A união tinha sido ilegal, e depois havia recebido a aprovação de todos, e portanto Caleb era um dos poucos vampiros que de fato tinham filhos. E ele jamais teria a chance de ter um filho como ele novamente, ele sabe disso. Enquanto navega, e observa o pequeno corpo, ela sabe que todos os seus sonhos e esperanças serão enterrados com ele.

Mais do que isso, ele realmente amava o garoto. Ele tinha o espírito de um guerreiro, um coração maior do que o de qualquer adulto que Caleb já tinha conhecido. Caleb tinha tido orgulho em ser pai dele, mas também por tê-lo como amigo, companheiro nesta vida. Caleb fica arrasado por saber que nunca mais iria vê-lo. Ele sentiria falta de acordar sabendo que ele estaria ali, de sua companhia, das conversas que tinham. É como se uma parte de Caleb tivesse sido arrancada dele.

Ao lado de jade, também coberta por um manto preto, está Rose. Mesmo durante o pouco tempo que tinham passado juntos, os dois tinham uma ligação mais forte do que qualquer outra que ele já tinha testemunhado. Ele sabe que o garoto gostaria que fossem enterrados juntos.

Enquanto Caleb rema, todo o seu coven rema com ele, centenas de gôndolas funerárias, todas pretas, bem atrás dele. Samuel é o mais próximo.

Todos eles remam solenemente na direção da Ilha dos Mortos.

Quando chegam à ilha, os portões se abrem para recebê-los. É raro que dois covens se unam por qualquer motivo, mas nesse caso, todos estão unidos.

Mais dezenas de gôndolas funerárias os aguardam. O coven de Aiden está ansioso para acompanhá-los, para mostrar sua solidariedade. Aiden segue na gôndola da frente. Quando Caleb passa entre eles, eles o acompanham.

Ao chegarem até o pedaço de terra reservado para Jade, todos eles, como um grupo, acompanham o garoto e Rose até seu último lugar de descanso. Sinos tocam e lamentos de tristeza são ouvidos.

Aiden comanda o ritual do enterro vampiros, enquanto Caleb cuida da escavação.

"...para ressuscitar um dia," Aiden termina o cântico, "com a Graça divina."

Caleb fica parado, com lágrimas nos olhos, sentindo-se em um sonho, sem contato com a realidade.

Várias pessoas se dirigem a ele, tentando oferecer conforto, mas ele não está disposto a isso. Enquanto Caleb fica ali parado, a tristeza lentamente se transforma em raiva, em um ódio latente. Seu

garotinho havia sido morto. Ele não tinha morrido acidentalmente, mas assassinado de maneira deliberada. É o trabalho de algum coven do mal, um que está interessado em destruir Caleb, e que tinha encontrado no garoto uma oportunidade. Caleb quer vingança. Ele precisa de vingança.

E ele não está sozinho. Todo seu coven exige vingança também, assim como o coven de Aiden. O ataque havia sido contra todos eles, e a situação é totalmente inaceitável. Os covens estão unidos. Caleb finalmente limpa a garganta, e fala em voz alta.

“Meus companheiros,” ele começa, “o que aconteceu hoje foi um ataque não somente a mim, ao meu filho, mas um ataque a todos nós. Um coven sombrio coordenou este ataque, esta invasão da nossa costa, e temos que responder à altura. Hoje partirei para vingar-me deste horrível e injustificável assassinato. Para vingar-me em nome de todos nós. Se necessário, irei sozinho. Mas convido todos vocês a virem comigo, para buscarmos vingança pela morte cruel e impiedosa de meu filho inocente. “Alguém de vocês vai me acompanhar?”

Um grito de aprovação é ouvido, e o coração de Caleb é acalentado pelo enorme apoio.

“Então voem comigo agora!” ele grita.

Com isso, Caleb dá três passos e alça voo, sozinho. Após alguns instantes ele ouve o barulho de milhares de asas batendo. É um exército inteiro, mobilizado para a guerra.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ao tentar abrir o olhos, Caitlin percebe que está com um dor de cabeça terrível. Ela levanta a cabeça devagar e olha ao seu redor, tentando descobrir onde se encontra. Ela pisca algumas vezes, e percebe que está encolhida no chão de uma de pedra cela.

Há uma pequena janela gradeada, bem no alto, e ela sente que as barras são feitas de prata, tornando uma eventual fuga impossível. Um raio de sol atravessa a janela de certo ângulo, iluminando seu rosto, e Caitlin fecha os olhos de dor. Ela rola para o lado, distanciando-se.

No canto mais escuro, Caitlin respira, sentando-se devagar, tentando se controlar. Sua cabeça parece que vai explodir enquanto ela tenta se lembrar.

Ela se lembra de estar em uma igreja. A Santa Croce. Ela se lembra de que estava com Blake, subindo até o púlpito. Ela consegue lembrar que tinha encontrado um compartimento secreto, e aberto ele...

E então uma rede tinha sido jogado sobre ela, derrubando-a. E depois Kyle, havia olhado para ele, com seu rosto asqueroso, e a chutado.

Ela senta mais ereta e observa o lugar, sentindo uma dor latejante no maxilar. Ela está em uma espécie de prisão, provavelmente a mando de Kyle, e se pergunta há quanto tempo estaria ali.

Sua garganta está seca, e ela se sente fraca. Ela tenta ouvir, e ao longe, escuta o que parece ser um grito de comemoração, seguido de uma vibração que balança o chão. Ela se pergunta o que estaria acontecendo.

Ela também quer saber por que está viva. Por que Kyle não a tinha matado? Ele não costuma mostrar compaixão. O único motivo

porque ele a deixaria viva seria se planejasse torturá-la. Caitlin engole em seco.

Ela se pergunta como tinha se envolvido nessa confusão. Tudo estava indo muito bem, ela estava passando alguns dias idílicos em Florença, ficando mais perto de encontrar seu pai, todas as pistas levando a uma única direção. Ela estava tão certa de estar no caminho correto, quase na linha de chegada.

Mas tudo tinha dado errado rapidamente. Mas como? Ele não tinha sentido a presença de Kyle, ou de qualquer um de seus companheiros, em momento algum. Ele tinha conseguido pegá-la de surpresa bem rápido. Como ele a tinha encontrado? Ele a estava seguindo o tempo todo?

Caitlin se pergunta como isso seria possível. A única pessoa que sabia onde ela estava era Blake.

Blake.

De repente, seu coração se sobressalta. Teria Blake levado ela até Kyle? Ela a tinha enganado esse tempo todo?

Seu coração se aperta ao considerar essa possibilidade. Isso a magoa mais do que qualquer coisa que ela pode imaginar.

Tinha que ser isso. Ela havia sido traída. Ela não consegue enxergar outra possibilidade, outra explicação para tudo aquilo. Não havia outro modo para que Kyle a tivesse encontrado. E o que teria sido de Blake? Ela não se lembra de vê-lo sendo capturado na igreja. Está certo, ela não tinha conseguido ver muita coisa pois foi capturada logo. Mas ela não se lembra de tê-lo ouvido gritar, ou chorar.

E se Blake tivesse sido capturado, ele não estaria ali, junto com ela, na prisão?

“Blake?” ela chama.

Ela limpa a garganta, se levanta e grita:

“Blake!”

Seu grito ecoa pelas paredes vazias das câmaras, como se querendo atormentá-la. Nenhum resposta. Isso resolvia as coisas. Ele a tinha traído.

Ela se sente tola por amá-lo. Ela se sente enganada e traída. Estúpida.

Caitlin de repente ouve o barulho de uma porta de ferro se abrindo, seguido de passos. Ela fica em pé em um canto e espera, preparada para lutar por sua vida se fosse preciso.

Mas ela tem a impressão de que seria inútil.

Kyle não é o tipo de homem que faz qualquer coisa sem planejar. Conhecendo ele, ela sabe que ele provavelmente tem planos alternativos para mantê-la presa, para torturá-la ou matá-la. Sua chance de escapar, ela sabe, é quase nula.

Kyle de repente aparece. Ele surge do outro lado da grade de prata, a encara e sorri. Na verdade é mais como uma careta.

Kyle certamente já tinha visto dias melhores.

Metade de seu rosto está desfigurado, e ele agora também está sem um dos olhos. Ele tem a aparência repulsiva, grotesca.

“O que acha de seus novos aposentos?” ele pergunta.

Caitlin não diz nada, e simplesmente o encara de volta. Por fim, ela cospe no chão, na direção dele.

Ele ri - uma risada cruel, assustadora.

“Você tem razão,” ele diz. “Blake nos levou até você. Como um bezerro ao matadouro. Como você pôde ser tão inocente? Bem, finalmente, estou por cima. Você tem sido uma pedra em meu caminho desde que consigo me lembrar. Graças a você, meu rosto é desfigurado dessa forma. Este foi meu castigo por tê-la deixado escapar... Mas não desta vez.”

Caitlin consegue sentir o mal emanando dele, como uma coisa tangível. Ela tem a terrível sensação de que estes podem ser os últimos momentos de sua vida, e se prepara mentalmente para aceitar seu destino.

“Antes que eu a mate,” Kyle continua, “Quero que saiba que sou um homem muito bom. Vou lhe oferecer duas opções. Você pode morrer rapidamente, de maneira fácil e indolor - ou lentamente, uma morte bruta. Você ainda pode escolher a primeira opção, se fizer o que eu mandar. Caso contrário, não tenha dúvidas: seu fim será mais do que apenas doloroso.”

“Não tenho medo de morrer lentamente,” Caitlin responde com desprezo. “Eu preferiria morrer um milhão de mortes infernais que fazer qualquer coisa que você peça.”

Kyle abre ainda mais seu sorriso.

“Você é meu tipo de garota,” ele diz, lambendo os lábios. “É uma pena que eu e você não tenhamos tido a chance de ficar juntos. Formaríamos um casal esplêndido.”

A simples ideia lhe causa nojo.

“Eu preferiria morrer,” ela responde.

Ele dá uma risada.

“Não se preocupe, você vai morrer. Muito em breve. Mas antes que morra, lhe farei uma oferta. Me entregue o objeto que encontrou no

púlpito. Nós procuramos, e não encontramos nada. Diga-me o que fez com ele, onde conseguiu escondê-lo antes que a prendêssemos. Você o quebrou? Engoliu? O que era? Conte-me, e lhe pouparei. Na verdade, se eu gostar da resposta, pode ser que a deixe ir.”

Caitlin pensa, esforçando-se para lembrar. Ela tenta, mas sua cabeça ainda está confusa. De que objeto ele está falando? O que ele acha que ela tinha encontrado?

Lentamente, ela começa a recordar; o que ela tinha encontrado no compartimento secreto. Kyle não tinha visto, então obviamente pensava tratar-se de um objeto. Que idiota.

O que ele não sabe, e o que ela jamais lhe contaria, é que não havia objeto algum. O que ela tinha encontrado era uma mensagem. Inscrita na pedra. Uma mensagem apenas para ela: A Rosa e o Espinho se encontram no Vaticano. Ele nunca entenderia o seu significado, e ela nunca lhe contaria.

Agora, ela está satisfeita. Deixe que ele pense que existe um objeto misterioso.

“Sim,” ela mente, “Realmente encontrei um objeto. E o destruí com minhas próprias mãos. Da mesma forma que destruiria você, se você fosse homem o suficiente para abrir essa grade e me dar uma chance,” ela dispara, desafiadoramente.

A princípio, ele faz uma careta, mas então abre um largo sorriso.

“Você não me decepciona,” ele diz. “Bem, ao menos eu tentei. Agora vem a melhor parte. Vai ser divertido ver você morrer lentamente e de maneira cruel. Na verdade, vou me certificar de sentar na primeira fila.”

Caitlin de repente ouve outro grito de comemoração, ainda mais alto, e sente toda a cela tremer. Ela se pergunta mais uma vez o que seria aquilo, e onde ela estaria.

“Você ainda não faz ideia que lugar é esse, não é mesmo?” ele pergunta. “Não, posso perceber que não sabe. Você está cinquenta metros embaixo da terra, no porão do Coliseu. Acima de nós, o estádio está sendo usado. Pelo grande Conselho Vampiro. Há milhares de nós, lá em cima, assistindo os jogos. Assistindo as lutas brutais entre vampiros contra humanos, humanos contra humanos, e vampiros contra vampiros. As lutas nós dão a oportunidade de testemunhar brutalidades além do que qualquer coisa que poderíamos imaginar. É um dos nossos esportes favoritos.”

Ele se aproxima tanto da cela que ela consegue sentir seu hálito horrível.

“E você sabe quem será o próximo a participar do show?” Kyle pergunta.

Ela dá outra risada.

“Você imaginou que morreria aqui, de todos os lugares?”

Kyle se vira para ir embora, mas antes que o faça, ele para e a encara.

“A propósito,” ele fala, “um presente para você.”

Ele joga algo entre as barras da grade, e o objeto cai no chão da cela dela.

Caitlin olha para baixo: parece ser um pequeno colar de prata. Parece ser o colar dela.

“Enquanto o garoto morria, ele chamou pelo seu nome. Ele parecia realmente gostar de você. Pena que você não estava lá para protegê-lo,” Kyle diz com uma risada, e então vai embora.

Caitlin para de respirar ao se abaixar para pegar o colar. Ela o observa atentamente, torcendo para que não fosse realmente o seu

colar.

Mas era. O colar que ela tinha dado a Jade.

Não havia outra forma para que Kyle tivesse conseguido aquilo, a não ser que fosse verdade. A não ser que realmente tivesse matado Jade.

Caitlin sente um a tristeza maior que qualquer sofrimento que já tinha experimentado. Ela deita no chão, na posição fetal, e chora desconsoladamente. Seu choro aumenta, e gradativamente se mistura ao som dos gritos de comemoração acima dela.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Caitlin está acorrentada em pé, diante da entrada do Coliseu. Ela tinha sido arrastada até ali por dois guardas vampiros, que tinham prendido suas mãos em correntes ainda na cela, e a guiado por escadas de pedra e uma rampa, até aquele local. Agora que ela se encontra nos níveis superiores, tendo passado pela rampa; agora que está realmente ali, e observando tudo, percebe que a vista é deslumbrante. E assustadora.

Ela tinha ido a um jogo de baseball certa vez, e se lembra da sensação de andar por um túnel e chegar as arquibancas pela primeira vez, tendo a visão completa do estádio e sendo vista por milhares de espectadores. A situação a faz lembrar aquela ocasião. Mas em maior escala. Essa é a maior e mais assustadora experiência que ela já tinha tido.

Diante dela, está o Coliseu, uma arena gigante feita inteiramente de pedra. A pedra é velha e deteriorada, e obviamente já tinha vivido seu auge há milhares de anos. Mas o coven vampiro conseguia dar-lhe vida de novo. Eles não parecem se importar que as arquibancadas estejam em ruínas. E tinham conseguido cobrir o chão destruído com uma nova cobertura, transformando as ruínas em um Coliseu em funcionamento.

Dezenas de milhares de vampiros do mal estão sentados nas arquibancadas, olhando para baixo, torcendo. Caitlin se surpreende ao perceber a profundidade da arena do Coliseu, dezenas de metros abaixo da superfície, em um emaranhado de túneis, armadilhas e compartimentos. O chão que tinham colocado em cima dela é coberto de sujeira e poeira, que formam nuvens visíveis contra a luz do sol. Os dois guardas vampiros a empurram, fazendo que atravessasse a porta de entrada, chegando até o piso principal.

Gritos são ouvidos quanto Caitlin aparece na arena. O sol arde sobre ela, e ela fecha rapidamente os olhos, tentando se localizar. Os guardas soltam suas correntes e a empurram com força, arremessando-a para dentro do estádio, rolando no chão.

A multidão dá outro grito de comemoração.

Caitlin se levanta e olha à sua volta, seus olhos lentamente se acostumando com a claridade. Ela está sozinha, observada por milhares de vampiros maléficos que erguem seus pulsos cerrados. Ela analisa as arquibancadas e vê, em uma área especial mais alta, Kyle. Ao lado dele está o Grande Conselho, velhos vampiros decrepitos vestindo mantos e capuzes pretos.

O do centro dá um passo à frente e ergue as mãos, e a multidão se silencia.

“Meus caros vampiros,” ele diz, pausando dramaticamente. “Que comecem os jogos!”

Outro grito de comemoração sacode o Coliseu.

Caitlin ouve um barulho metálico, e depois outro, e ao olhar para baixo percebe que os guardas tinham jogado armas nos pés dela. Ela pega um escudo, uma espada e uma lança, que ela enfia em seu cinto. Ela está vestindo uma túnica rústica e simples, de tecido grosso que machuca sua pele.

Ela mal pode acreditar que aquilo esteja acontecendo. Esse vampiros doentios pretendem matá-la lentamente. De alguma forma, tinham conseguido recriar o esporte cruel dos gladiadores que as pessoas daquele lugar costumavam praticar a milhares de anos. Fraca, cansada e confusa, ela se sente desesperada, e se pergunta o que poderia fazer para sobreviver.

Antes que Caitlin tenha a chance de pegar todas suas armas, um dúzia de guerreiros enormes, musculosos e com armaduras completas, partem para cima dela, todos com armas superiores às dela.

Caitlin pode sentir, enquanto eles se aproximam, que são todos humanos. Mesmo assim, parecem ser ótimos guerreiros, experientes, e parecem já ter feito isso muitas outras vezes antes. E tinham conseguido sobreviver.

Eles correm na direção dela, soltando gritos de guerra, obviamente sedentos por sangue.

Caitlin focada, se concentra. Ela tenta se lembrar de tudo que Aiden tinha ensinado, todas as técnicas que havia aprendido em Pollepel. Ela tenta respirar, encontrar a paz no meio da tempestade.

Ela espera, como uma guerreira disciplinada.

Quando chegam a alguns metros dela, ela salta repentinamente no ar, bem alto, e dá uma pirueta sobre suas cabeças, aterrissando com

destreza atrás deles. Ela gira seu corpo assim que toca no chão, e corta a cabeça de três deles.

Os outros começam a correr, tropeçando em suas próprias pernas, caindo no chão de terra e derrubando uns aos outros.

A multidão grita de alegria e surpresa.

Os guerreiros remanescentes se viram e a encaram, indignados. Eles a atacam novamente.

Desta vez, ela fica e os enfrenta. Ela luta contra eles, golpe a golpe. Eles são fortes, e quando uma de suas espadas acerta seu escudo, ela sente o impacto do golpe reverberar por todo seu corpo. Mas ela se defende bravamente. Afinal de contas, ela é mais rápida que qualquer um deles. Ela ainda é uma vampira, afinal.

Apesar das aparências, a luta é injusta. Eles são humanos, e caem como humanos. Provavelmente eram apenas a primeira tentativa do Grande Conselho, para aquecê-la, cer se poderia aguentar a primeira onda de guerreiros. Ela leva alguns golpes, mas nada sério o suficiente para tirá-la da luta.

Dentro de minutos, os doze guerreiros foram reduzidos a um monte de corpos ao redor dela. Ela fica ali, vitoriosa, e a multidão se silencia, e então fica em pé e a aplaude.

Mesmo de onde está, Caitlin pode ver que Kyle e o Conselho não ficam satisfeitos com isso.

“Libertem os leões!” grita o líder do Conselho.

Um grito de aprovação é ouvido, e Caitlin torce para que não seja o que ela está pensando.

Para seu desespero, é exatamente isso. Uma câmara lateral do Coliseu se abre, e dez leões avançam na direção dela. Eles são

enormes, leões adultos, mais rápidos do que ela tinha imaginado, com garras compridas e presas afiadas. Eles ganham velocidade a cada passo.

Caitlin estica o braço e pega sua lança curta, e a arremessa para cima do leão que parece ser o líder. Ela o acerta em cheio, bem no meio dos olhos. Ele cai.

Mas os outros não param de correr. Ela salta no ar quando um deles está prestes a atacar, pulando mais alto que o leão e, quando faz isso, enfia a espada em sua juba, na parte de trás do pescoço. Ele também vai ao chão.

Ela aterrissa nas costas de outro leão, estica o braço e corta o pescoço dele, fazendo com que também caia no chão com ela em cima.

Outro leão a ataca por trás, derrubando-a, e suas garras perfuram-lhe as costas, causando dor.

Deitada no chão, ela vira, e corta a cabeça do leão com sua espada.

Os outros a atacam também, mas ela é rápida demais para eles. Ela sofre alguns arranhos, e um corte de uma das presas, mas com sua espada ela consegue, depois de uma luta sangrenta, matar o restante deles.

Mais uma vez, a multidão grita em sinal de aprovação.

Ela olha para cima e vê que Kyle e o Conselho estão com mais raiva do que nunca. Ela tem a impressão de que eles não esperavam que ela durasse tanto.

O líder do Conselho se vira para Kyle, e ele assente com a cabeça, sério. O juiz faz o sinal de positivo com o dedo, e então o vira para baixo.

Quando faz isso, uma enorme porta de metal se abre, e de dentro sai um único guerreiro. Ele veste uma armadura completamente preta e um capacete, e segura uma espada e um escudo.

Caitlin pode sentir, mesmo de longe, que ele não é um guerreiro humano. Ele é um vampiro, e um vampiro formidável. Isso a assusta mais que todo o resto.

Além disso, ela já consegue sentir que esse não é um vampiro comum. É alguém que ela conhece. Mesmo à distância, ela pressente isso. E então, ela percebe: É Blake.

Blake.

Ele ergue o capacete, e a encara. O coração de Caitlin se aperta de tristeza quando ela o vê. Então, ela pensa. É verdade. Ele a tinha mesmo traído.

Blake balança a cabeça.

“Caitlin!” ele grita. “Eu não a traí, eles me capturaram também. Eu juro. Eu não os levei até você.”

“Então por que está aqui agora, pronto para lutar contra mim?” Caitlin pergunta.

“Fui forçado a vir até este estádio,” ele responde, gritando. “Mas não lutarei contra você. Como já disse a eles antes.”

Blake caminha até o centro da arena e encara Kyle e os juízes, jogando seu escudo, capacete e espada no chão.

“Eu NÃO lutarei contra ela!” ele grita na direção deles.

A multidão expressa seu descontentamento.

Caitlin fica chocada com os últimos acontecimentos. Seria algum outro truque? Ele estava tentando enganá-la de novo? Ou ela

estava enganada em relação a ele? Ele tinha sido fiel durante todo o tempo? Agora, ela não tem mais tanta certeza.

O juiz fica em pé.

“Se você não lutar contra ela, sofrerá uma morte inimaginável!” ele grita. “Faça sua escolha!”

“Mate-me como quiser,” Blake dispara. “Nunca lutarei contra ela!”

A multidão grita mais uma vez, e o juiz faz um sinal para os guardas.

De repente, Caitlin sente que está sendo acorrentada por trás por vários guardas, com algemas de prata que a tornam incapaz de resistir, enquanto é arrastada para fora da arena do estádio. Ela enfia os pés no chão, tentando resistir, mas é inútil. Eles a arrastam para uma cela lateral.

Ela observa Blake, parado ali, desafiando o conselho. E naquele instante, ela percebe. Não é um truque. Ele nunca a tinha traído. E não só isso, está se preparando para sacrificar sua própria vida por ela.

E ainda pior, ela o tinha colocado naquela situação: se ele não a tivesse acompanhado em sua missão, estaria são e salvo em casa naquele momento. Ela se sente ainda mais culpada. E se sente mal por tê-lo julgado tão mal, presumindo o pior. Por que ela não lhe tinha dado o benefício da dúvida?

Enquanto fica presa na cela, incapaz de fazer qualquer coisa, ela vê uma porta lateral do Coliseu se abrindo, e duas dúzias dos vampiros mais cruéis que ela já tinha visto entram pela porta e saem em disparada, na direção de Blake.

Blake se vira rapidamente e se apressa para pegar sua espada e seu escudo.

Ele os encara, preparado para enfrentá-los. Eles avançam com todas as suas forças, atacando-o com ferocidade. Ele se defende com destreza, derrubando vários deles de seus cavalos. Logo, a maior parte está no chão, partindo para cima dele de todas as direções, e ele luta com a habilidade do guerreiro experiente que é. Ele mata dois deles com um único golpe. Mas ele está em menor número. Enquanto Caitlin observa, com o coração partindo, ela nota que ele está ficando mais fraco, com vários cortes pelo corpo. Não parece que ele irá vencer.

Caitlin sente a injustiça de tudo aquilo, e é tomada pelo ódio. Uma onda de calor toma conta dela, dos pés à cabeça, e ela sente uma força sobrehumana. Ela se esforça para ser mais forte do que jamais tinha sido e com um movimento forte, estica os braços e rompe as correntes.

Ela salta sobre a parede, agarra suas armas e corre na direção de Blake.

A multidão grita em sinal de aprovação, ficando em pé.

Caitlin ataca o grupo de vampiros que cerca Blake. Um vampiro, montado a cavalo, está prestes a esfaquear Blake por trás, e Caitlin prepara sua mira e arremessa sua lança; ela atravessa o pescoço do vampiro, que cai de cima do cavalo, morto.

A multidão vai à loucura.

Ela pega a espada do vampiro caído, salta sobre o cavalo e ataca os demais, golpeando com a espada enquanto avança.

Sua raiva se acumula cada vez mais, e Caitlin sente uma força primitiva diferente do que tinha sentido antes. Ela ataca sem piedade, desferindo golpes em um turbilhão de destruição.

Dentro de minutos, ela consegue matar vários dos vampiros ao redor de Blake.

Ela desce do cavalo e fica ao lado dele. Os dois permanecem ali, de costas um para o outro, lutando contra os poucos vampiros que ainda restam.

Blake, encorajado, consegue matar o vampiro que está na frente dele, enquanto Caitlin mata mais um, e se concentra nos outros dois.

Ela ataca um deles, perfurando seu coração, mas ao fazer isso, abre sua guarda. O outro vampiro parte para cima dela, com a intenção de atingir seu fígado, e Caitlin vê quando ele se aproxima.

Mas ela não consegue reagir a tempo, ela sabe que é tarde demais, e que certamente irá morrer.

Ela se prepara para sentir dor – mas para sua surpresa, ela não sente nada. Ao invés disso, ela ouve um grito terrível, e ao se virar vê que Blake tinha entrado na frente, e levado o golpe em seu lugar. O vampiro tinha acertado o golpe bem no coração dele.

Caitlin se aproxima do vampiro e corta sua cabeça. Quando faz isso, seu bracelete, o presente que tinha recebido de Blake, escapa de seu pulso, caindo no chão.

Ao mesmo tempo, o vampiro desaba, morto.

Blake cai de joelhos, morrendo.

Quando despenca no chão, Caitlin o segura, deitando seu corpo gentilmente no chão. Ela estica o braço e tenta remover a espada de seu coração, mas ele geme de dor, e ela sabe que não deve fazer mais nada.

Ela segura a cabeça dele entre as mãos, ajoelhando-se sobre ele, chorando.

“Eu quero que você saiba,” ele diz com muito esforço, com sangue escorrendo pela boca, “que nunca traí você.”

“Eu sei,” Caitlin diz, entre lágrimas. “Blake, eu sinto muito.”

Ele balança ligeiramente a cabeça, e então abre um pequeno sorriso com sangue nos lábios.

“Eu amo você,” ele diz. “E sempre amarei.”

Ele coloca sua mão nas dela, colocando algo nelas, e então fecha os olhos, morto.

Ela olha para baixo, e vê que é um pedaço de vidro do mar. O vidro de Pollepel.

Caitlin inclina seu corpo e chora, é um lamento de luto. Ela nunca tinha sofrido tanto, e daria qualquer coisa para que a espada a tivesse atingido no lugar dele.

A multidão, a princípio em choque, agora solta gritos entusiasmados de aprovação.

“CAITLIN! CAITLIN!” Eles clamam, e seus gritos e batidas sacodem toda a arena.

Claramente não é a reação que Kyle e os juízes esperavam.

Eles se levantam apressados e saem da plataforma, encerrando os jogos do dia.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Caitlin corre. Ela corre em meio a um campo florido, com flores até a altura de sua cintura, em várias cores. O dia está ensolarado, e o sol brilha no céu acima dela, enquanto seu pai a aguarda, à distância.

Mas enquanto corre, as flores se transformam em espadas, enfiadas na terra, com as pontas para cima e balançando com o vento. Ela corre através delas, cortando caminho em direção de seu pai.

Desta vez, não há nada separando os dois.

Enquanto ela corre sem parar, ele se aproxima. Ela corre o mais rápido que consegue, e logo está em seus braços.

Ela não consegue acreditar, mas realmente está nos braços dele.

Ele a abraça, e ela pode sentir a força dele cursando todo seu corpo. É o abraço de um pai a ama, o pai que ela sempre havia sonhado em ter. Ela quer esticar o pescoço, olhar para o seu rosto, mas se contenta em simplesmente estar nos braços dele.

“Estou orgulhoso de você,” ela fala, ainda a abraçando. “Você puxou para mim.”

Ela sorri, completamente envolta pelo calor do corpo dele.

“Quando verei você?” ela pergunta.

“Amanhã,” ele responde com convicção.

Ele a afasta um pouco, observando-a com atenção. A força dos olhos dele parecem queimar sua pele; seus olhos são como dois sóis, que enxergam através dela, e ela quase vira o rosto tamanha sua intensidade.

“Amanhã. Ficaremos juntos, para sempre.”

Caitlin se senta, ofegante.

Ela olha a sua volta, e percebe que tinha sido apenas um sonho. Ela ainda está em sua cela. Ele tinha sido tão real, como se seu pai realmente estivesse ali, ao seu lado, dentro da cela. Ela massageia seus braços e ombro, ainda sentindo o calor do corpo dele.

O que significava aquele sonho? Ele tinha sido tão diferente dos outros. Ela nunca tinha sonhado assim antes.

Ela o veria no dia seguinte. Isso significava que esse seria seu último dia na terra? Que ela logo estaria cruzando para o outro lado, para encontrá-lo no céu?

Ela relembra o dia anterior, a difícil luta que tinha enfrentado. Ela fica em pé e alonga seus músculos devagar, sentindo dor em cada um deles. Ela está coberta de arranhões, hematomas e cortes - feridas que, para um vampiro, deveriam ter cicatrizado mais rápido. Mas esses são ferimentos mais profundos: cortes feitos por espadas, perfurações por lanças e mordidas de leões. Ela está enferrujada, e apenas caminhar pela cela lhe causa muita dor. Ela não faz ideia como sobreviverá a mais um dia de batalha.

Mais que qualquer outra coisa, ela sofre ao pensar em Blake. Ela se lembra de seus últimos momentos em vida, de seu sofrimento ao ser morto por aqueles vampiros. E de sua morte em seus braços, e suas últimas palavras. Ela queria ter morrido junto a ele.

Ela tinha estado tão enganada a respeito dele, deveria ter corrido para defendê-lo antes. Ela se culpa, e gostaria de ter levado o golpe em seu lugar.

Caitlin olha para cima, e vários guardas vampiros aparecem de repente, com algemas de prata nas mãos. Eles abrem a grade de ferro, e ela sabe que dentro de instantes será levada para cima para começar o segundo round.

Ela pensa em seu pai, e no fato de que estariam juntos em breve. Ao menos isso lhe serve de consolo. Talvez, tudo aquilo estava prestes a acabar.

* * *

Parada na entrada do túnel, Caitlin tem as algemas removidas pelos guardas, e caminha livremente até o centro da arena do Coliseu. Ela não precisa de motivação desta vez, está animada para começar o dia, ansiosa para lutar de novo, para finalmente encarar o seu destino. Ela está cansada, profundamente exausta. Todas as pessoas que ela amava, ela tinha perdido. Sam.

Caleb. Blake. Seu pai. Rose. Jade... Suas perdas parecem não ter fim.

Ela está cansada de tentar controlar as coisas. Se este seria seu último dia de vida – e ela sente que é – então ela está preparada. Ela morreria com estilo. Ela daria a estes vampiros macabros o espetáculo que tanto queriam, e lutaria com mais valentia e força do que jamais tinham testemunhado.

Ao entrar no Coliseu, milhares de vampiros se levantam, chamando o seu nome: "CAITLIN! CAITLIN!"

Caitlin olha para cima e vê o juiz ficar em pé em sua plataforma, com Kyle ao seu lado. Os dois fazem uma careta para ela.

"E agora," grita o juiz, "os elefantes!"

Um grito de excitação toma conta da arquibancada. Do outro lado do Coliseu, portas enormes são abertas.

Caitlin não consegue acreditar. Correndo na direção dela, em fila única, uma manada de elefantes se aproxima. O chão treme a cada passo dos animais.

Eles erguem suas cabeças e urram. O próprio barulho quase estoura seus tímpanos.

A multidão, animada, atíça as feras.

Em cima de cada elefante, há um vampiro perverso. Esses vampiros são diferentes – maiores que os outros, cobertos por uma armadura brilhante da cabeça aos pés, e máscaras grotescas em seus rostos. Eles carregam espadas longas, lanças, arcos e flechas, e todos os tipos de armamentos.

Caitlin olha para sua espada insignificante, e percebe que absolutamente em menor número. Aquela não seria uma luta justa.

Ela fecha os olhos e respira fundo. Ela tenta entrar em outra dimensão, atingir um estado em que lutar significaria não lutar. Ela tenta se lembrar de todos os ensinamentos de Aiden.

Quando estiver em menor número, quando a força inimiga superar a sua, não resista. Use a força do inimigo contra ele.

Caitlin tenta bloquear todo o barulho, todo o movimento em volta dela. Ela se esforça para se concentrar no elefante mais próximo, o que está vindo em sua direção.

O vampiro em cima do elefante se prepara para usar sua lança. Ela finge não perceber e, segundos depois, ele a arremessa. No último segundo, ela rola na direção oposta, e deixa que a lança acerte o chão ao seu lado.

Foi por pouco, e a multidão suspira, desapontada.

Ela rola de novo, remove a lança do chão e assume uma posição de ataque, abaixada. O elefante está a apenas alguns metros dela, e ao levantar sua imensa pata, prestes a esmagá-la, Caitlin coloca a enfia no chão, apontada para cima, e sai do caminho.

O terrível grito do elefante machucado preenche o ar, quando a fera pisa em cima da ponta da lança. Seu grito faz todo o estádio tremer, quando a lança é enfiada completamente no pé do elefante.

O elefante cai de joelhos com um tremendo barulho, e o vampiro montado nele é arremessado, batendo com a cabeça no chão. Quando o animal desaba, sua barriga esmaga o vampiro, que está embaixo dele.

Os elefantes que vêm logo atrás, não conseguem parar a tempo. Eles tropeçam sobre o animal caído, e todos caem no chão, rolando para todos os lados. OS vampiros são arremessados pelo ar.

A multidão vibra.

Caitlin aproveita a oportunidade criada pelo caos. Ela pega a lança no chão e a arremessa, perfurando o pescoço de um dos vampiros.

Ela sobe em cima de um elefante, arranca a espada da mão de um vampiro desorientado, e corta a cabeça dele. Ela salta de um elefante a outro, rastreando cada um dos vampiros e golpeando-lhes com a espada. Em questão de minutos, ela tinha matado praticamente todos os eles, que estavam abalados demais para reagir. Exceto um, que tinha conseguido desviar do golpe de sua espada. Ele vira, e bate o escudo com força em na cabeça dela.

Ela sente uma forte dor na cabeça, e cai com o rosto no chão.

Ele aproxima a lança, mirando no pescoço de Caitlin, mas ela rola para o lado bem a tempo.

Ela levanta a perna e dá um chute forte, no meio das pernas dele, e quando ele se ajoelha, ela pega um impulso e chuta seu rosto. Ele cai, desmaiado.

Ela acerta a postura, ergue a espada e, antes que ele possa se levantar novamente, decapita o ultimo dos vampiros.

O estádio, atordoado pelos acontecimentos, permanece em completo silêncio.

E então, de repente, em coro, todos se levantam, clamando pelo seu nome.

O júíz, insultado, praticamente salta em pé.

“TRAGAM O GIGANTE!” ele grita.

Antes que Caitlin possa recuperar o fôlego, outro compartimento se abre, e de dentro sai um gigante enorme.

A multidão se anima.

Caitlin não consegue acreditar em seus olhos.

Ela nunca tinha visto um monstro assim antes. A criatura tem mais que trinta metro de altura e, como ciclope, tem apenas um olho no centro da cabeça. Ela nunca teria imaginado que coisas assim existissem neste planeta, e pode ver os músculos da fera em todo o seu corpo.

Ele joga a cabeça para trás e rugue, e o Coliseu treme; seu rugido é ainda mais alto que o barulho dos elefantes, se é que isso é possível.

Caitlin engole em seco; ela não faz ideia de como lutar contra uma criatura dessas.

Antes que ela possa reagir, o gigante a surpreende com sua inesperada velocidade, ao dar um grande passo na direção dela e, com a mão, dando-lhe um tapa que a arremessa para longe.

Caitlin é lançada para o outro lado do estádio, dezenas de metros, bate em uma parede e fica sem fôlego.

Os espectadores vibram.

Caitlin está no chão, com uma tremenda dor de cabeça, tentando recuperar o fôlego. Ela ainda não acredita que algo tão grande consiga se movimentar tão rápido.

O gigante ataca de novo, tentando esmagá-la com o punho fechado.

Ela rola para longe do alcance dele a tempo, e o ataque do monstro deixa um buraco no chão, onde sua mão havia acertado.

Caitlin rola para o outro lado, pega sua espada e, com um golpe certeiro, a enfia no punho do gigante, antes que ele levante a mão novamente. Seu plano funciona: ela consegue decepar a mão dele.

O gigante joga a cabeça para trás e grita, com sangue saindo pelo braço em um fluxo contínuo, caindo sobre ela, e sobre os espectadores vampiros. Ao invés de ficarem horrorizados com a cena, a multidão aprecia o gesto, chegando até mesmo a lamber o sangue que espirra sobre eles.

O gigante, enfurecido, persegue Caitlin, querendo vingança. Mas ele também está cego pelo ódio, e não consegue pensar direito. Ele ataca Caitlin descontroladamente, sem conseguir acertá-la. Caitlin corre sem parar, tentando alcançar a lança que tinha visto instantes antes.

Finalmente, ela a alcança. Caitlin pega a lança e dá uma cambalhota, escapando mais uma vez do gigante, e então se afasta e arremessa a lança, mirando no olho do gigante.

Um golpe certeiro. A lança longa atravessa o olho do gigante, saindo pelo outro lado.

Por um Segundo, ele fica paralisado e, então, despenca como uma árvore podada, fazendo estremecer o chão do Coliseu de tal forma que os vampiros nas arquibancadas sentem o impacto.

A multidão vai à loucura. Eles ficam em pé, gritando e fazendo barulho.

“Ela ganhou o perdão!” alguns espectadores gritam. “Soltem ela! Soltem ela!”

Um coro de aprovação é ouvido por todo o estádio, mas o juiz é irredutível. Ao invés disso, ele olha para Kyle, que assente com a cabeça, se levantando. A multidão se silencia.

“Tragam o último guerreiro!” ele ordena.

Caitlin está tão cansada e sem fôlego, tão desorientada, que não consegue imaginar o que mais poderiam ter reservado para ela. Ela está certa que, o que quer que seja, ela não terá forças suficientes para se defender.

As portas se abrem e um único guerreiro entra na arena; um homem com aproximadamente a mesma altura que a sua, do mesmo tamanho e muito parecido com ela. Ele veste uma armadura preta, e está armado com uma espada brilhante e um escudo.

Com o capacete aberto, ela consegue ver claramente o seu rosto. É o único guerreiro que ela tem certeza que nunca conseguiria matar.

Diante dela, está seu irmão Sam.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O coração de Caitlin se confunde com as emoções.

Sam. Seu irmão mais novo. Aqui. No passado. Em Roma. E no Coliseu, de todos os lugares possíveis. Por um lado, ela fica feliz em vê-lo.

Por outro lado, ele está na frente dela, com traje de batalha, encarando-a, com uma arma nas mãos. E com um olhar que obviamente demonstra sua vontade de matar. Como aquilo era possível? Como ele tinha chegado a esse ponto? O que tinham feito com ele?

Ela pode sentir, mesmo estando longe dele, que ele tinha se transformado em vampiro. Ela tenta ler seus pensamentos, mas não consegue; é como se ele estivesse deliberadamente bloqueando seus sentimentos.

Mais do que qualquer outra coisa, o que ela mais sente é tristeza. E também se sente traída. Confusa. Não bastava que ele tivesse estragado tudo no século XXI? Ele tinha que voltar no tempo, e dificultar as coisas para ela? E depois de tudo que ela havia feito por ele.

Durante toda a vida, ela sempre havia cuidado dele, sempre tinha sido seu porto seguro, a pessoa a quem ele podia recorrer. Ela sempre tinha tentado ajudá-lo, tinha salvado sua pele várias vezes. E tudo que tinha feito se resumiria a isso? Ele realmente a odiava tanto, a ponto de matá-la, ou estaria apenas confuso? Sob a influência de alguma magia do coven maligno?

“Sam!” ela grita. “Sou eu, Caitlin. Sua irmã!”

Ela espera que ao ouvir as palavras, ele saia do transe, que desperte e a reconheça, baixando as armas.

“Eu não quero lutar contra você!” ela grita. “Eu não quero machucá-lo!”

A multidão vaia.

Sam caminha até o centro da arena, aproximando-se cada vez mais. Mas ao invés de baixar suas armas, como ela esperava ele abaixa o visor do capacete, produzindo um som metálico, e ergue sua espada e seu escudo.

A multidão grita sua aprovação, e até mesmo Kyle sorri com a cena.

O coração de Caitlin bate acelerado, ela realmente não quer ser forçada a machucar seu irmão.

Antes que consiga pensar, antes que possa decidir sobre o que fazer, ela se vê sendo atacada por Sam.

Ele a ataca usando a espada com uma velocidade incrível, e Caitlin mal tem tempo de sair da de seu caminho.

Os espectadores vampiros gritam.

“Sam!” ela chama, desesperada e com medo. Ela teme que ele vá machucá-la – mas acima de tudo, tem medo que seja forçada a machucá-lo. “Por favor, me escute!”

Mas ele a ataca novamente, e ela inclina o corpo para trás, mal conseguindo desviar. Ele é mais rápido do que ela havia previsto, e extremamente forte.

Ao partir para cima dela com uma sequência de golpes, ela ergue o escudo. Ela consegue bloqueá-los, mas sente-se sendo empurrada cada vez mais para trás. Ela não consegue se forçar a atacá-lo. Mas seus golpes são tão fortes e inesperados, que tiram totalmente seu equilíbrio.

Ela tropeça e cai no chão, e a multidão fica em pé, gritando, sentindo o cheio de sangue no ar.

“MATE-A!” eles gritam, em pé.

“Tragam-me uma lança!” Sam grita.

Caitlin fica chocada ao ouvir a voz de seu irmão mais novo; é a voz de um homem.

Kyle, do alto da arquibancada, faz sinal para um ajudante, que se aproxima correndo e entrega uma grande lança dourada nas mãos de Sam.

Caitlin aproveita a oportunidade para se levantar, recuar e considerar todas as suas opções. O que ela poderia fazer? Matar seu próprio irmão? Não. Ela não faria isso. Ela está cansada de lutar. E se até mesmo seu próprio irmão a quer ver morta, que razão ela tem para viver?

Ela o encara, torcendo uma última vez para que ele desperte, que perceba que ela é sua irmã.

Então, ela larga a espada. E seu escudo. E depois, Caitlin fecha os olhos. Ela permanece imóvel, indefesa, completamente sem guarda, um alvo fácil.

Sam olha para ela, e lentamente ergue a pesada lança dourada.

“MATE-A! MATE-A!” canta a multidão.

Caitlin abre os olhos.

Nesse momento, ela sente tudo acontecendo em câmera lenta. Ela enxerga cada detalhe e ouve o menor som, à medida que o resto do mundo lentamente se cala. Ela sente a brisa acariciando seu rosto, e nota o brilho do sol. Ela tem a forte sensação que aqueles seriam seus últimos instantes de vida.

E ela se sente preparada, ela finalmente irá ver seu pai. E que maneira para chegar a um primeiro encontro, ela pensa - enviada pelas próprias mãos de seu irmão.

Sam dá um passo adiante, ergue o braço e, de repente, arremessa a lança.

Ao abrir os olhos, Caitlin se surpreende com o que vê.

No último Segundo, Sam havia dado meia volta, e arremessado a lança não na direção dela – mas para o alto, no rumo das arquibancadas.

Diretamente para Kyle.

Tudo acontece tão rápido, e de forma tão inesperada, que Kyle não tem tempo para reagir.

Antes que ele possa desviar, a lança atravessa seu braço, e continua indo, até atingir o coração do juiz. Os dois dão um grito, e ficam presos um ao outro.

A multidão se levanta, em estado de choque e indignação.

“Matem eles!” Kyle ordena.

Mas antes que eles possam reagir, o céu escurece repentinamente.

Voando sobre o Coliseu, centenas de vampiros de repente mergulham na direção do centro da arena.

Caitlin não precisa olhar para saber quem é.

No céu à frente do grupo, liderando-o, está Caleb. Ao seu lado estão Samuel, Aiden, Polly e centenas de outros vampiros.

Caleb não perde tempo; ele mergulha direto até Kyle, agarrando-o pelo pescoço e arrastando-o até as arquibancadas.

Centenas de vampiros descem também, preparados para lutar contra milhares de outros. É uma guerra aberta, um combate corpo a corpo. Sam se aproxima de Caitlin correndo e remove o capacete.

“Espero que entenda,” ele diz. “Eu tinha que enganá-los, para pegá-los desprevenidos. Eu nunca tive a intenção de machucá-la; foi o único modo que encontrei,” ele explica. “Estou aqui, voltei ao passado, por que a amo - e por que estou arrependido.”

Eles se abraçam, mas não têm tempo a perder: Milhares de vampiros estão descendo das arquibancadas, prontos para atacá-los. Sam se vira para ela.

“Você ainda consegue voar?”

Ela afirma que sim com a cabeça, e ambos alçam voo, subindo cada vez mais acima do Coliseu, deixando os vampiros que os seguem para trás.

Ao sobrevoarem as arquibancadas, eles passam por Kyle, que luta com Caleb.

Caleb parece estar vencendo, mas por um momento, ele escorrega; Kyle aproveita a oportunidade, pega sua espada, e se prepara para atacar Caleb.

Sam e Caitlin mergulham; e Caitlin consegue chutar a espada das mãos de Kyle bem a tempo; Sam logo atrás dela, chuta Kyle no rosto, com força, e o arremessa para fora da arquibancada. Caitlin estica o braço e segura Caleb.

“Você está bem?”

Ele olha para ela.

“Caitlin,” ele diz, com os olhos mareados. “Eu agora sei; sei quem você é. Eu me lembro de tudo,” ele a abraça com força. “E sinto muito.”

Todo o seu corpo se aquece ao ouvir essas palavras, e Caitlin devolve o abraço. Ela se afasta um pouco dele e o

observa intensamente.

“Eu sei onde ele está,” ela fala rapidamente para Caleb. “O Escudo.”

Sam e Caleb se aproximam, ansiosos para ouvi-la, com os olhos abertos de curiosidade.

“Sigam-me,” ela pede.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Caitlin, Caleb, e Sam sobrevoam Roma, com pressa para percorrer a curta distância entre o Coliseu e o Vaticano. Caitlin nunca havia visitado o Vaticano antes, e segue os passos de Caleb. Ela tinha achado, por um momento, que Caleb não a acompanharia. Ainda no Coliseu, ele a princípio não queria partir; estava decidido a descer e encontrar Kyle no meio da multidão e conseguir sua vingança pela morte de Jade. Mas Caitlin havia implorado para que ele deixasse isso para outra hora. Ela havia argumentado que ele colocaria todos eles em risco ao se envolver em uma luta com milhares de vampiros, e que o que eles estavam buscando era mais importante para a espécie deles: encontrar o Escudo. Finalmente, e com relutância, ele havia concordado.

Ao fazerem uma curva, a cidade do Vaticano surge no horizonte, e Caitlin fica espantada. Por algum motivo, ela esperava que o Vaticano fosse um único prédio, e se surpreende ao perceber que na verdade, é uma cidade inteira. De onde está, ela consegue ver vários prédios, dominados pelo grande domo da Basílica de São Pedro. A magnitude do lugar a deixa sem fôlego.

“Teremos que descer na entrada principal,” Caleb diz. “O Vaticano é fortemente protegido por pessoas da nossa espécie. Não há como entrar ou sair sem permissão. É o coven mais antigo e poderoso de todos. Ninguém nunca tentou atacá-los, nem mesmo o coven de Kyle, e provavelmente nunca tentarão. Eles guardam relíquias vampiras e segredos completamente desconhecidos pelo mundo exterior. Eles também têm armas nunca antes vistas. Se chegarmos até a porta deles, e não conseguirmos sua permissão, eles podem nos matar ali mesmo; bater na porta deles não é algo que se faça sem pensar. A única maneira que eles nos deixarão entrar, é se eles a considerarem um deles, um membro do coven deles. Isso vai depender de quem era o seu pai. Vamos torcer.”

Caitlin sente uma presença atrás dela e, ao virar para trás vê, no horizonte, uma nuvem negra.

Centenas de vampiros do Grande Conselho os tinham seguido. Caitlin vê Kyle à frente do grupo, com o braço sangrando e com o rosto contorcido pelo ódio.

“Parece que temos companhia,” ela fala.

Caleb e Sam se viram, e fazem uma careta.

“Eles não perdem tempo,” Caleb comenta.

Os três dão um mergulho profundo, direto para a entrada do Vaticano.

Eles correm até as imensas portas, e elas se abrem de repente. Um homem velho, baixinho e vestindo um manto e capuz brancos, caminha até eles.

Ele remove o capuz e revela lindos olhos verde claros, brilhantes. Ele observa os três, e então dá um passo na direção de Caitlin.

“Você chegou,” ele diz a ela.

Está claro que ele a estava esperando. Os três trocam olhares, aliviados.

O homem vira e eles o seguem, e a porta se fecha atrás deles. Alguns segundos depois, eles ouvem batidas fortes na porta, à medida que centenas de vampiros tentam entrar. Caitlin, Caleb e Sam se viram, prontos para lutar.

“Não se preocupem,” o homem diz, calmamente. “Vampiros comuns são impotentes contra este prédio.”

Caitlin olha para cima, e vê vários vampiros tentando voar por cima dos muros, mergulhando.

Mas quanto tentam fazer isso, eles são jogados para trás, como se batessem em um escudo invisível.

“Estamos protegidos. Apenas pessoas do bem podem entrar.”

Eles atravessam rapidamente um corredor, passando por um lindo gramado interno, com um fonte no meio. O lado de dentro do prédio se parece bastante com um mosteiro, e eles passam por vários arcos de pedra.

Eles seguem o homem até outro prédio, e descem por um corredor comprido. O teto do lugar é alto e arqueado, coberto de afrescos coloridos.

Eles caminham por um tempo, em ritmo acelerado. O caminho parece não ter fim, até que finalmente chegam a outro corredor, sobem um lance de escadas, e chegam ao lugar mais incrível que Caitlin já tinha visto.

Ela olha para cima, admirada.

“A Capela Sistina,” Caleb sussurra em seu ouvido.

Os três entram na grande sala, e ela não consegue parar de admirar o trabalho de Michelangelo. Cada centímetro do teto, por vários metros, está coberto de cenas coloridas com maestria. É tão vibrante, tão real, que parece ser de verdade.

Caitlin ouve um barulho e vê centenas de vampiros na sala, vestido de branco, com capuzes, alinhados pacientemente contra as paredes.

No centro da sala, erguido sobre um pequeno trono, há um altar, e diante dele, mais três vampiros. A roupa deles é mais elaborada que a dos outros, seus mantos têm bordas douradas. O vampiro que os lidera faz um gesto para que os três se aproximem do altar.

Caitlin caminha lentamente até o trono e fica diante dos três vampiros, acompanhada por Caleb e Sam. Seu coração está disparado. Seu pai era um daqueles homens? Que coven era esse exatamente? Ela se sente mais próxima de seu pai do que jamais havia estado, tem a sensação de que eles estão ali naquela sala com ela.

O vampiro do meio remove seu capuz devagar, e a encara com olhos azuis brilhantes. Seu olhos são tão grandes, tão translúcidos, que ela tem a sensação que eles não fazem parte desse mundo.

“Nós somos os membros do coven mais sagrado, mais antigo e mais poderoso de todos os tempos. Vivemos milhares de anos mais que todos os outros, e guardamos segredos que ninguém mais está à altura para guardar. É graças a nós que a raça humana e vampira conseguiram sobreviver tanto tempo. Poucos sabem de nossa existência – e muitos menos fazem parte de nosso grupo. Seu pai é um de nós. O que significa que você também é uma de nós.”

O coração de Caitlin bate dentro de seu peito. As consequências de tudo aquilo lhe parecem não ter fim. Esse era o coven de seu pai; ali, no Vaticano. Ela sente tanto orgulho dele, e também se sente um pouco especial. Mas ela ainda tem milhares de perguntas.

Ele de repente estende uma pequena caixa, incrustada de joias.

“Sua chave, por favor,” ele diz.

Caitlin olha para ele, confusa.

Chave?

Ela não tem nenhuma chave. Ela tinha sido confundida com alguma outra pessoa? Ele olha para ela e aponta para seu colar.

Caitlin coloca a mão no pescoço e o sente, tendo se esquecido de sua presença. Seu colar. Ela remove o colar, dá um passo a frente, e lentamente o insere na pequena fechadura. Ele vira e, para sua surpresa, a caixa se abre suavemente. Dentro dela, há outra chave, grande e dourada.

“Pegue,” ele diz. “Ela pertence a você.”

Caitlin estica o braço e pega a chave, com os pensamentos a mil. Ela é pesada, e lisa. Caitlin pode sentir o grande poder que ela detém.

“Essa é uma de quatro chaves,” o homem diz. “Somente você pode encontrar as outras três. Quanto tiver as quatro chaves, conhecerá seu pai. E ele lhe dará o Escudo. Você tem uma missão sagrada,” ele completa. “Você tem que encontrá-lo. Por todos nós.”

“Mas onde ele está?” ela pergunta.

“Ele não vive nesta época,” ele responde. “Você terá que voltar no tempo, ainda mais.”

A mente de Caitlin dá voltas. Voltar no tempo? De novo?

O vampiro assente, e as centenas de vampiros em volta deles se aproxima, fazendo um círculo. Os três vampiros dão um passo à frente, e cada um deles estende um cálice incrustado de joias, e cheio de um líquido branco.

“Sangue branco,” Ele diz. “O sangue mais sagrado. Cada um de vocês deve dar três goles.”

Caitlin, Caleb, e Sam pegam os cálices. Caitlin bebe, dando três goles, curiosa sobre o que iria acontecer. Ela se surpreende com o gosto adocicado.

Cada vez mais vampiros se aproximam deles. Eles abaixam as cabeças, como se estivessem rezando, e começam a cantar.

“...para ressuscitar outro dia,” eles terminam a invocação, “com a graça Divina.”

Não, Caitlin pensa.

Ela começa a ficar tonta. Isso não pode estar acontecendo. Não agora. Há tantas perguntas que ela quer fazer. Quem eram aquelas pessoas? Quanto tempo tinham vivido? Como conheciam seu pai? Como ele era? Qual era o próximo passo de sua missão? Para que época a estavam mandando?

E ela tem tantas perguntas para fazer para Caleb.

Do quanto ele se lembrava? Ele voltaria junto com ela dessa vez? Ele se lembraria? E acima de tudo, ele ainda a amava? Ele a amaria de novo? Teriam outro filho?

Ela precisava de tempo para se preparar para a transição, apenas alguns minutos. Mas não é assim que as coisas aconteceriam.

Enquanto os vampiros continuam a cerimônia, repetindo os versos pela segunda vez, ela se sente cada vez mais tonta. Ela segura a mão de Caleb com força, e sente que ele também aperta sua mão. A sensação de estar perto dele é boa, faz bem estar ao seu lado. Ela espera que nunca mais se separem; espera que desta vez, voltem no tempo junto e nunca mais saiam de perto um do outro. Ela não quer ficar longe dele nunca mais.

Ao repetirem os versos pela terceira vez, ela sente ele se aproximar e sussurrar, "Eu amo você, Caitlin. E sempre a amarei."

Ela sente seu corpo ficando cada vez mais leve, levitando na direção do teto, subindo para o céu, até o lugar distante onde céu e terra se encontram.

E ela sabe - simplesmente sabe - que há algo maior neste mundo. Uma abertura no universo onde o destino e o amor prevalecem. E que não importa o que acontecesse, ela e Caleb ficariam juntos novamente.